ASIMOV

AZAZEL

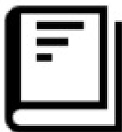


Isaac Asimov

AZAZEL

Tradução de RONALDO SÉRGIO DE BIASI

Título original norte-americano AZAZEL



AZAZEL

Nas ruínas de um castelo inglês, o lingüista George Bimnul encontrou manuscritos de um rei dinamarquês do século XI que continham a chave para conjurar demônios. Ao proferir estranhas palavras, George passou a invocar uma pequena criatura a qual denominou Azazel. Esta é a origem de uma dupla que viria a aprontar as maiores confusões. Suas aventuras são narradas por Isaac Asimov em dezoito histórias que encantarão tanto os apreciadores da fantasia quanto a legião de fãs do mestre da ficção científica.

Com apenas dois centímetros de altura, Azazel possui um gênio impulsivo e poderes mágicos fabulosos. Embora se recuse a usá-los em beneficio de George, o pequeno demônio está sempre disposto a ajudar parentes e amigos daquele que o trouxe a este universo tão diferente do seu. Mas, por não conhecer bem nossos costumes e os meandros da alma humana, suas intervenções bem-intencionadas invariavelmente resultam em inesperadas e hilariantes confusões.

Narradas com muito humor e no impecável estilo de Isaac Asimov, as histórias de George e Azazel foram publicadas pela primeira vez em The Magazine of Fantasy and Science Fiction e em Isaac Asimov's Science Fiction Magazine. Em “O Demônio de Dois Centímetros”, escrito especialmente para este livro, o autor conta como surgiu esta criaturinha travessa que cativará o leitor com suas diabólicas aventuras.

Créditos

"***Uma Noite de Música***" apareceu no número de abril de 1982 de The Magazine of Fantasy and Science Fiction (F ã SF). Copyright© 1982 by Mercury Press, Inc.

"***O Sorriso Roubado***" apareceu no número de novembro de 1982 de F & SF. Copyright © 1982 by Mercury Press, Inc.

"***Ao Vencedor***" apareceu no número de julho de 1982 de Isaac Asimov's Science Fiction Magazine (lASFM). Copyright © 1982 by Davis Publications, Inc.

"***O Ruído Abafado***" apareceu no número de 18 de setembro de 1982 de lASFM. Copyright © 1982 by Davis Publications, Inc.

"***Salvando a Humanidade***" apareceu no número de setembro de 1983 de lASFM. Copyright © 1983 by Davis Publications, Inc.

"***Uma Questão de Princípios***" apareceu no número de fevereiro de 1984 de lASFM. Copyright © 1984 by Davis Publications, Inc.

"***Os Males da Bebida***" apareceu no número de maio de 1984 de lASFM. Copyright © 1984 by Davis Publications, Inc.

"***Tempo para Escrever***" apareceu no número de julho de 1984 de lASFM. Copyright © 1984 by Davis Publications, Inc.

"***Deslizando na Neve***" apareceu no número de meados de dezembro de 1984 de lASFM. Copyright © 1984 by Davis Publications, Inc.

"***Lógica é Lógica***" apareceu no número de agosto de 1985 de lASFM. Copyright © 1985 by Davis Publications, Inc.

"***Mania de Viajar***" apareceu no número de novembro de 1985 de lASFM. Copyright © 1985 by Davis Publications, Inc.

"***Os Olhos de Quem Vê***" apareceu no número de janeiro de 1986 de lASFM. Copyright © 1986 by Davis Publications, Inc.

"***Mais Coisas no Céu e na Terra***" apareceu no panfleto "Science Fiction by Isaac Asimov". Copyright © 1986 by Nightfall, Inc.

Introdução

Em 1980, Eric Potter me pediu para escrever mensalmente um conto de mistério para uma revista da qual ele era o editor. Concordei, porque não consigo dizer não a pessoas simpáticas (todos os editores que conheço são pessoas simpáticas).

O primeiro conto que escrevi foi uma espécie de mistério-fantasia, estrelado por um pequeno demônio de dois centímetros de altura. Intitulei-o "Ajuste de Contas". Eric Potter aceitou-o e publicou-o. No conto havia um personagem chamado Griswold, que era o narrador, e três outros homens (incluindo um personagem que era eu mesmo, embora isto não fosse declarado explicitamente, e que contava a história para os leitores), que eram sua audiência. Os quatro costumavam se encontrar toda semana no Clube Union. Eu pretendia escrever uma série de contos a respeito desses encontros no Clube Union.

Quando, porém, escrevi uma segunda história com o mesmo pequeno demônio de "Ajuste de Contas" (o novo conto se chamava "Uma Noite de Música"), Eric recusou-se a publicá-la. Ele me explicou que, na sua opinião, um pouco de fantasia não tinha importância, mas não queria que isso se tornasse um hábito.

Assim, coloquei de lado "Uma Noite de Música" e escrevi uma série de contos de mistério sem nenhum elemento de fantasia. Trinta dessas histórias (que, de acordo com as recomendações de Eric, não podiam ter mais de 2.000 a 2.200 palavras) foram mais tarde reunidas no meu livro The Union Club MisterIes (Doubleday, 1983). Não incluí "Ajuste de Contas" nessa coleção porque achei que, como o personagem principal era o pequeno demônio, não combinava com o resto das histórias.

Entretanto, eu não havia esquecido "Uma Noite de Música". Odeio desperdícios, e não suporto a idéia de deixar algo que escrevi sem ser publicado. Por isso, procurei Eric e disse: "Aquela história "Uma Noite de Música", que você não quis publicar... posso submetê-la a outra editora?"

Ele respondeu: "Claro que sim, contanto que você mude os nomes dos personagens. Quero que as histórias a respeito de Griswold e seus amigos sejam uma exclusividade da minha revista!"

Foi o que fiz. Mudei o nome de Griswold para George e reduzi a audiência para apenas uma pessoa, o personagem que contava a história e que era eu mesmo. Depois de fazer isso, vendi "Uma Noite de Música" para The Magazine of Fantasy and Science Fiction (F & SF). Pouco depois, escrevi outra história da

série que já me havia acostumado a chamar de “Histórias de George e Azazel” (Azazel era o nome do demônio). Esta segunda história, “O Sorriso Roubado”, também foi comprada pela F & SF.

Acontece que sou diretor editorial de uma revista de ficção científica, a Isaac Asimov's Science Fiction Magazine (lASFM), e Shawna McCarthy, na época a editora da revista, alegou que não era justo que eu publicasse meus contos na F&SF.

Eu disse a ela: “Shawna, essas histórias de George e Azazel são contos de fantasia, e a lASFM é uma revista de Ficção científica.”

Ela replicou: “Então, transforme o pequeno demônio e sua mágica em um pequeno ser extraterrestre com uma tecnologia avançada e venda as histórias para mim.”

Eu fiz isso, e como gostava das histórias de George e Azazel, continuei a escrevê-las, de modo que agora posso incluir dezoito delas neste livro, que chamei de Azazel. (Apenas dezoito histórias puderam ser incluídas porque, livre das limitações impostas por Eric, pude tornar as histórias de George e Azazel duas vezes mais compridas que as de Griswold.)

Além disso, deixei mais uma vez de fora “Ajuste de Contas”, por achar que não tinha exatamente o mesmo sabor que as histórias subseqüentes. Por ser a inspiração original de duas séries diferentes, “Ajuste de Contas” teve a triste sina de não se encaixar bem em nenhuma delas. (Não importa: o conto já apareceu em uma antologia, e pode aparecer no futuro com outros disfarces, de modo que o leitor não precisa ficar com muita pena.) Existem algumas observações que eu gostaria de fazer a respeito das histórias. Coisas que vocês provavelmente vão observar sozinhos, mas acontece que sou um tagarela.

1) Como já disse, omiti a primeira história que escrevi a respeito do pequeno demônio porque achei que não combinava com as outras. Minha linda editora Jennifer Brehl, porém, alegou que era indispensável uma primeira história contando como eu e George nos conhecemos e como o pequeno demônio passou a fazer parte da vida de George. Como Jennifer, embora seja um anjo de doçura, é impossível de contrariar quando cerra os pequenos punhos, escrevi um conto chamado “O Demônio de dois Centímetros” que atende a suas exigências e é a primeira história deste livro. Além disso, Jennifer decidiu que Azazel seria um demônio, e não um extraterrestre, de modo que estamos de volta ao terreno da fantasia. (A propósito: Azazel é um nome bíblico, e a maioria dos entendidos pensa tratar-se do nome de um demônio, embora a história seja um pouco complicada.)

2) George é mostrado como uma espécie de parasita, e eu detesto parasitas. Mesmo assim, gosto de George, e espero que vocês também. O personagem que conta as histórias (que é na verdade Isaac Asimov) é freqüentemente insultado por George e no final sempre acaba perdendo alguns dólares para ele, mas não me importo. Como explico no final do primeiro conto, as histórias que ele conta valem o que ele me toma. Além disso, ganho muito mais dinheiro com esses contos do que eu dou para George... especialmente se levarmos em conta o fato de que o dinheiro que dou para ele é de mentira.

3) Lembrem-se, por favor, de que essas histórias são sátiras humorísticas. Se acharem o estilo exagerado e "anti-asimoviano", essa foi a minha intenção ao escrevê-los. Tomem isto como advertência. Não comprem o livro esperando alguma coisa diferente, caso contrário, poderão ficar desapontados. Finalmente, se detectarem em algumas passagens uma certa influência de P. G. Wodehouse podem estar certos de que não é coincidência!

O Demônio de Dois Centímetros

Conheci George em uma convenção literária, faz muito tempo. O que me chamou mais a atenção foi a expressão de honestidade e inocência que havia naquele rosto redondo, de meia-idade. Era o tipo de pessoa – pensei - que a gente deixa tomando conta da carteira quando vai dar um mergulho.

Ele me reconheceu pelas fotografias que saem na quarta capa dos meus livros. Cumprimentou-me jovialmente, dizendo que adorava meus contos e romances, o que, naturalmente, me convenceu de que se tratava de uma pessoa inteligente e de bom gosto.

Apertamos as mãos cordialmente e ele disse:

— Meu nome é George Bimnut.

— Bimnut — repeti, para gravá-lo melhor. — É um nome diferente.

— É dinamarquês — explicou —, e muito aristocrático. Descendo de Cnut, mais conhecido como Canuto, um rei dinamarquês que conquistou a Inglaterra no início do século XI. Um dos meus ancestrais era filho dele, nascido do lado errado das cobertas, é claro.

— É claro — murmurei, embora não entendesse bem o que havia de evidente em tal afirmação.

— Ele recebeu o nome de Cnut em homenagem ao pai — prosseguiu George. — Quando foi apresentado ao rei, o monarca perguntou:

"“Homessa, este é o meu herdeiro?”

“Não, majestade”, disse o cortesão que segurava no coIo o pequeno Cnut. “Ele é um filho ilegítimo. A mãe é aquela lavadeira que Vossa Majestade...”

"“Ah! Ainda bem!”, exclamou o rei. Daquele dia em diante, meu ancestral passou a ser conhecido como Bemcnut. Apenas por este nome. Herdei-o por sucessão direta, mas com o tempo o sobrenome mudou para Bimnut.

Nesse momento, seus olhos azuis olharam para mim com uma espécie de ingenuidade hipnótica que me impediu de duvidar de suas palavras.

— Quer almoçar comigo? — disse para ele, fazendo um gesto na direção de um restaurante muito enfeitado, que obviamente cobrava preços extorsivos.

— Não acha que ele parece muito vulgar? — observou George. — Talvez a lanchonete do outro lado da rua seja...

— Como meu convidado — acrescentei.

George lambeu os lábios e disse:

— Agora que estou olhando para o restaurante de um ângulo melhor, ele parece ter uma atmosfera aconchegante.

— Está bem, vamos até lá.

Enquanto comíamos, George comentou:

— Meu antepassado Bimnut teve um filho de nome Sweyn. Um típico nome dinamarquês.

— Eu sei — disse eu. — O nome do pai do rei Cnut era Sweyn Forkbeard. Nos tempos modernos, o nome geralmente é escrito Sven.

George franziu a testa e protestou:

— Não há necessidade, meu velho amigo, de ficar se exibindo para mim. Aceito o fato de que você tem os rudimentos de uma educação.

— Desculpe — respondi, sentindo-me envergonhado.

Ele fez um gesto complacente, pediu outro copo de vinho e disse:

— Sweyn Bimnut era fascinado por mulheres jovens, uma característica que todos os Bimnuts herdaram, e fazia muito Sucesso com elas, também... o que parece ser um traço de família. Contam que as mulheres o viam passar e comentavam: "Oh, como ele é lindo!". Ele também era um arquimago. — Fez uma pausa e depois perguntou, muito sério: — Sabe o que é um arquimago?

— Não — menti, sem querer ofendê-lo de novo com meus conhecimentos. — Explique para mim.

— Um arquimago é um grande mago — disse George, com o que me pareceu ser um suspiro de alívio. — Sweyn havia estudado as artes ocultas. Naquela época, isso ainda era possível. As pessoas não eram céticas como hoje em dia. A intenção dele era descobrir maneiras de persuadir as jovens a se comportarem daquela forma dócil e gentil que só faz enaltecer a feminilidade e a deixarem de lado qualquer atitude in-transigente e pouco cooperativa.

— Ah.

— Para isso, precisava de demônios. Descobriu que podia conjurá-los queimando certos arbustos e pronunciando palavras místicas.

— E deu certo, Sr. Bimnut?

— Chame-me de George, por favor. Claro que deu certo. Havia um bando de demônios trabalhando para ele, porque, como costumava observar, em tom queixoso, as mulheres de sua época eram céticas e indelicadas; recusavam-se a acreditar que fosse neto de um rei e faziam observações desairosas a respeito da sua genitora. Depois que um dos demônios entrava em ação, porém, tudo se tornava diferente; elas passavam a compreender que um filho natural é uma coisa muito natural.

— Tem certeza de que o seu antepassado realmente conseguia conjurar demônios, George?

— Tenho, sim. No verão passado encontrei o livro dele de receitas para chamar demônios. Estava em um velho castelo inglês que hoje não passa de uma ruína mas já pertenceu à minha família. Havia uma lista com os nomes dos arbustos, a maneira de queimá-los, as palavras a serem lidas, tudo. Estava escrito em inglês antigo (anglo-saxão, você sabe), mas estou estudando filologia e...

Não pude esconder um certo ceticismo.

— Você deve estar brincando — observei.

George olhou para mim, ofendido.

— Por que pensa assim? Por acaso estou rindo? Era um livro autêntico. Testei as receitas pessoalmente.

E conseguiu um demônio.

— Isso mesmo — declarou, apontando para o bolso de cima do paletó.

— Está ai dentro?

George apalpou o bolso e preparava-se para fazer que sim com a cabeça quando seus dedos sentiram (ou deixaram de sentir) alguma coisa. Olhou para dentro do bolso.

— Ele sumiu — declarou, aborrecido. — Desmaterializou-se. Mas a culpa não é dele. Veio me visitar ontem à noite porque estava curioso para saber como era

uma convenção, você entende. Dei-lhe um pouco de uísque com um conta-gotas e ele gostou. Talvez tenha gostado até demais, porque começou a puxar briga com uma cacatua que estava em uma gaiola, perto do bar, chamando-a de nomes horrorosos. Felizmente, adormeceu antes que o pássaro ofendido resolvesse tomar uma atitude. Esta manhã, não estava com uma cara muito boa. Deve ter ido para casa, curtir a ressaca.

Eu me sentia um pouco ofendido. Será que ele esperava que eu acreditasse naquilo?

— Está me dizendo que havia um demônio no bolso do seu paletó?

— Seu poder de dedução é impressionante — disse George.

— Qual é a altura dele?

— Dois centímetros.

— Mas isso é menos que uma polegada!

— Absolutamente certo. Uma polegada tem 2,54 centímetros.

— Quero dizer: que tipo de demônio tem dois centímetros de altura?

— Um demônio pequeno, é claro. Mas, como diz o velho ditado, é melhor um demônio pequeno do que nenhum demônio.

— Depende do tipo de demônio.

— Oh, Azazel {é o nome dele) é um demônio bonzinho. Desconfio que é desprezado pelos colegas, porque se mostra extremamente ansioso para me impressionar com seus poderes. Entretanto, recusa-se a usá-los para me tornar rico, o que não seria nada de mais, considerando que sou seu único amigo terrestre. Não, ele insiste em que seus poderes devem ser usados apenas para fazer o bem a outras pessoas.

— Ora, vamos, George. Esta certamente não é a filosofia do inferno.

George levou o dedo aos lábios.

— Não diga coisas como essa, amigo velho. Azazel fica ria muito ofendido. Ele garante que sua terra é simpática, decente e altamente civilizada, e fala com enorme respeito do governante dele, a quem se refere simplesmente como o Todo-poderoso.

— Ele faz mesmo coisas boas?

— Sempre que pode. Veja o caso da minha afilhada, Juniper Pen...

— Juniper Pen?

— Isso mesmo. Posso ver pela expressão de curiosidade no seu rosto que você está doido para conhecer a história, e , terei muito prazer em contá-la.

Juniper Pen [disse George] estava no segundo ano da faculdade quando a história que vou lhe contar começou. Era uma mocinha doce e inocente, fascinada pelos jogadores do time de basquete, todos rapazes altos e simpáticos.

Entre eles, o que mais lhe atraía a atenção era Leander Thomson, alto, esguio, com mãos grandes, capazes de segurar com facilidade uma bola de basquete ou qualquer coisa com a forma e o tamanho de uma bola de basquete, o que por alguma razão me faz pensar em Juniper. Ele era sem dúvida o objeto dos gritos dela quando se sentava na arquibancada para assistir aos jogos.

Juniper conversava comigo a respeito dos seus sonhos, porque, como todas as jovens, mesmo as que não são minhas afilhadas, sentia que eu era uma pessoa merecedora de toda confiança. Minha postura digna, mas solícita, convidava a confidências.

— Oh, tio George — costumava dizer —, certamente não é errado sonhar com um futuro para nós dois. Posso ver Lean como o maior jogador de basquete do mundo, como o mais cobiçado de todos os profissionais, como o dono do maior contrato da história do esporte. Não sou muito ambiciosa. Tudo que quero da vida é uma pequena mansão coberta de hera, um pequeno jardim na frente, estendendo-se até onde a vista puder alcançar, uma modesta criadagem, dividida em pelotões, todas as minhas roupas arrumadas em ordem alfabética para cada dia da semana e para cada mês do ano, e... Fui forçado a interrompê-la.

— Meu anjo, existe uma pequena falha no seu plano — disse para ela. — Leander não é um dos melhores jogadores do time. Acho pouco provável que seja contratado por um salário nababesco.

— Isso não é justo! — protestou minha afilhada, fazendo beicinho. — Por que ele não é um dos melhores jogadores?

— Porque é assim que o universo funciona. Por que não se apaixona pelo melhor jogador do time? Ou, melhor ainda, por um jovem corretor de ações de Wall Street que tenha acesso a informações confidenciais?

— Já pensei nisso, tio George, mas gosto mesmo é de Leander. Existem ocasiões em que penso nele e digo para mim mesma: será que o dinheiro é tão importante assim?

— Que é isso, meu anjo! — exclamei, chocado. As meninas de hoje dizem cada bobagem...

— Mas por que não posso ser rica, também! É pedir muito?

Pensando bem, seria mesmo? Afinal, eu era amigo de um demônio. Um demônio pequeno, é verdade, mas com um grande coração. Certamente estaria interessado em colaborar para a consolidação de um amor verdadeiro, em levar a felicidade a duas almas cujos corações bateriam em uníssono enquanto pensavam em beijos mútuos e fundos mútuos.

Quando o chamei, usando a palavra mágica apropriada, Azazel ouviu a história com muita atenção. (Não, não posso lhe contar qual é a palavra. Você não tem nenhum senso de ética?) Como estava dizendo, ele me ouviu com atenção, mas não com a simpatia que eu estava esperando. Admito que o trouxe para a nossa realidade no momento em que tomava alguma coisa parecida com um banho turco, pois estava enrolado em uma pequena toalha e tremia dos pés à cabeça. Sua voz parecia mais fina e esganiçada do que nunca. (Na verdade, não penso que seja realmente sua voz. Acho que ele se comunica comigo por telepatia, mas a voz que imaginei ouvir era fina e esganiçada.)

— Que é basquete? — perguntou. — Algum tipo de esporte? Como se joga?

Tentei explicar, mas, para um demônio, Azazel às vezes consegue ser incrivelmente obtuso. Ficou olhando para mim como se eu não estivesse explicando cada detalhe do jogo com clareza transparente.

Afinal, propôs:

— Será que eu não podia ver um jogo de basquete?

— Claro que pode. Por coincidência, vai haver uma partida hoje à noite. Leander me deu uma entrada. Você pode ir no meu bolso.

— Ótimo — disse Azazel. — Pode me chamar quando for sair para o jogo. Agora, preciso terminar meu zymjig (certamente estava se referindo ao banho turco) — concluiu, antes de desaparecer.

Devo admitir que fico irritado quando alguém coloca seus interesses mesquinhos acima das questões transcendentais em que estou envolvido... o que me faz

lembrar, amigo velho, que O garçom parece estar tentando atrair a sua atenção. Acho que quer lhe entregar a conta. Pegue-a, por favor, e deixe-me continuar a história.

Naquela noite, fui ao jogo de basquete levando Azazel no bolso. Para poder ver a partida, ele teve de colocar a cabeça para fora, o que teria causado uma verdadeira comoção se alguém estivesse prestando atenção em nós. Sua pele é vermelha e ele tem dois pequenos chifres na cabeça. Ainda bem que só a cabeça estava de fora, porque sua grossa cauda, de mais de um centímetro de comprimento, é simplesmente repugnante.

Eu mesmo não entendo muito de basquete, de modo que deixei por conta de Azazel entender o que estava acontecendo na quadra. Sua inteligência, embora demoníaca em vez de humana, é bastante desenvolvida.

Depois do jogo, ele me disse:

— Pelo que pude deduzir do comportamento dos indivíduos corpulentos, desajeitados e totalmente desinteressantes que se movimentavam na arena, o objetivo do jogo é fazer aquela bola esquisita passar por dentro de um aro.

— Isso mesmo — concordei. — Isso se chama fazer uma cesta.

— Então seu protegido se tornaria um ás deste jogo estúpido se conseguisse fazer a bola passar por dentro do aro todas as vezes que tentasse?

— Exatamente.

Azazel balançou a cauda pensativamente.

— Isso não deve ser difícil. Preciso apenas ajustar os reflexos do rapaz para que ele possa avaliar corretamente o ângulo, a força do arremesso...

Ficou em silêncio por um momento e depois acrescentou:

— Acontece que eu aproveitei o jogo para registrar o seu complexo de coordenadas pessoais... Sim, pode ser feito... Na verdade, já está feito. Daqui em diante, seu amigo Leander não terá a menor dificuldade para fazer a bola passar por dentro do aro.

Eu estava um pouco nervoso enquanto esperava o jogo seguinte. Não disse nada para minha afilhada Juniper, porque nunca havia recorrido aos poderes demoníacos de Azazel e não estava inteiramente certo de que fosse capaz de fazer tudo que afirmava. Além do mais, queria surpreendê-la. (No final das

contas, fiquei tão surpreso quanto ela.)

Afinal, chegou o dia do jogo, e que jogo! A nossa faculdade, a Escola de Engenharia de Buraco Quente, em cujo time de basquete Leander desempenhava um papel tão apagado, estaria enfrentando os brutamontes da Universidade e Reformatório Al Capone, no que prometia ser um combate épico.

Mas ninguém esperava que fosse tão épico. O quinteto da Capone assumiu a dianteira na contagem, enquanto eu observava Leander atentamente. Ele parecia não saber direito o que fazer e a princípio suas mãos deixavam escapar a bola toda vez que tentava fazer uma jogada. Era como se seus reflexos tivessem sido tão alterados que não se sentia mais em condições de controlar os próprios músculos.

De repente, porém, foi como se tivesse se acostumado com o novo corpo. Agarrou a bola e ela pareceu escorregar-lhe das mãos... mas de que forma! Descreveu uma curva no ar e entrou na cesta sem tocar o aro.

A torcida começou a comemorar, enquanto Leander olhava para a cesta, como se não estivesse entendendo nada.

A cena se repetiu uma segunda vez... e uma terceira... e uma quarta. No momento em que Leander tocava na bola, ela saltava no ar. Depois, descrevia uma curva elegante e entrava na cesta. Tudo acontecia tão depressa que não dava tempo nem para Leander fazer pontaria. Interpretando isso como uma demonstração de perícia, a torcida ficou ainda mais histérica.

Logo em seguida, porém, o inevitável aconteceu, e o jogo se transformou em um caos total. Os aplausos deram lugar às vaias; os alunos mal-encarados que torciam pelo reformatório Al Capone começaram a xingar a torcida adversária e várias brigas irromperam na arquibancada.

O que eu tinha me esquecido de explicar a Azazel, achando que era evidente, e que Azazel não percebera, era que as duas cestas de uma quadra de basquete não eram idênticas, que uma delas era a do time local e a outra dos visitantes, e que cada time tinha de acertar a bola em uma cesta diferente. A bola de basquete, como a lamentável ignorância de um objeto inanimado, se dirigia para a cesta que estivesse mais próxima do local onde Leander a segurara. O resultado era que muitas vezes Leander fazia cestas contra seu próprio time.

Ele continuou a insistir nessa prática suicida a despeito da& advertências que o técnico de Buraco Quente, Fritz Schmitt, mais conhecido como Alemão, proferia através da espuma que lhe cobria os lábios. Schmitt cerrou os dentes em sinal de

tristeza por ter de tirar Leander da partida e começou a chorar quando tiraram seus dedos da garganta de Leander para que o jogador pudesse ser removido da quadra.

Meu amigo Leander nunca mais foi o mesmo. Eu havia imaginado, naturalmente, que ele procuraria refúgio na bebida, tomando-se um bêbado filosófico e respeitável. Isso seria compreensível. Entretanto, ele se degradou mais ainda. Dedicou-se aos estudos.

Diante dos olhos desdenhosos, e às vezes até pesarosos, dos colegas de faculdade, passou a freqüentar as salas de aula, enfiou a cara nos livros e mergulhou nas profundezas sombrias da erudição.

Mesmo assim, Juniper não o deixou. “Ele precisa de mim”, disse-me ela, com os olhos úmidos. Em um gesto de supremo sacrifício, casou-se com Leander logo que se formaram. Continuou com ele mesmo quando desceu até o fundo do poço, adquirindo um ignominioso doutorado em física.

Hoje em dia, ele e Juniper vivem em um pequeno apartamento de subúrbio. Ele ensina física e faz pesquisas na área de cosmogonia. Ganha menos de 60.000 dólares por ano, e aqueles que o conheceram quando era um sujeito respeitável cochicham às suas costas, em tom escandalizado, que está cotado para receber o prêmio Nobel.

Juniper nunca se queixa, mas permanece fiel ao seu ídolo caído. Jamais demonstrou sua decepção, nem por pensamentos nem por atos, mas não pode enganar seu velho padrinho. Sei muito bem que, de vez em quando, pensa com tristeza na mansão coberta de hera que jamais poderá ter e no jardim a perder de vista que permanecerá para sempre fo-ra do seu alcance.

— Esta é a história — disse George, enquanto recolhia o troco que o garçom havia trazido e copiava o valor da conta (para descontar do seu imposto de renda, suponho). — Se eu fosse você — acrescentou —, deixaria uma gorjeta generosa.

Obedeci automaticamente, enquanto George sorria e se afastava. Não me incomodei por ele haver ficado com o troco. Ocorreu-me que George lucrara apenas uma refeição, enquanto eu tinha uma história que podia contar como se fosse minha e me poderia render várias vezes o preço de uma refeição.

Na verdade, decidi continuar a jantar com ele de vez em quando.

Uma Noite de Música

Tenho um amigo que insinua, às vezes, que é capaz de conjurar espíritos do além.

Ou pelo menos um espírito. Um espírito pequeno, com poderes limitados. Na verdade, ele só fala a respeito depois do quarto uísque com soda. É um equilíbrio delicado: com três drinques, não sabe nada a respeito de espíritos; com cinco ele pega no sono.

Naquela noite, achei que ele estava bem no ponto, de modo que puxei o assunto:

— Você se lembra daquele espírito seu amigo, George?

— Hein? — disse George, olhando para o seu drinque como se não soubesse do que eu estava falando.

— Aquele pequeno espírito de dois centímetros de altura, que uma vez você disse que era capaz de chamar na hora que quisesse. Aquele que possui poderes paranormais.

— Ah! — exclamou George. — Está falando de Azazel! é o nome dele, é claro. Não seria capaz de pronunciar o nome verdadeiro. É por isso que o chamo de Azazel. Sim, eu me lembro.

— Você recorre muito a ele?

— Não. É perigoso. Muito perigoso. Há sempre a tentação de brincar com o poder. Sou muito cauteloso com isso.

— Sabe, tenho altos padrões morais. Foi por isso que me senti na obrigação de ajudar um amigo em dificuldades. Foi grande erro! Não gosto nem de pensar...

— Que aconteceu?

— Acho que estou mesmo precisando desabafar cora alguém — disse George, pensativo. — Talvez isso faça com que eu me sinta melhor...

Eu era bem mais moço [disse George], e naquele tempo as mulheres eram uma parte importante da vida dos homens. Parece tolice agora, mas me lembro nitidamente de pensar, naquela época, que não me interessaria por qualquer mulher.

Hoje em dia, a gente fica com que a que aparecer, não faz muita diferença, mas

naquele tempo...

Eu tinha um amigo chamado Mortenson. Andrew Mortenson. Acho que você não o conhece. Há anos que não o vejo.

Acontece que Mortenson estava caído por uma mulher, uma mulher em particular. Ela era um anjo, dizia meu amigo. Não podia viver sem ela. Era um ser único no universo. Você sabe como falam as pessoas apaixonadas.

O problema é que ela o havia deixado, e de uma forma particularmente cruel e humilhante. Começara um namoro com outro homem bem na frente dele, estalando os dedos na cara dele e rindo impiedosamente das lágrimas dele.

Não estou falando de forma literal. Estou apenas tentando transmitir a impressão que ele me causou. Estava aqui sentado, bebendo comigo, neste mesmo bar. Fiquei com muita pena e disse para ele:

— Sinto muito, Mortenson, mas você não deve se deixar abalar desse jeito. Quando puder pensar com clareza, verá que ela é apenas uma mulher. Se olhar para a calçada, verá centenas como ela.

Ele protestou, com amargura:

— De agora em diante, meu amigo, não quero saber mais de mulheres..., com exceção, é claro, da minha esposa, que de vez em quando não consigo evitar. Só que eu gostaria de fazer alguma coisa para ela.

— Para sua mulher? — perguntei.

— Não, não, por que eu estaria querendo fazer alguma coisa para minha esposa? Estou falando daquela mulher que me tratou de forma tão impiedosa.

— O que você faria com ela?

— Sei lá...

— Talvez eu esteja em condições de ajudá-lo — disse eu, ainda com pena do meu amigo. — Posso recorrer a um espírito com poderes extraordinários. Um espírito pequeno, é claro — mostrei-lhe o polegar e indicador, separados por uma distância de uns dois centímetros, para ter certeza de que estava me entendendo —, que também tem suas limitações.

Contei-lhe a respeito de Azazel e ele, é claro, acreditou. Já reparei que quando conto uma história, todos acreditam em mim. Agora quando você conta uma história, amigo velho, o ar de incredulidade que paira sobre a sala é de dar gosto.

Nada como uma reputação de probidade e um ar de decência.

Quando lhe contei sobre Azazel, seus olhos brilharam. Perguntou-me se ele poderia fazer alguma coisa para a ex-namorada.

— Depende do que for, amigo velho. Espero que não esteja pensando em algo como fazê-la cheirar mal ou cuspir um sapo toda vez que tentar falar.

— Claro que não! — protestou, indignado. — Quem pensa que sou? Ela me deu dois anos de felicidade e quero recompensá-la. Você disse que os poderes do seu espírito são limitados?

— Ele é deste tamaninho — disse eu, mostrando de novo o polegar e o indicador.

— Poderia dar a ela uma voz perfeita? Nem que fosse temporariamente? Nem que fosse para uma única apresentação?

— Vou perguntar a ele.

A proposta de Mortenson parecia muito cavalheiresca. Sua ex-namorada cantava na igreja. Naquela época, eu tinha um bom ouvido e costumava freqüentar a mesma igreja (mantendo distância da caixa de oferendas, é claro). Gostava de ouvi-la cantar e acho que os outros fiéis também. Talvez a sua conduta moral não estivesse de acordo com o ambiente, mas Mortenson me explicou que, no caso de sopranos, eles estavam dispostos a ser bastante compreensivos.

De modo que consultei Azazel. Estava ansioso para ajudar. Nada daquelas bobagens de exigir minha alma em troca. Lembro-me de que uma vez perguntei a Azazel se ele queria minha alma e ele me perguntou o que era alma. Não soube o que responder. Acontece que ele é um ser insignificante em seu próprio universo e se sente muito importante podendo fazer coisas grandiosas no nosso universo. Ele gosta de ajudar.

Azazel me disse que poderia fazer com que ela cantasse com perfeição durante três horas. Contei a Mortenson, e ele me disse que estava ótimo. Escolhemos uma noite em que ela estaria cantando Bach, Haendel ou outro daqueles velhos batucadores de piano, e daria um solo longo e difícil.

Mortenson foi à igreja naquela noite e, naturalmente, eu fui também. Sentia-me responsável pelo que estava para acontecer e achei que era melhor ver a situação de perto.

Mortenson me disse, em tom sombrio:

— Assisti aos ensaios. Ela estava cantando da mesma maneira que antes. Você sabe, como se tivesse um rabo e estives sem pisando nele.

Não era assim que costumava descrever a voz da moça. A música das esferas, era como se referira a ela em várias ocasiões. Daí para mais. Naturalmente, ele tinha sido passado para trás, o que pode distorcer o senso crítico de um homem.

Olhei-o com ar de censura.

— Isso não é jeito de falar de uma mulher a quem você está prestes a oferecer um grande presente.

— Aí é que está. Quero que a voz dela seja perfeita. Simplesmente perfeita. E agora compreendo, agora que meus olhos estão livres do manto diáfano do amor que os cobria, que a voz dela está longe da perfeição. Acha que seu amigo pode fazer isso para mim?

— A mudança vai ocorrer exatamente às 8:15 da noite. — Senti uma ponta de suspeita. — Você não estava pretendendo usar a perfeição no ensaio para depois desapontar a audiência?

— De jeito nenhum — disse ele.

A coisa começou antes da hora, e quando ela se levantou para cantar, toda vestida de branco, eram 8:14 pelo meu velho relógio de bolso, que nunca está errado mais que dois segundos. Ela não era um daqueles sopranos raquíticos; pelo contrário, tinha um físico avantajado, com muito espaço interno para conseguir aquele tipo de ressonância que se torna necessário para sustentar uma nota aguda sem se deixar abafar pela orquestra. Quando inspirou profundamente para dar o primeiro agudo, pude ver o que Mortenson via nela, mesmo descontando as várias camadas de tecido.

Ela começou a cantar normalmente, mas, exatamente às 8:15, foi como se uma segunda voz tivesse entrado em cena. Vi quando leve um sobressalto, como se não acreditasse no que estava acontecendo; a mão, que estava na altura do diafragma, começou a tremer.

A voz aumentou de volume. Era como se tivesse se trans-formado em um órgão. As notas eram perfeitas, límpidas, irretocáveis. Diante delas, todas as notas anteriores pareciam imitações grosseiras.

Cada nota era emitida com o vibrato correto, se é esta a palavra, aumentando ou diminuindo de intensidade com um controle perfeito da emissão.

E ela melhorava a cada nota. O organista não estava olhando mais para a partitura, e sim para ela, e não posso jurar, mas acho que parou de tocar. Mesmo que estivesse tocando, ninguém notaria. Ninguém ouviria nenhum outro som enquanto ela estivesse cantando.

O olhar de surpresa desapareceu do rosto da moça e foi substituído por uma expressão de júbilo. Ela também pôs de lado a partitura que estava segurando; não precisava mais dela. Cantava sem nenhum esforço, sem pensar no que estava fazendo. O maestro estava paralisado, e os membros do coro pareciam atônitos.

Afinal, o solo acabou e o coro começou a cantar de forma tímida, titubeante, como se estivessem com vergonha de que suas vozes fossem ouvidas na mesma igreja e na mesma noite.

O resto do programa foi todo dela. Quando cantava, era a única a ser ouvida, mesmo que o coro e a orquestra a estivessem acompanhando. Quando calava, era como se estivéssemos no escuro e não pudéssemos suportar a ausência da luz.

E quando a audição terminou... eu sei que não é costume aplaudir na igreja, mas todo mundo bateu palmas. Todos se puseram de pé como se fossem marionetes e aplaudiram freneticamente. Era evidente que continuariam aplaudindo até que ela cantasse de novo.

Ela cantou de novo; desta vez, sozinha, acompanhada apenas pelo órgão e iluminada pelo projetor de luz. O coro tinha desaparecido.

Cantava sem nenhum esforço. Era impressionante. Tento observar sua respiração, surpreendê-la tomando fôlego, descobrir quanto tempo conseguiria sustentar uma nota a todo volume com apenas um par de pulmões para fornecer o ar.

Mas não podia durar para sempre, e não durou. Até os aplausos cessaram. Só então me dei conta de que, ao meu lado, Mortenson parecia estar em transe, com o olhos fixos, todo o seu ser concentrado no sentido da audição. Só então comecei a compreender o que havia acontecido.

Afinal de contas, sou uma pessoa reta, sem nenhuma malícia, de modo que posso ser desculpado por não perceber qual era a intenção real de meu amigo. Você, por outro lado, um tipo tão tortuoso que é capaz de subir uma escada em espiral sem virar o corpo, já deve saber há muito tempo o que ele pretendia.

A ex-namorada havia cantado com perfeição... mas nunca mais seria capaz de

repetir a façanha.

Era como se fosse cega de nascença e de repente, por apenas três horas, fosse capaz de ver. Ver tudo que existe para ver, todas as cores, formas e maravilhas que nos cercam e que não nos despertam a atenção porque já estamos acostumados. Suponha que você pudesse ver tudo que existe durante três horas... e depois ficasse cego outra vez!

É relativamente fácil suportar a cegueira se você nunca enxergou. Mas saber por alguns instantes o que é ver e depois ficar cego de novo? Ninguém suportaria isso.

Aquela mulher nunca mais tornou a cantar, naturalmente. Mas isso é apenas parte da história. A tragédia real foi para nós, para a platéia.

Tivemos uma música perfeita durante três horas. Uma música perfeita. Acha que desse dia em diante podemos nos contentar com menos que isso?

Até hoje, meus ouvidos se recusam a ouvir música. Recente-mente, fui a um desses festivais de rock, que estão tão na moda, só para experimentar. Você não vai acreditar, mas não consegui distinguir uma nota musical. Para mira, era apenas ruído.

Meu único consolo é que Mortenson, que escutou com mais ansiedade e concentração do que todo mundo, foi a pessoa mais atingida da platéia. Ele passa o tempo todo usando tampões nos ouvidos. Qualquer som o deixa nervoso.

Bem feito!

O Sorriso Roubado

Recentemente, disse para o meu amigo George, que estava comigo no bar tomando uma cerveja (ele estava tomando uma cerveja; eu estava tomando um refrigerante):

— Como vai o seu diabinho?

George se gaba de ter um demônio de dois centímetros de altura que faz tudo que ele pede. Jamais consigo fazê-lo admitir que está mentindo. Nem eu nem mais ninguém,

Ele olhou para mim e disse, em tora conspiratório:

— Ah, sim, você é aquele que sabe a respeito! Espero que não tenha contado a mais ninguém!

— Claro que não! Já basta eu achar que você é maluco. Não quero que pensem o mesmo de mim!

(Na verdade, ele já falou sobre o demônio, na minha frente, com pelo menos uma dúzia de pessoas, de modo que não haveria nenhuma razão para eu guardar segredo, mas achei melhor não dizer isso a ele.)

— Eu não aceitaria essa sua triste incapacidade de acreditar no que não pode compreender (e você não compreende tantas coisas assim), mesmo que me oferecessem em troca um quilo de plutônio. E o que vai restar de você, se o meu demônio um dia descobrir que você o chamou de diabinho, não valerá ura átomo de plutônio.

— Já sabe qual é o seu nome verdadeiro? — perguntei, sem me deixar abalar.

— O nome dele não pode ser pronunciado por lábios humanos. A tradução, pelo que ele me deu a entender, é alguma coisa como: “Sou o Rei dos Reis; admirem minha obra e fiquem de queixo caído...”. Na verdade, acho que ele está mentindo — acrescentou George, olhando pensativamente para o copo de cerveja. — Ele é um fichinha no seu mundo. É por isso que se mostra tão ansioso para fazer as minhas vontades. Em nosso mundo, com nossa tecnologia primitiva, ele pode se mostrar.

— Ele tem se mostrado ultimamente?

— Na verdade, sim — disse George, dando um profundo suspiro e levantando os

olhos azuis e tristes que se fixaram nos meus. O bigode grisalho levou algum tempo para voltar ao lugar depois daquela exalação forçada.

Tudo começou com Rosie O'Donnell [disse George], que, além de ser amiga de uma das minhas sobrinhas, é uma coisinha adorável.

Ela tem olhos azuis, quase tão vivos quanto os meus; cabelos ruivos, longos e brilhantes; um narizinho delicioso, semeado de sardas da forma aprovada por todos que escrevem romances; um pescoço gracioso, ura corpo esbelto que não é opulento de forma desproporcional, mas simplesmente delicioso em suas promessas de êxtase.

Naturalmente, tudo isso tinha para mim um interesse apenas intelectual, já que cheguei à idade da discrição faz muitos anos, e hoje me entrego aos prazeres da carne apenas quando as mulheres insistem, o que, para dizer a verdade, não ocorre com muita freqüência.

Além do mais, Rosie havia desposado recentemente (e, por alguma razão, adorava de forma irritante) um irlandês corpulento que não fazia nenhum esforço para esconder o fato de que era uma pessoa muito forte e possivelmente mal-humorada. Embora eu não tivesse dúvida de que poderia enfrentá-lo em minha mocidade, a triste realidade é que a minha mocidade já havia ficado para trás... um pouquinho para trás.

Assim, foi com uma certa relutância que aceitei a tendência de Rosie de me confundir com uma amiga intima do mesmo sexo e faixa etária e me fazer objeto de suas confidencias infantis.

Não que eu a culpe, compreenda. Minha dignidade natural, e o fato de que minha figura altiva faz as pessoas se lembrarem de um imperador romano, automaticamente atraem as jovens mais belas para minha pessoa. Entretanto, eu nunca havia permitido que as coisas fossem longe demais. Sempre me conservava a uma distância respeitável de Rosie, pois não queria que alguma intriga chegasse aos ouvidos do indubitavelmente forte e possivelmente mal-humorado Kevin O'Donnell.

— Oh, George — disse Rosie um dia, batendo palmas com aquelas lindas mãozinhas —o meu Kevin é mesmo um amor... sabe o que ele faz?

— Acho que você não devia... — comecei, cautelosamente, sem saber que tipo de revelação indiscreta ela estava para me fazer.

Rosie não estava nem me ouvindo.

— Ele franze o nariz, pisca o olho e sorri de um jeito tão gostoso... é como se o mundo inteiro se iluminasse. Oh, se ao menos eu tivesse um retrato dele quando faz isso! Já tentei tirar um, mas não saiu direito.

— Por que não se contenta com o original, minha cara?

A moça hesitou por um momento e depois disse, com um rubor cativante nas faces:

— Acontece que ele não é sempre assim. Kevin tem um emprego muito duro no aeroporto e às vezes chega em casa exausto. Nesses dias, se aborrece com qualquer coisa. Chega a implicar comigo. Se pelo menos eu tivesse uma fotografia dele, como realmente é, isso me serviria de consolo. Seria tão bom... — lamentou-se, com os olhos úmidos.

Devo admitir que senti vontade de lhe contar a respeito de Azazel (é assim que eu o chamo, porque me recuso a usar aquela que, segundo ele, é a tradução do seu nome verdadeiro) e lhe explicar o que ele poderia fazer por Rosie.

Entretanto, como sabe muito bem, sou uma pessoa extremamente discreta. Até agora, não consigo entender como foi que você descobriu que sou amigo de um demônio.

Além disso, foi fácil para mim resistir ao impulso, pois sou um homem prático, realista, avesso a sentimentalismos piegas. Admito que meu coração tem um fraco por mocinhas indefesas, contanto que sejam radiantemente belas (no bom sentido, é claro... quase sempre). E me ocorreu que, na verdade, eu podia muito bem ajudá-la sem mencionar Azazel. Não que ela fosse duvidar de mim, é claro, porque sou um homem cujas palavras merecem crédito, a não ser de tipos psicóticos como você.

Levei o problema a Azazel, que não se mostrou nem um pouco satisfeito.

— Você só me pede coisas abstratas — queixou-se.

— Nada disso! — protestei. — O que estou lhe pedindo é uma simples fotografia. Tudo que tem a fazer é materializá-la.

— Oh, isso é tudo que tenho a fazer? Se é tão simples assim, por que você não faz? Imagino que conheça o princípio de equivalência entre massa e energia.

— Só uma fotografia!

— É, mas com uma expressão que você é incapaz de definir ou descrever.

— Nunca o vi olhar para mim do jeito como olha para a esposa, é claro. Mas tenho uma fé infinita na sua capacidade.

Eu estava certo de que conseguiria dobrá-lo com um pouco de adulação. Azazel disse, de cara feia:

— Você vai ter de tirar a fotografia.

— Mas eu não vou conseguir a expressão...

— Não será necessário. Posso cuidar disso, mas será muito mais fácil se dispuser de um objeto material para focalizar a abstração. Uma fotografia, em suma. Uma fotografia, ainda que muito mal tirada, como provavelmente a que você vai me dar. E só me comprometo a fazer uma cópia. Não vou me arriscar a sofrer uma distensão do músculo subjuntivo só para atender a você ou a qualquer outro cabeça de alfinete deste planeta.

Sabe como é... acho que Azazel diz essas coisas para se sentir importante e valorizar o que faz por mim.

Encontrei-me com os O'Donnell no domingo seguinte, quando voltavam da missa. (Na verdade, estava à espera deles.) Não se incomodaram que eu tirasse um retrato deles em seus trajes dominicais. Rosie parecia muito alegre; Kevin, um pouco taciturno. Depois, da maneira mais casual possível, tirei uma fotografia do rosto do rapaz. Ele não estava sorrindo, nem franzindo o nariz, ou fazendo o que quer que fazia que Rosie achava tão atraente, mas achei que não tinha importância. Eu não sabia nem mesmo se a câmera estava focalizada corretamente. Afinal, não tenho muita experiência como fotógrafo.

Em seguida, visitei um amigo que adora fotografia. Ele revelou as duas fotos e fez uma ampliação do rosto de Kevin,

Na verdade, ele me atendeu de má vontade, resmungando que estava muito ocupado, mas não lhe dei atenção. Afinal, que importância poderiam ter suas tolas atividades em comparação com as questões transcendentais que me afligiam? Sempre fico surpreso com o número de pessoas que não compreendem esta simples verdade.

Depois de fazer a ampliação, porém, meu amigo mudou inteiramente de atitude. Ficou olhando para ela e disse, em um tom que só posso caracterizar como ofensivo;

— Não me diga que você conseguiu tirar uma foto como esta!

— Por que não? — disse eu, estendendo a mão para pegá-la.

Ele, porém, não parecia disposto a entregar a fotografia.

— Você vai querer mais cópias — declarou.

— Não, não vou — disse, olhando por cima do ombro.

Era uma fotografia extremamente nítida, em cores vivas.

Kevin O'Donnell estava sorrindo, embora eu não me lembrasse daquele sorriso no momento em que tirara a foto. Parecia alegre e simpático, mas para mim não fazia a menor diferença. Talvez uma mulher, ou um fotógrafo como o meu amigo (que, para ser franco, não era nenhum modelo de masculinidade) pudesse ver mais alguma coisa na foto.

— Então só mais uma... para mim — disse ele.

— Não — repeti, com firmeza, ao mesmo tempo que lhe arrancava o retrato das mãos. — £ o negativo, por favor. Pode ficar com a outra fotografia... a do casal.

— Essa não me interessa — disse, em tom petulante.

Quando saí, ele parecia muito desapontado.

Coloquei a fotografia em ura porta-retratos, coloquei o porta-retratos sobre a lareira e recuei para apreciar. O rosto do rapaz tinha, realmente, uma expressão bastante jovial. Azazel tinha feito um bom trabalho.

Fiquei imaginando qual seria a reação de Rosie. Telefonei para ela e pedi-lhe para passar na minha casa. Acontece que ela tinha algumas compras a fazer, mas se eu pudesse esperá-la mais ou menos uma hora... uma hora...

Eu podia e esperei. Eu havia embrulhado a foto para presente e entreguei-a a ela sem dizer uma palavra.

— Ei! — exclamou, enquanto abria o embrulho. — Que idéia foi essa? Não é meu aniversário nem... — Mas nessa hora ela viu o que era e interrompeu o que estava dizendo. Arregalou os olhos e começou a respirar mais depressa. Afinal, murmurou: — Minha nossa! — Olhou para mim — Você tirou esse retrato no domingo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Está simplesmente perfeito. Oh, Kevin saiu tão bem! Era essa a expressão que

eu queria captar! Por favor, posso ficar com ele?

— Claro. É todo seu — disse, com simplicidade.

Ela se pendurou no meu pescoço e me beijou nos lábios. Para uma pessoa como eu, que detesta sentimentalismos, é claro que foi constrangedor; além disso, mais tarde tive de enxugar o bigode. Mas eu sabia que era a maneira que Rosie encontrara para demonstrar sua gratidão, de modo que nada fiz para impedi-la.

Depois disso, passei uma semana sem vê-la.

Uma semana depois, encontrei-me com Rosie na porta do açougue. Teria sido uma indelicadeza de minha parte não me oferecer para carregar suas compras. Naturalmente, imaginei se isso significaria outro beijo de agradecimento e tomei a decisão de não recusar para não ofender a pobrezinha. Entretanto, ela parecia um pouco triste.

— Como vai a fotografia? — perguntei, com medo de haver desbotado.

Ela imediatamente se animou.

— Perfeita! Coloquei-a em cima da cômoda, em um ângulo tal que posso vê-la quando estou sentada à mesa para jantar. Seus olhos me vêem de soslaio, de um jeito maroto, t O nariz está franzido com aquele jeitinho que só o Kevin é capaz de fazer. Parece que está vivo! Minhas amigas não tiram os olhos dele. Acho que vou escondê-la quando elas me visitarem, antes que alguma delas a roube.

— Você deve tomar cuidado é para que não roubem o seu marido — disse eu, brincando.

A expressão de tristeza voltou aos olhos de Rosie. Ela sacudiu a cabeça e disse:

— Acho que não há perigo. Resolvi tentar outra abordagem.

— O que Kevin achou da foto?

— Ele não disse uma palavra. Nem uma palavra. Nem mesmo sei se a viu.

— Por que não lhe mostra o retrato e pergunta o que acha?

Ela se manteve em silêncio enquanto eu me arrastava a seu lado por meio quarteirão, carregando aquela enorme sacola de compras e imaginando se, além de pegar no pesado, ela também estava esperando que eu lhe desse um beijo.

— Na verdade — disse Rosie, de repente —, ele está passando por uma fase de

muita tensão no trabalho, por isso, acho que não seria uma boa idéia. Ele chega em casa tarde e mal fala comigo. Mas não tem importância. Você sabe como são os homens — acrescentou, tentando sorrir sem muito sucesso.

Tínhamos chegado ao edifício onde ela morava e passei-lhe a sacola. Ela me disse, ao se despedir:

— Mais uma vez, muito obrigada pela fotografia! É linda!

Entrou no edifício. Não havia pedido um beijo, e eu estava tão distraído que só me dei conta do fato quando estava a meio caminho de casa e me pareceu tolice voltar lá simplesmente para não desapontá-la.

Mais dez dias se passaram. Uma manhã, ela me telefonou. Será que eu podia ir almoçar na sua casa? Eu disse para ela que não ficaria bem. O que os vizinhos iriam pensar?

— Ora, que bobagem! Você é tão velho que... quero dizer, você é um velho amigo. Ninguém jamais pensaria... além do mais, preciso dos seus conselhos.

Quando ela disse isso, tive a impressão de que estava soluçando.

Bem, você sabe que sou um cavalheiro, de modo que na hora do almoço lá estava eu naquele pequeno e aprazível apartamento. Rosie havia preparado sanduíches de queijo e presunto e fatias de torta de maçã, e a fotografia estava em cima da cômoda, exatamente como ela dissera.

Rosie me apertou a mão e não fez nenhuma menção de me beijar, o que teria me deixado aliviado se não estivesse tão preocupado com sua aparência. Ela estava positivamente transtornada. Comi metade de um sanduíche esperando que dissesse alguma coisa. Quando vi que não eslava disposta a falar, decidi perguntar-lhe diretamente o que a deixara tão aborrecida.

— Foi Kevin? — perguntei, só para confirmar.

Ela fez que sim com a cabeça e começou a chorar sem parar. Dei-lhe um tapinha na mão e perguntei-me se isso seria suficiente para consolá-la. Abracei-a com carinho, e ela final-mente disse:

— Acho que ele vai perder o emprego.

— Não diga bobagens. Por quê?

— Ele anda tão nervoso! Não só aqui em casa, mas no trabalho também, ao que parece. Há séculos que não o vejo sorrir. Não me lembro da última vez que me

beijou ou me disse uma palavra gentil. Está sempre brigando com todo mundo, o tempo todo. Não quer me dizer o que há de errado e fica danado quando pergunto. Um amigo nosso, que trabalha no aeroporto com Kevin, telefonou ontem para mim. Disse que Kevin está se comportando de uma forma tão estranha no trabalho que seus superiores já começaram a notar. Tenho certeza de que se continuar assim vai ser despedido, mas que posso fazer!

Eu estava esperando alguma coisa parecida desde o nosso último encontro, e sabia que era melhor dizer a verdade... Azazel que se danasse. Pigarreei.

— Rosie... a fotografia...

— Eu sei, eu sei — disse ela, pegando a fotografia e apertando-a contra os seios. — É ela que me dá ânimo para continuar a viver. Este é o verdadeiro Kevin, e sempre o terei, sempre, independente do que acontecer. — Ela começou a soluçar.

Foi muito difícil para mim dizer o que tinha de ser dito, mas não havia outra saída.

— Você não entende, Rosie — comecei. — O problema é justamente a fotografia. Tenho certeza. Toda essa simpatia, toda essa alegria de viver, tinham de vir de algum lugar. Foram tiradas do próprio Kevin. Você não entende?

Rosie parou de chorar.

— Do que é que você está falando! Uma fotografia é apenas a impressão que a luz deixa num filme!

— Claro, claro, mas no caso desta fotografia... — Desisti. Eu conhecia as limitações de Azazel. Ele não podia ter criado a mágica da fotografia a partir do nada, mas seria difícil explicar a Rosie a lei da conservação da alegria.

— Vamos colocar a coisa deste jeito. Enquanto essa foto-grafia continuar aqui, Kevin continuará infeliz, nervoso e mal-humorado.

— Mas é claro que ela vai continuar aqui — disse Rosie, colocando a foto de volta no lugar. — Não entendo como você pode dizer coisas desagradáveis de um objeto tão lindo... Sabe de uma coisa? Vou fazer um café para nós.

Ela foi para a cozinha, e dei-me conta de que jamais a convenceria a desfazer-se do retrato. Fiz a única coisa que, nas circunstâncias, me restava. Afinal de contas, a fotografia tinha sido tirada por mim. Sentia-me responsável pelas suas propriedades maléficas. Peguei o porta-retratos, removi rapidamente a

fotografia, rasguei-a em dois pedaços... quatro... oito... dezesseis, e guardei no bolso os pedaços de papel.

Nesse momento, o telefone tocou e Rosie entrou na sala para atender. Coloquei o porta-retratos de volta no lugar. Sentei-me e esperei.

Ouvi a voz de Rosie, radiante.

— Oh, Kevin, que maravilha! Estou tão contente! Mas por que você não me disse? Nunca mais faça isso comigo!

Aproximou-se de mim, com um sorriso de felicidade no rostinho bonito.

— Sabe o que meu marido fez? Ele estava com uma pedra no rim há quase três semanas. Consultou inclusive um médico. Estava sofrendo dores terríveis, talvez tivesse de ser operado, e não me contou nada! Disse que não queria me deixar preocupada. Que tolo! Não admira que estivesse tão nervoso e mal-humorado. Nem ocorreu a ele que procedendo assim me deixaria muito mais preocupada do que se me contasse tudo desde o início. Francamente! Os homens não têm jeito mesmo!

— Mas por que agora você está tão alegre?

— Porque ele eliminou a pedra. Isso aconteceu há alguns minutos e a primeira coisa que Kevin fez foi ligar para mim, o que foi muita gentileza da parte dele... já era tempo. Parecia tão feliz e animado! Era como se tivesse voltado a ser o velho Kevin. Era como se eu estivesse falando com o Kevin da fotografia, que... — Interrompeu o que estava dizendo e gritou: — Onde está a fotografia?

Eu estava de pé, preparando-me para ir embora. Antes de chegar à porta, disse para ela;

— Eu a rasguei. Foi por isso que ele expeliu a pedra. Caso contrário...

— Você rasgou aquele retrato? Seu...

Abri a porta e saí correndo antes que ela terminasse a frase. Não esperei o elevador, mas desci as escadas de dois em dois degraus, ouvindo ao longe o som dos seus gritos.

Quando cheguei em casa, queimei os pedaços da foto-grafia.

Nunca mais a vi. Pelo que me contaram, Kevin tem sido um marido exemplar e os dois são muito felizes juntos, mas a única carta que recebi de Rosie (sete páginas em letra miúda) deixou claro que ela achava que o cálculo renal era

uma explicação mais do que suficiente para o mau humor de Kevin e que a sua chegada e partida em perfeito sincronismo com a fotografia não passava de simples coincidência.

Ela fazia algumas ameaças impensadas contra minha vida e, em particular, contra certas partes do meu corpo, fazendo uso de palavras e frases que eu jamais suspeitara de que fizessem parte do vocabulário dela.

E eu suponho que jamais me beijará de novo, o que me traz, por uma razão que não sei explicar bem, um certo sentimento de frustração.

Ao Vencedor

Não é sempre que me encontro com meu amigo George, mas quando isso acontece, sempre pergunto como vai o pequeno demônio que ele diz ser capaz de conjurar.

— Um escritor de ficção científica velho e careca afirmou certa vez que os feitos de uma tecnologia muito mais avançada que a nossa poderiam facilmente ser confundidos com magia — disse-me ele. — Acontece, porém, que meu pequeno amigo Azazel não é um ser extraterrestre, mas um demônio autêntico. Ele pode ter apenas dois centímetros de altura, mas é capaz de fazer coisas espantosas... Espere aí. Como é que você sabe que ele existe?

— Você mesmo me contou.

George franziu a testa em sinal de reprovação e declarou, muito sério:

— Jamais menciono Azazel.

— A não ser quando está falando — disse eu. — O que ele tem feito ultimamente?

George foi buscar um suspiro na região dos dedos dos pés e descarregou-o, carregado de cerveja, na atmosfera inocente.

— Pronto — disse —, agora você me deixou triste. Meu jovem amigo Theophilus sofreu por nossa causa, minha e de Azazel, embora tivéssemos a melhor das intenções. — Levantou a caneca de cerveja e prosseguiu.

Meu amigo Theophilus [disse George], que você não conhece, porque circula em meios bem mais sofisticados que os que você freqüenta habitualmente, é um rapaz de fino trato que não podia resistir a um rabo-de-saia (algo a que felizmente sou imune), mas enfrentava grandes dificuldades para se relacionar com o sexo oposto. Um dia, ele me disse:

— Não consigo entender, George. Minha inteligência é normal; tenho um papo agradável; não sou nenhum monstro...

— É verdade — respondi. — Você tem os olhos, o nariz, o queixo e a boca nos lugares certos e na quantidade cor-reta. Isso eu tenho de admitir.

— ...e sei tudo a respeito das teorias do amor, embora não tenha tido muitas oportunidades para praticar. Mesmo assim, sinto-me incapaz de atrair a atenção

dessas adoráveis criaturas. Observe que estamos praticamente cercados por elas, e no entanto nenhuma até agora se aproximou de mim tentando puxar conversa, embora eu esteja aqui sentado com uma expressão muito receptiva no rosto.

Suas palavras me deixaram penalizado. Eu o conhecia desde a infância, quando, lembro-me muito bem, cheguei a segurá-lo no colo, a pedido da mãe, que o estava amamentando, enquanto ela ajeitava o vestido. Essas coisas marcam a gente.

— Você ficaria muito feliz, meu caro amigo, se as mulheres se sentissem atraídas por você?

— Para mim seria o paraíso — disse, simplesmente.

Como eu podia negar-lhe o paraíso? Expliquei o problema a Azazel, que, como sempre, reagiu de forma negativa.

— Por que não me pede um diamante? Posso fabricar para você uma pedra sem jaca, de meio quilate, simplesmente mudando o arranjo dos átomos em um pedaço de carvão... mas tornar o seu amigo irresistível às mulheres? Como vou fazer isso?

— Você não pode mudar o arranjo dos átomos do meu amigo? Quero fazer alguma coisa por ele, quando mais não seja para prestar uma homenagem ao fabuloso equipamento alimentício da mãe dele.

— Hum, deixe-me pensar. Os seres humanos secretam feromônios. Naturalmente, com essa mania de tomar banho toda hora e usar desodorantes, vocês nem se lembram mais disso. Entretanto, talvez eu possa estimular as glândulas do seu amigo a produzirem quantidades significativas de um feromônio particularmente eficaz no momento em que a desagradável imagem de uma fêmea da sua repulsiva espécie se formar na sua retina.

— Ele não vai cheirar mal?

— Não, não. Será um odor quase imperceptível, mas exercerá um poderoso efeito sobre a fêmea da espécie, na forma de um desejo atávico e inconsciente de aproximar-se e sorrir. O resto ficará por conta do seu amigo.

— Não se preocupe. Theophilus tem muitas qualidades. Tenho certeza de que, uma vez rompida a barreira inicial, ele dará conta do recado.

Na vez seguinte em que esbarrei em Theophilus, pude constatar a eficácia do tratamento de Azazel. Foi em um café de beira de calçada.

Custei um pouco para vê-lo, porque o que me atraiu a atenção inicialmente foi um grupo de mulheres distribuídas em círculo. Sou, afortunadamente, imune a mulheres jovens, pois cheguei à idade da discrição, mas era verão e elas estavam todas vestidas com uma insuficiência calculada de tecido que eu (como homem discreto que sou) comecei a estudar discretamente.

Foi apenas depois de alguns minutos durante os quais, lembro-me bem, analisei o esforço a que estava submetido um botão que mantinha fechada uma certa blusa, e imaginei que aconteceria se... mas isso é outra história. Foi apenas depois de alguns minutos que notei que ninguém outro senão Teophilus estava no centro do círculo e parecia ser o alvo das atenções daquelas jovens estivais. O calor da tarde indubitavelmente acentuara os efeitos do feromônio.

Abri caminho naquele anel de feminilidade e, com sorrisos e piscadelas paternais e um ocasional tapinha avuncular no ombro, sentei-me em uma cadeira ao lado de Theophilus, que uma atraente rapariga desocupara para mim com um beicinho petulante.

— Theophilus, meu jovem amigo! Que visão agradável!

Foi então que notei que o rosto do meu amigo estava contraído em uma expressão de tristeza. Perguntei, preocupado:

— O que há com você?

Ele respondeu quase sem mexer os lábios, falando tão baixo que mal consegui ouvi-lo.

— Pelo amor de Deus, tire-me daqui.

Como você sabe, tenho uma presença de espírito invejável. Levei apenas alguns segundos para levantar-me e dizer:

— Queridas, meu amigo aqui, por uma razão biológica inadiável, tem necessidade de visitar o banheiro dos homens.

Permaneçam sentadas, que ele logo estará de volta.

Entramos no pequeno restaurante e saímos pela porta dos fundos. Uma das jovens, cujos bíceps avantajados não tinham nada de femininos, e cujo olhar de desconfiança me chamara a atenção, tinha dado a volta e estava à nossa espera na calçada, mas nós a vimos a tempo e conseguimos pegar um táxi. Ela nos seguiu a pé por dois quarteirões antes de desistir.

Na segurança do quarto de Theophilus, perguntei a ele:

— Meu amigo, é óbvio que você descobriu o segredo de como atrair as mulheres. Não está satisfeito com isso? Não é o paraíso que estava procurando?

— Não — disse Theophilus, enquanto se acalmava aos poucos no ar condicionado. — Elas me procuram todas ao mesmo tempo. Não sei como aconteceu, mas de repente descobri, faz algum tempo, que mulheres estranhas eram capazes de se aproximar de mim e me perguntar se não nos conhecíamos de Atlantic City. Nunca, em toda a minha vida, estive em Atlantic City! — acrescentou, com indignação.

"No momento em que neguei o fato, outra mulher se aproximou e afirmou que eu tinha deixado cair meu lenço e que gostaria de devolvê-lo, enquanto uma terceira me perguntava: "Que acha de trabalhar num filme, garoto?"

— Tudo que você precisava fazer era escolher uma delas. Eu ficaria com a que lhe ofereceu um emprego no cinema. É uma vida mansa, e você estaria cercado de jovens atrizes.

— Mas eu não posso escolher nenhuma! Elas se vigiam como feras. No momento em que dou mais atenção a uma delas, as outras começam a puxar-lhe o cabelo e a expulsam da roda. Continuo sem mulher como antes, e antigamente pelo menos não tinha de ficar olhando para elas enquanto balançavam os seios na minha frente.

Suspirei e disse:

— Por que não organiza um torneio eliminatório? Quando estiver cercado de mulheres, como estava há alguns instantes, diga a elas: "Meus anjos, sinto-me profundamente atraído por todas e cada uma de vocês. Assim sendo, peço a gentileza de se colocarem em fila, em ordem alfabética, para que possa beijá-las sem tumulto. A que tiver o melhor desempenho será convidada a passar a noite comigo". Que tal?

— Humm... — fez Theophilus. — Por que não? Ao vencedor cabem os despojos, e eu adoraria ser o despojo da vencedora. — Lambeu os lábios e começou a praticar, jogando beijos no ar. — Acho que agüento. Será que devo sugerir que elas me beijem com as mãos atrás das costas, para tomar a coisa menos cansativa?

— Não acho que seja uma boa idéia, meu amigo. Um pouco de exercício não faz mal a ninguém. Se eu fosse você, deixaria que elas agissem como lhes aprouvesse.

— Talvez você tenha razão — disse Theophilus, reconhecendo que, nesse assunto, minha experiência me confere uma Certa autoridade.

Pouco depois que tivemos esta conversa, tive de sair da cidade para tratar de negócios. Quando tornei a ver Teophillus, um mês se passara. Encontrei-o por acaso, em um supermercado. Estava empurrando um carrinho. Sua expressão me deixou surpreso. Parecia um animal acuado. Olhava assustado em todas as direções.

Quando me aproximei, ele deu um grito e se abaixou. Depois, reconheceu-me e exclamou:

— Graças a Deus! Pensei que fosse uma mulher.

Sacudi a cabeça.

— O problema continua? Você desistiu do torneio eliminatório?

— Não. Bem que tentei, mas não deu certo.

— Que aconteceu?

— Bem... — Ele olhou para um lado e para o outro e depois esticou o pescoço para examinar o corredor. Vendo que a costa estava limpa, dirigiu-se a mim num tom discreto e apressado, como quem sabe que é preciso manter sigilo e não há tempo a perder.

Fiquei esperando que ele continuasse.

— Organizei tudo — continuou. — Fiz com que elas preenchessem um formulário onde constavam a idade, a marca de pasta de dentes, três referências... o de praxe. Depois, marquei a data. A competição seria realizada no salão de baile do Waldorf-Astoria, com um suprimento abundante de manteiga de cacau, os serviços de uma massagista profissional e um tanque de oxigênio para me manter em forma. Na véspera do dia marcado, porém, um homem foi me visitar em meu apartamento.

"Eu disse um homem, mas aos meus olhos atônitos ele parecia mais uma pilha de tijolos em movimento. Tinha mais de dois metros de altura e mais de um metro e cinqüenta de largura, com punhos do tamanho de martelos. Ele sorriu, mostrando os dentes afiados, e disse:

"“Moço, minha irmã vai participar do torneio amanhã.”

"“Que bom!”, exclamei, ansioso para manter a conversa em um tom amigável.

““Minha irmãzinha prosseguiu. “A única flor delicada de nossa família. Eu e meus três irmãos temos por ela um profundo carinho e detestaríamos que ficasse desapontada.”

““Os seus irmãos são parecidos com você?”, perguntei.

“Não, não”, respondeu, com um suspiro. “Fui muito doente na infância, e em conseqüência meu crescimento ficou prejudicado. Meus irmãos, porém, são rapazes fortes e saudáveis, mais ou menos desta altura.” Levantou a mão para um ponto que ficava no mínimo dois metros e trinta acima do solo.

““Estou certo de que a sua encantadora irmã tem uma boa chance de ganhar”, apressei-me a dizer.

““Fico muito satisfeito em saber disso. Na verdade, a natureza, talvez para me compensar pela debilidade física, me concedeu o dom da clarividência, e posso ver diante dos meus olhos que minha irmã vai ganhar a competição. Por alguma estranha razão, minha irmãzinha se sente atraída por você, e eu e meus irmãos nos sentiríamos humilhados se ela fosse preterida por outra. E quando nos sentimos humilhados...”

“Ele sorriu, e seus dentes pareciam ainda mais pontudos do que antes. Depois, estalou devagar as juntas da mão direita, uma por uma, fazendo um barulho como o de um fêmur se partindo. Eu nunca tinha ouvido o barulho de um fêmur se partindo, mas podia imaginar como era.

“Disse para ele: “Tenho um pressentimento de que a sua visão vai se concretizar. Por acaso não tem no bolso uma fotografia da sua irmã?”

““Para dizer a verdade, tenho sim”, disse ele. Mostrou-me a foto, e devo admitir que por um momento me senti penalizado. Não me parecia que a jovem tivesse a menor possibilidade de vencer a competição.

“Entretanto, o rapaz devia ter mesmo poderes parapsicológicos, porque, apesar de tudo, a irmã dele ganhou por larga margem. Houve um verdadeiro tumulto quando a decisão foi anunciada, mas a própria vencedora se encarregou de expulsar da sala as outras concorrentes e desde aquele dia, infelizmente (ou melhor: felizmente), nunca mais nos separamos. Na verdade, lá está ela, perto do balcão das carnes. Ela adora carne... embora nem sempre se dê o trabalho de cozinhá-la.

Quando olhei na direção para onde ele estava apontando, reconheci imediatamente a jovem; era a mesma que havia perseguido nosso táxi por dois quarteirões. Era indubitavelmente uma menina decidida. Admirei-lhe os bíceps

avantajados, as panturrilhas bem desenvolvidas e as sobrancelhas cerradas.

Disse para ele:

— Sabe de uma coisa, Theophilus? Pode ser possível diminuir a atração que você exerce sobre as mulheres ao nível insignificante de antes.

Theophilus suspirou.

— Seria muito arriscado. Minha noiva e os irmãos dela poderiam interpretar de forma errônea sua falta de interesse.

Além disso, existem certas compensações. Posso, por exemplo, andar em qualquer rua da cidade a qualquer hora da noite e me sentir perfeitamente seguro; basta que ela esteja a meu lado. Quando um guarda de trânsito se mete a engraçadinho comigo, minha noiva faz uma careta para ele e tudo se acerta. Além disso, ela é muito exuberante e criativa em suas demonstrações de afeto. Não, George, já aceitei o meu destino.

Dia 15 do mês que vem, vamos nos casar e ela entrará comigo nos braços no apartamento que os irmãos compraram para nós. Eles ganharam uma fortuna no negócio de ferro-velho, porque não precisam de máquinas compactadoras; usam os punhos. Só que às vezes penso como seria se...

Os olhos do meu amigo tinham se desviado, involuntariamente, para a silhueta graciosa de uma jovem loura que caminhava pelo corredor em sua direção. A moça também estava olhando fixamente para ele, e um tremor parecia percorrer-lhe o corpo.

— Desculpe — disse, timidamente, com uma voz musical —, mas não nos encontramos recentemente em um banho turco?

Nesse exato momento, ouvimos o som de passos pesados e uma voz de barítono se intrometeu na conversa.

— Teophilus, meu bem, essa... essa sirigaita está incomodando você?

A noiva de Theophilus olhou de cara feia para a mocinha, que se encolheu, aterrorizada.

Coloquei-me rapidamente entre as duas mulheres. estava correndo um sério risco, é claro, mas todos sabem que sou corajoso como um leão. Disse para a noiva do meu amigo:

— A senhora está cometendo um terrível engano. Esta doce criança é minha

sobrinha. Quando me viu a distância, dirigiu-se ao meu encontro para me cumprimentar com um casto beijo na testa. O fato de o seu namorado estar perto de mim foi mera coincidência.

O mesmo olhar de suspeita que eu havia observado na noiva de Theophilus na primeira vez em que nos encontramos apareceu de novo no seu rosto.

— Ah, é? — disse, em um tom que, ao contrário do que eu gostaria, era totalmente desprovido de humor. — Nesse caso, quero que dêem o fora. Vocês dois. Já.

Depois de pesar os prós e os contras, cheguei à conclusão de que era mesmo a melhor coisa a fazer. Ofereci o braço à jovem e nos afastamos, deixando Theophilus entregue ao seu destino.

— Muito obrigada — disse a mocinha. — O senhor pensou depressa e foi muito corajoso. Se não tivesse me socorrido, eu certamente não teria escapado sem muitos arranhões e contusões.

— O que seria uma pena, pois um corpo como o seu não merece sofrer arranhões. Nem contusões — acrescentei, com um sorriso galante. — Você estava falando em banho turco.

A mim parece um ótimo programa. Acontece que, por acaso, tenho um no meu apartamento. Bem, não é exatamente um banho turco, mas é um banho americano./, praticamente a mesma coisa...

Afinal de contas, ao vencedor...

O Ruído Abafado

Eu me esforço para não acreditar no que meu amigo George me conta. Como dar crédito a alguém que afirma ter acesso a um demônio de dois centímetros de altura chamado Azazel, um demônio que é na realidade um ser extraterreno com poderes extraordinários, embora limitados?

Acontece que George tem a capacidade de me olhar com aqueles olhos azuis e me fazer acreditar em suas histórias... pelo menos enquanto está falando.

Uma vez comentei com ele que achava que o pequeno demônio lhe concedera o dom da hipnose verbal. George suspirou e disse:

— Absolutamente! Se ele me concedeu alguma coisa, foi o poder de atrair confidencias... só que esta já era minha sina muito antes de conhecer Azazel. As pessoas mais estranhas insistem em relatar para mim seus infortúnios. E às vezes... — sacudiu a cabeça, com uma expressão de tristeza profunda. — ...às vezes, a desgraça é tão grande que mal posso suportar. Uma vez, por exemplo, conheci um homem chamado Hannibal West...

A primeira vez que o vi [disse George] foi no bar do hotel onde eu estava hospedado. Reparei nele porque estava atrapalhando minha visão de uma garçonete escultural, que além do mais usava trajes sumários. Acho que ele pensou que eu eslava olhando para ele, coisa que nem me passara pela cabeça, e tomou isso como um gesto de amizade.

Aproximou-se da minha mesa, com um copo de bebida na mão, e sentou-se sem pedir licença. Sou, por natureza, um homem educado, de modo que o recebi com um rosnado amistoso, que ele aceitou com naturalidade. Ele tinha cabelos ruivos muito lisos, pele clara e olhos igualmente claros, com o olhar fixo de um fanático, embora eu tenha de admitir que levei algum tempo para notar este último detalhe.

— Meu nome é Hannibal West — disse para mim. — Sou professor de geologia. Meu campo de especialização é a espeleologia. Por acaso o senhor também seria um espeleólogo?

Percebi que estava com a impressão de haver encontrado uma alma gêmea. Fiquei indignado com a idéia, mas não deixei isso transparecer.

— Sou um homem de múltiplos interesses — respondi. — Que vem a ser a espeleologia?

— O estudo e a exploração das cavernas — explicou. — É o meu passatempo favorito, também. Já explorei cavernas em todos os continentes, exceto a Antártida. Sou a maior autoridade mundial no assunto.

— Parabéns. Estou impressionado — falei.

Achando que minhas palavras encerravam um encontro que não podia ser classificado exatamente como agradável, fiz sinal à garçonete para que fosse buscar outro drinque e observei, com interesse científico, o seu andar ondulante em direção ao bar.

Hannibal West, porém, não se deu por achado.

— Você tem toda a razão em ficar impressionado — declarou, fazendo que sim vigorosamente com a cabeça. — Entrei em grutas subterrâneas que nunca haviam sido pisadas por um ser humano. Estive onde nenhum homem (ou mulher) jamais esteve. Respirei um ar que jamais havia passado pelos pulmões de um ser humano. Vi e ouvi coisas que ninguém mais ouviu... e escapou vivo para contar a história — concluiu, em tom enfático.

Meu drinque tinha chegado e desviei os olhos para admirar a graça com que a garçonete se inclinou para colocá-lo na mesa, à minha frente. Quase sem pensar, disse para o meu interlocutor:

— Você é um homem de sorte.

— Está muito enganado — protestou West. — Sou um miserável pecador, chamado pelo Senhor para pagar os pecados da humanidade.

Aquela estranha declaração me fez observá-lo com atenção pela primeira vez. Foi nessa hora que notei o olhar de fanático.

— Dentro de cavernas? — perguntei.

— Dentro de cavernas — concordou, com ar solene. — Acredite. Como professor de geologia, sei do que estou falando.

Conheci muitos professores em minha vida que não faziam a menor idéia do que estavam dizendo, mas evitei mencionar o fato. Talvez West tenha adivinhado o meu pensamento, porque apanhou um recorte de jornal na maleta que estava no chão a seu lado e passou-o para mim.

— Dê uma olhada nisso!

Não era nada de especial. Apenas uma notícia de três parágrafos. A manchete

dizia "Um Ruído Abafado". O jornal era de East Fishkill, Nova York. Aparentemente, os moradores se haviam queixado à polícia de um ruído abafado que deixara a população assustada e provocara uma grande agitação entre os gatos e cachorros. A polícia atribuíra o fenômeno a alguma tempestade distante, embora o serviço de meteorologia alegasse que não houvera nenhum trovão era um raio de centenas de quilômetros.

— Que acha disso?. — quis saber West.

— Não seria uma epidemia de indigestão?

Ele fez um careta, como se minha sugestão fosse ridícula, e disse:

— Tenho notícias semelhantes tiradas de jornais de Liverpool, Inglaterra; Bogotá, Colômbia; Milão, Itália; Rangum, Birmânia; e talvez meia centena de outras cidades do mundo. Coleciono essas notícias. Todas falam de um ruído abafado que deixou as pessoas com medo e os animais extremamente agitados. Todas foram publicadas em um intervalo de dois dias.

— Um único evento, de escala mundial! — exclamei.

— Exatamente! Indigestão, uma ova! — Olhou para mim, muito sério, tomou um gole de bebida e bateu no peito. — O Senhor colocou uma arma em minhas mãos e preciso aprender a usá-la.

— Que arma é essa?

Ele não respondeu diretamente.

— Encontrei a caverna por acidente — disse. — Prefiro que seja assim, porque uma caverna com uma entrada muito óbvia em geral já foi visitada por milhares de pessoas. Mostre-me uma abertura estreita e escondida, coberta de vegetação, parcialmente obstruída por um desmoronamento, escondida por uma cachoeira ou situada em um lugar quase inacessível, e eu lhe mostrarei uma caverna virgem, que merece ser explorada. Você disse que não conhece nada de espeleologia?

— Já visitei algumas cavernas. As cavernas Luray, na Virgínia, por exemplo...

— Uma simples exploração comercial! — exclamou West, torcendo o nariz e olhando em volta em busca de um lugar conveniente para cuspir. Felizmente, não encontrou nenhum.

"Já que não está familiarizado com as delícias da espeleologia, não vou

incomodá-lo com os detalhes de onde encontrei esta caverna nem de como a explorei. Naturalmente, nem sempre é seguro explorar cavernas desacompanhado, mas de vez em quando me aventuro nesse tipo de empreitada. Afinal, tenho muita experiência e, além disso, uma coragem de leão.

“No caso em questão, foi uma sorte eu estar sozinho, pois não seria justo qualquer outro ser humano partilhar da minha descoberta. Eu já estava explorando a caverna havia várias horas quando entrei em uma câmara enorme, cheia de estalactites e estalagmites. Internei-me na floresta de estalagmites, desenrolando a corda-guia atrás de mim, pois não estava a fim de me perder, e de repente deparei com o que parecia uma grossa estalagmite quebrada em um plano natural de cravagem. Ao lado havia um monte de pedaços de calcário. Era impossível deduzir a causa do acidente. Talvez um animal de grande porte, atravessando a câmara às cegas, fugindo de algum predador, tivesse esbarrado na estalagmite. Pode ser também que o responsável fosse um pequeno abalo sísmico.

“Fosse como fosse, o coto da estalagmite era tão liso que refletia a luz da minha lanterna como se fosse um espelho. Tinha forma aproximadamente circular e lembrava muito um tambor. Tanto que, obedecendo a um impulso, aproximei-me e bati nele com o indicador da mão direita.

Eu ouvia-o atento, sem interrompê-lo.

Ele bebeu o resto do drinque de um gole só e prosseguiu:

— Acontece que a coisa era um tambor, ou pelo menos uma estrutura capaz de entrar em ressonância quando estimulada. No momento em que a toquei, um ruído abafado encheu a câmara. Era um som indistinto, no limiar da audição, mais sentido do que ouvido. Na verdade, como mais tarde tive ocasião de verificar, a parte da vibração que era suficientemente aguda para ser ouvida constituía uma pequena porcentagem do total. Quase todas as ondas sonoras se manifestavam sob a forma de violentas vibrações lentas demais para afetar o ouvido, embora fizessem sacudir o meu corpo.

Aquela reverberação inaudível produziu em mim a sensação mais desagradável que você possa imaginar.

“Nunca havia observado nada parecido com aquilo. A energia do meu toque tinha sido diminuta. Como teria sido convertida em uma vibração tão intensa? Até hoje não consegui entender perfeitamente a causa do fenômeno. É claro que existem fontes de energia respeitáveis no subsolo. Poderia haver uma forma de extrair o calor do magma, transformando uma pequena fração desse calor em

som. A batida inicial serviria para liberar a energia sonora. O resultado seria uma espécie de laser sonoro, ou, se substituirmos "luz" por "som" na acrossemia, uma espécie de "saser".

— Nunca ouvi falar de nada parecido — observei.

— Claro que não. Nem você nem ninguém. Mas uma combinação fortuita de elementos geológicos dera origem a um saser natural. É uma coisa que não aconteceria, por acidente, mais que uma vez em um milhão de anos, talvez, e apenas naquele lugar do planeta. Pode ser o fenômeno mais raro da Terra.

— É muita coisa para concluir de ura simples ruído.

— Como cientista, meu amigo, eu lhe asseguro que não fiquei satisfeito com uma única observação. Resolvi fazer novas experiências. Bati com mais força e logo percebi que as vibrações na câmara poderiam danificar meus órgãos internos. Por isso, montei um sistema através do qual eu podia deixar cair pedras de vários tamanhos no saser através de um mecanismo operado a distância. Descobri que o som podia ser ouvido fora da câmara. Usando um sismógrafo rudimentar, verifiquei que era possível detectar as vibrações a uma distância de alguns quilômetros da caverna. Depois, deixei cair uma série de pedras e observei que o efeito era cumulativo.

— Isso ocorreu no dia em que o ruído abafado foi ouvido no mundo inteiro?

— Exatamente. Você não é tão obtuso quanto parece, afinal. A verdade é que o planeta inteiro ressoou como um sino.

— Já ouvi dizer que os grandes terremotos podem produzir esse efeito.

— Verdade, mas este saser pode provocar uma vibração mais intensa que a de qualquer terremoto, e pode fazê-lo em um comprimento de onda específico. Pode ser, por exemplo, um comprimento de onda capaz de abalar a estrutura interna das células, quebrando os cromossomos.

— Isso mataria as células.

— Claro que sim. Talvez tenha sido isso que matou os dinossauros.

— Li em algum lugar que os dinossauros desapareceram depois que um asteróide se chocou com a Terra.

— Alguns cientistas pensam assim. Entretanto, para que uma colisão comum produzisse o efeito desejado, o asteróide teria de ser gigantesco. Mais de dez

quilômetros de diâmetro. Além disso, temos de imaginar que a poeira se acumulou na estratosfera produzindo um inverno que durou três anos. E como explicar o fato de que algumas espécies se extinguiram e outras não, da forma mais ilógica possível? Suponha, porém, que um asteróide muito menor disparasse um saser, e que as vibrações produzidas por este saser tivessem a freqüência apropriada para afetar as células. Nesse caso, noventa por cento das células existentes na Terra poderiam ser destruídas em questão de minutos sem que o ambiente planetário fosse afetado de forma significativa. Algumas espécies conseguiriam sobreviver, outras não. Tudo dependeria das freqüências de ressonância dos respectivos cromossomos.

— E essa — disse eu, com a sensação desagradável de que aquele fanático estava falando sério — foi a arma que o Senhor colocou nas suas mãos?

— Exatamente. Calculei os comprimentos de onda exatos do som produzido quando o saser é excitado de várias formas diferentes e estou tentando determinar qual o comprimento de onda capaz de quebrar os cromossomos humanos.

— Por que os cromossomos humanos?

— Por que não? Qual é a espécie que está superpovoando o planeta, destruindo o ambiente, erradicando outras espécies, enchendo a biosfera de poluentes químicos? Qual é a espécie que ameaça destruir a Terra, torná-la inabitável em questão, talvez, de algumas décadas? Qual, senão o Homo sapiens? Se eu conseguir encontrar o comprimento de onda apropriado, estarei em condições de excitar o meu saser de forma a banhar a Terra em vibrações sônicas capazes de exterminar a humanidade em questão de pouco mais de um dia (pois a velocidade do som é finita), sem afetar outras formas de vida, cujos cromossomos são sensíveis a outros comprimentos de onda.

— Você está disposto a matar bilhões de seres humanos?

— O Senhor não fez a mesma coisa, através do dilúvio?

— Não me diga que acredita na lenda bíblica do...

— Sou um geólogo criacionista — declarou West, muito sério.

Foi então que compreendi tudo.

— Ah! — exclamei. — O Senhor prometeu que jamais haveria um novo dilúvio na Terra, mas não disse nada a respeito de ondas sonoras...

— Exatamente! Os bilhões de cadáveres servirão para fertilizar e frutificar a Terra. Serão usados como alimento pelas outras formas de vida, que tanto sofreram nas mãos da humanidade e merecem algum tipo de recompensa. Além do mais, uma pequena parcela da humanidade certamente sobreviverá. Tem de haver alguns seres humanos cujos cromossomos não sejam sensíveis às vibrações. Esses sobreviventes, abençoados por Deus, poderão começar de novo, e talvez tenham aprendido a lição.

— Por que está me contando tudo isto? — perguntei. Na verdade, acabara de me ocorrer que era estranho que ele estivesse me revelando todo o plano.

West se inclinou na minha direção, segurou-me pela gola do paletó (uma experiência muito desagradável, porque ele tinha mau hálito) e disse:

— Tenho certeza de que você está em condições de me ajudar.

— Eu? Posso lhe garantir que não entendo nada de comprimentos de onda, cromossomos e... — pensei melhor e disse, rapidamente: — Sabe que acho que tem razão? — retruquei.

Em um tom mais formal, com a cortesia majestosa que é uma das minhas características, acrescentei:

— Poderia me conceder a honra de esperar por mim uns quinze minutos?

— Certamente — respondeu, com a mesma formalidade. — Para passar o tempo, tentarei resolver algumas equações matemáticas ligadas ao problema.

Ao sair, passei uma nota de dez dólares para o garçom e segredei-lhe no ouvido:

— Não deixe aquele cavalheiro sair antes que eu volte. Sirva-lhe outro drinque e ponha na minha conta, se for absolutamente necessário.

Sempre levo comigo os ingredientes necessários para chamar Azazel. Minutos depois, ele estava sentado na mesinha-de-cabeceira do meu quarto, cercado, como sempre, de um brilho cor-de-rosa.

Disse para mim, com aquela vozinha aguda, em tom de censura:

— Você me interrompeu quando eu estava acabando de construir um pasmaraiso que sem dúvida conquistaria o coração de uma adorável samini.

— Sinto muito, Azazel — disse eu, torcendo para que ele não perdesse tempo me explicando o que era um pasmaraiso ou quão adorável podia ser uma samini —, mas se tratava de uma emergência do tipo mais urgente.

— Você sempre diz isso — observou, de cara feia.

Fiz um resumo da situação e tenho de reconhecer que ele compreendeu de imediato. Azazel é assim mesmo, dispensa grandes explicações. Desconfio que ele lê os meus pensamentos, embora me assegure que considera minha mente inviolável. Mesmo assim, por que deveria confiar em um demônio de dois centímetros de altura, que, como ele próprio admite, está sempre tentando conquistar as pobres das samini, usando para isso os expedientes mais escusos?

— Onde está esse humano? — perguntou.

— No bar do hotel. O hotel fica...

— Não precisa explicar. Posso procurar a aura de corrupção moral. Acho que já encontrei. Como posso identificar o humano?

— Cabelos ruivos, olhos claros...

— Não, não. Pela mente.

— Ele é um fanático.

— Ah, por que não disse logo? Encontrei-o... e acho que vou precisar de um bom banho quando voltar para casa. Ele é ainda pior do que você.

— Esqueça isso. Ele está dizendo a verdade?

— A respeito do íoser?... O qual, a propósito, é uma idéia interessante.

— A respeito do saser.

— Bem, esta é uma questão de difícil resposta, Como costumo dizer a um amigo meu que se considera um grande líder espiritual: Onde está a verdade? Tudo que sei é que ele acredita no que está dizendo. No que um ser humano acredita, porém, não importa com que convicção, pode não corresponder à verdade. Provavelmente você já se deparou com situações semelhantes ao longo de sua existência.

— Claro que sim. Mas não há meio de distinguir entre uma crença que se baseia na verdade e uma falsa crença?

— No caso de seres inteligentes, certamente que há. Mas isso não ocorre quanto aos seres humanos. Mas parece que você considera este homem como uma séria ameaça a sua espécie. Posso remanejar algumas moléculas do seu cérebro e ele estará morto em um piscar de olhos.

— Não, não! — protestei. Posso ser um tolo sentimental, mas a idéia de assassinar uma pessoa me repugna. — Não pode remanejar as moléculas do cérebro dele para que se esqueça de que o saser existe?

Azazel suspirou. Foi um suspiro agudo, sibilante.

— Vai ser muito mais difícil. As moléculas são pesadas e tendem a grudar umas nas outras. Por que não recorremos a uma simples interrupção...

— Eu insisto.

— Ora, está bem — concordou Azazel, de má vontade.

Iniciou então o ritual de bufos e gemidos com os quais tenta me fazer crer que está trabalhando pesado. Momentos depois, disse: — Terminei.

— Ótimo. Espere aqui, por favor. Só quero ver se está tudo bem. Não demoro — falei.

Corri para o bar e encontrei Hannibal West no mesmo lugar onde o deixara. O garçom piscou para mim quando passei por ele.

— Não foi necessário nenhum drinque — disse para mim, em voz baixa. Dei-lhe mais cinco dólares.

Quando me aproximei, West levantou os olhos e exclamou, muito animado:

— Aí está você!

— Eu mesmo. Que bom que você notou. Tenho a solução para o problema do saser.

— O problema do quê? — perguntou, visivelmente intrigado.

— O objeto que você descobriu em uma de suas expedições espeleológicas.

— Que é uma expedição espeleológica?

— A exploração de uma caverna.

— Francamente, meu amigo — disse West, franzindo a testa. — Jamais entrei em uma caverna em toda a minha vida. Perdeu o juízo?

— Não, mas acabo de lembrar que tenho um compromisso importante. Adeus. Talvez um dia a gente se veja de novo — retruquei.

Corri de volta para o quarto, um pouco ofegante, e encontrei Azazel trauteando uma das melodias populares do seu mundo. O gosto musical daquelas criaturas deve ser atroz.

— Ele se esqueceu de tudo — informei a Azazel. — Espero que o efeito seja permanente.

— Claro que é permanente — disse Azazel. — Agora temos de cuidar do saser. Para poder amplificar os sons usando como fonte de energia o calor interno da Terra, ele deve ter uma estrutura bastante complexa. Bastará uma pequena alteração no local apropriado (coisa que, para um ser com os meus poderes, não será muito difícil), e o efeito saser não tornará a se repetir. Onde, exatamente, fica a tal caverna?

Olhei para ele, estupefato.

— Como vou saber?

Ele olhou para mim, provavelmente também estupefato, mas não consigo interpretar direito as expressões daquele pequeno rosto.

— Está querendo dizer que me fez apagar a memória do homem antes de lhe extrair esta informação vital?

— A questão não me ocorreu — expliquei.

— Mas se o saser existe realmente, outra pessoa poderá encontrá-lo, ou um animal poderá tropeçar nele, ou um meteorito poderá atingi-lo, e nesse momento toda a vida na Terra poderá ser destruída.

— Meu Deus! — exclamei.

Aparentemente, ele se comoveu com o meu desespero, pois disse, à guisa de consolo:

— Vamos, vamos, meu amigo, não fique tão triste assim. Afinal, o pior que pode acontecer é a destruição da raça humana. Apenas da raça humana. A vida de seres inteligentes não está em risco.

Depois de terminar sua história, George disse para mim, em tom desolado:

— Veja só em que situação me encontro. Sou a única pessoa ciente de que o mundo pode acabar a qualquer momento.

— Bobagem! — exclamei. — Mesmo que você tenha me contado a verdade a

respeito desse Hannibal West, o que, se você me desculpa, não é absolutamente certo, pode ser que ele não passasse de um louco visionário.

George ficou olhando para mim por um momento e depois disse:

— Eu não aceitaria a sua desagradável tendência para o ceticismo mesmo que me oferecessem todas as adoráveis 5atini do mundo de Azazel. Como explica isto? — indagou.

Tirou da carteira um pequeno recorte de jornal. Era do Financial Times da véspera. O título era: “Um Ruído Abalado.” Falava de um ruído abafado que estava perturbando os habitantes de Grenoble, na França.

— Uma explicação, George — disse para ele —, é que você viu essa notícia no jornal e inventou o resto da história.

Por um momento, parecia que George iria explodir de indignação, mas quando peguei a conta nada desprezível que a garçonete havia colocado em cima da mesa, pareceu mudar de idéia e se despediu de forma muito amistosa.

Entretanto, devo admitir que não tenho dormido bem desde aquele dia. De vez em quando, me surpreendo sentado na cama, às 2:30 da manhã, tentando ouvir de novo o ruído abafado que poderia jurar que me tirou do sono.

Salvando a Humanidade

Certa noite, meu amigo George me disse, com um suspiro:

— Tenho um amigo que é um kfutz. Assenti gravemente.

— Pássaros da mesma plumagem. George olhou para mim, espantado.

— Quem falou em penas? Você tem uma mania detestável de mudar de assunto. Conseqüência, suponho, de sua incapacidade intelectual... que menciono por pena, e não como crítica.

— Ora, ora... pense como quiser. Quando fala de seu amigo klulz, está se referindo a Azazel?

Azazel é um demônio ou ser extraterrestre (como você preferir) de dois centímetros de altura a respeito de quem George fala constantemente, parando apenas para responder a uma pergunta direta. Ele me disse, em tom gélido:

— O nome de Azazel não deve ser mencionado em nossas conversas. Não sei como ouviu falar dele.

— Acontece que um dia cheguei a menos de um quilômetro de distância de você — retruquei.

George não me deu atenção e começou:

A primeira vez que ouvi a estranha palavra klulz foi em uma conversa com meu amigo Menander Block. Você não o conhece, porque é um homem instruído, professor universitário, bastante seletivo em suas amizades... observando você, ninguém poderia culpá-lo por isso.

Ele me explicou que klutz é usado para designar uma pessoa desajeitada.

— Isso se aplica a mim — explicou. — Klutz vem do iídiche que significa um pedaço de madeira, um tronco, um toro; e, naturalmente, meu sobrenome, como você bem sabe, é Block [toro em inglês]. — Ele deu um profundo suspiro.

"Entretanto, não sou um klutz no sentido estrito da palavra. Não há nada de madeirento, troncudo ou toroso em mim. Sei dançar com a agilidade de um zéfiro e a graça de uma libélula; meus movimentos são fluentes como o de um silfo; várias jovens poderiam atestar minhas habilidades nas artes do amor. A verdade é que sou um klutz apenas a distância. Tudo que me cerca se torna

klutzesco, sem que eu mesmo seja afetado. O próprio universo parece tropeçar em meus pés cósmicos. Se você não se incomoda de misturar duas línguas e combinar grego com iídiche, suponho que poderia chamar-me de íeleklutz.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo, Menander? — perguntei.

— Durante toda a minha vida, mas, naturalmente, só quando me tornei adulto foi que me dei conta do estranho poder que possuo. Quando era criança, supunha que o que acontecia comigo sucedia também com as outras pessoas.

— Nunca discutiu o assunto com ninguém?

— Claro que não, George, amigo velho. Seria tomado como louco. Digamos que eu procurasse um psicanalista e tocasse na questão do teleklutzismo. Ele me mandaria para o manicômio na metade da primeira consulta, escreveria um artigo a respeito da descoberta de uma nova psicose e provavelmente ficaria rico. Não estou disposto a passar o resto da vida em um sanatório só para fazer a fama de um idiota vestido de branco. Não, isso eu não posso contar a ninguém.

— Então por que está me contando, Menander?

— Porque, por outro lado, tenho de contar a alguém para manter a sanidade. E você é a pessoa mais inofensiva que conheço.

Não entendi bem o que ele queria dizer com essa última parte, mas percebi que iria ser submetido, mais uma vez, às confidencias indesejadas de um dos meus amigos. Era o preço, eu bem sabia, da minha proverbial compreensão, simpatia, e, mais que tudo, discrição. Um segredo entregue aos meus cuidados jamais chega aos ouvidos de outra pessoa. (Estou fazendo uma exceção no seu caso porque sei que você não consegue prestar atenção por mais de cinco segundos e sua memória é ainda mais curta.)

Fiz sinal ao garçom para trazer outro drinque e sinalizei, usando um código que só nós dois conhecíamos, que era para ser colocado na conta de Menander. Afinal, um trabalhador deve receber algum pagamento pela sua labuta.

— Como se manifesta esse seu teleklutzismo? — perguntei a Menander.

— Em sua forma mais simples, e no modo pelo qual primeiro me chamou a atenção, ele se manifesta através do tempo peculiar que acompanha minhas viagens. Não viajo muito, e quando o faço, vou de carro, e sempre que faço isso, começa a chover. Não importa a previsão do tempo; não importa que o sol esteja brilhando quando inicio a viagem. As nuvens aparecem, o céu fica escuro, começa a chuviscar e depois a chuva cai com vontade. Quando meu

teleklutzismo está em dia particularmente inspirado, a temperatura cai e temos uma tempestade de neve.

“Naturalmente, já estou vacinado. Recuso-me a viajar para a Nova Inglaterra até o final de março. Na primavera passada, dirigi até Boston no dia 6 de abril... o que deu origem à primeira nevasca de abril em toda a história do Serviço de Meteorologia de Boston. Outra vez, fui até Williamsburg, na Virgínia, em 28 de março, imaginando que teria alguns dias de graça, já que estava tão no sul. Ah! Williamsburg teve vinte centímetros de neve naquele dia, e os nativos ficavam o tempo todo pegando no chão aquela substância branca e perguntando uns aos outros o que era.

“Muitas vezes pensei que, se supusesse que o universo era dirigido pessoalmente por Deus, poderia imaginar o arcanjo Gabriel chegando, esbaforido, à presença divina, para exclamar: Senhor, duas galáxias estão para colidir, em uma gigantesca catástrofe cósmica!” Deus responderia: “Não me perturbe agora, Gabriel; estou ocupado fazendo chover na cabeça de Menander."

— Você é uma pessoa cheia de recursos, Menander — disse eu. — Por que não aluga seus serviços, por uma soma fabulosa, a uma firma de irrigação?

— Já pensei nisso, mas não daria certo; provavelmente eu passaria a produzir uma seca renitente por onde passasse.

Ou isso, ou verdadeiras inundações.

“Não é só a chuva, nem os engarrafamentos de trânsito; são muitas outras coisas. Objetos caros se quebram espontaneamente na minha presença, ou outras pessoas os deixam cair sem nenhuma razão aparente. Existe um sofisticado acelerador de partículas em Wheaton, Illinois. Um dia, uma experiência importantíssima fracassou porque o vácuo foi perdido; um defeito que até hoje não teve explicação. Só eu sabia (isto é, fiquei sabendo no dia seguinte, depois de ler no jornal a respeito do incidente) que no momento estava passando de ônibus nos arredores de Wheaton. Estava chovendo, naturalmente.

“Neste exato momento, amigo velho, parte do vinho de mais de cinco dias de idade deste restaurante, que envelhece na adega em garrafas de plástico da melhor qualidade, está azedando. Alguém que passou pela nossa mesa um momento atrás vai descobrir, quando chegar em casa, que um cano do porão estourou no memento exato em que passou por mim; claro que não vai saber que passou por mim e que foi essa a causa de tudo. Assim acontece com milhares de pequenos acidentes. Isto é, de supostos acidentes.

Senti pena do meu amigo, mas ao mesmo tempo meu sangue gelou ao pensar que estava sentado em frente a ele e que catástrofes inimagináveis podiam estar ocorrendo no meu humilde tugúrio.

— Em outras palavras: você é um pé-frio! — exclamei.

Menander jogou a cabeça para trás e olhou para mim com uma expressão de desprezo.

— Pé-frio — declarou — é o nome vulgar; teleklutz é a designação científica.

— Pois muito bem... pé-frio ou (elekluiz, sabe que talvez eu possa ajudá-lo a livrar-se dessa maldição?

— Maldição é bem o termo — concordou Menander, com ar tristonho. — Muitas vezes pensei que, quando eu era bebê, uma bruxa malvada, aborrecida por não ter sido convidada para o meu batizado... Está querendo me dizer que você pode anular maldições porque é uma fada boa?

— Fada uma ova! — protestei, indignado. — Imagine, porém, que eu seja capaz de acabar com essa mal... com esse seu problema.

— Como vai fazer isso?

— Não importa. Está interessado?

— O que você vai ganhar com isso? — perguntou, desconfiado.

— A agradável sensação de haver salvado um amigo de uma vida miserável.

Menander pensou por um momento e depois sacudiu a cabeça.

— Isso não será suficiente.

— Claro, que se quiser me oferecer uma pequena quantia...

— Não, não. Jamais pensaria em insultá-lo dessa forma. Oferecer dinheiro a um amigo! Atribuir um valor financeiro a uma amizade? Que você pensaria de mim, George? O que eu quis dizer foi que não será suficiente remover o meu teleklutzismo. Você precisa fazer mais do que isso.

— Que mais vou ter de fazer?

— Pense! Durante minha vida, fui responsável pela infelicidade de milhões de pessoas inocentes. Mesmo que de agora em diante não traga mais infortúnios

para ninguém, os males que já causei (embora jamais de forma intencional) constituem para mim um fardo muito pesado. Preciso me redimir de alguma forma.

— Como?

— Devo estar em posição de salvar a humanidade.

— Salvar a humanidade?

— De que outra forma poderia reparar os danos que causei? George, eu insisto. Se vai anular minha maldição, substitua-a pela capacidade de salvar a humanidade em um momento de crise.

— Não sei se vou poder fazer isso.

— Tente, George. Não seja tímido. Se vai fazer um trabalho, faça-o bem, é o que eu sempre digo. Pense na humanidade, amigo velho.

— Espere um momento — disse eu, alarmado. — Você está colocando toda a responsabilidade nos meus ombros!

— Claro que estou, George — disse Menander, afetuosamente. — Ombros firmes! Ombros de amigo! Feitos para suportar cargas pesadas! Vá para casa, George, e dê um jeito de me libertar da maldição. A humanidade lhe prestaria homenagens, agradecida, só que, naturalmente, ninguém ficará sabendo, porque não pretendo contar a ninguém. Suas boas ações não devera ser corrompidas pela perda do anonimato.

Fique tranqüilo, amigo velho, nosso segredo jamais será revelado!

Existe algo de maravilhoso na amizade desinteressada. Nada na Terra a ela se iguala. Levantei-me imediatamente para pôr mãos à obra; agi tão depressa que me esqueci de pagar minha parte do jantar. Felizmente, quando Menander percebeu eu já estava longe.Tive algum trabalho para entrar em contato com Azazel e abrir o portão hiperdimensional que separa o seu mundo do nosso. Ele não pareceu muito satisfeito em me ver. Seu corpo de dois centímetros de altura estava envolto em um brilho róseo, e ele me perguntou, em sua vozinha de falsete:

— Não lhe ocorreu que eu podia estar no chuveiro?

— Trata-se de uma emergência, ó Poderoso-Ser-Para-o-Qual-as-Palavras-São-Insuficientes — repliquei, com toda a humildade.

— Então me conte, mas, por favor, seja breve.

— Está bem! — disse eu.

Relatei-lhe o caso com admirável concisão.

— Hummm... — fez Azazel. —Pelo menos uma vez, você me trouxe um problema interessante.

— Verdade? Quer dizer que existe mesmo esse tal de teleklutzismo?

— Existe, sim. É bastante comum em meu mundo. As crianças são vacinadas contra ele no primeiro ano de vida. Você sabe, a mecânica quântica deixa bem claro que as propriedades do universo dependem, até certo ponto, do observador. Assim como o universo afeta o observador, o observador afeta o universo. Alguns observadores afetam o universo de forma desfavorável, ou pelo menos desfavorável para outros observadores. Assim, um observador pode fazer com que uma estrela se transforme em supernova, para desconforto de outros observadores que porventura habitem um planeta em órbita em torno dessa estrela.

— Estou entendendo. Será que você pode tratar o meu amigo Menander e impedir que os seus efeitos de observador sejam tão desagradáveis?

— Naturalmente! Com toda a facilidade! Vai levar só dez segundos! Depois, poderei voltar ao meu chuveiro e ao rito de laskorati, ao qual me dedicarei com duas samini adoráveis!

— Espere! Espere! isso não será suficiente!

— Não diga bobagens. Duas samini são mais que suficientes. Só um tarado exigiria três!

— Estou falando que não será suficiente anular o telek-lutzismo. Menander também quer ter a oportunidade de salvar a raça humana.

Por um momento, pensei que Azazel fosse esquecer nossa antiga amizade e tudo que tenho feito por ele, oferecendo-lhe problemas estimulantes, que certamente o ajudam a exercitar a criatividade. Não compreendi tudo que disse, porque usou muitas palavras de sua própria língua, mas o som era de um serrote cego em um prego enferrujado.

Afinal, depois de esfriar um pouco a cabeça, que assumiu um tom vermelho-claro, ele disse:

— Como pensa que eu vou fazer isso?

— Acha que é pedir muito do Apóstolo-da-Incredibilidade?

— Claro que sim! Mas... vamos ver! — Ele pensou um pouco e depois explodiu:

“Afinal, quem, em seu juízo perfeito, iria querer salvar a raça humana? Que é que o universo ganharia com isso? Vocês são a vergonha da Galáxia... Ora, ora, acho que dá para fazer.

Não levou dez segundos. Levou meia hora, e uma meia hora muito nervosa, com Azazel resmungando parte do tempo e o resto do tempo parando para imaginar se as samini esperariam por ele.

Afinal, terminou, e, naturalmente, tive de ir testar os resultados com Menander Block.

Assim que vi Menander, disse para ele:

— Você está curado.

Ele olhou para mim com ar hostil.

— Sabe que me deixou com a conta do jantar naquela noite?

— Um fato de somenos importância, diante da sua cura.

— Não me sinto curado.

— Ora, deixe disso! Vamos dar uma volta juntos. Você dirige.

— O tempo já está ficando nublado. Que cura!

— Dirija! Que temos a perder?

Ele tirou o carro da garagem. Um homem que passava do outro lado da rua não tropeçou em uma lata de lixo cheia até a borda.

Chegamos ao final da rua. O sinal não ficou vermelho enquanto nos aproximávamos e dois carros que freavam no cruzamento conseguiram parar a uma distância segura.

Quando passamos pela ponte, as nuvens se abriram, e um sol quente banhou o carro, mas sem ofuscar o motorista.

Ao chegarmos em casa, ele estava chorando como uma criança e tive de

guardar o carro na garagem. Arranhei de leve a pintura, mas podia ter sido pior. Eu podia ter arranhado meu próprio carro.

Na semana seguinte, ele não desgrudou de mim. Afinal, eu era o único que sabia que havia ocorrido um milagre.

Dizia para mim:

— Fui a um baile e nenhum casal tropeçou e caiu, que brando um braço ou uma clavícula. Dancei até cansar e minha parceira não passou mal do estômago, embora tivesse comido tudo quanto foi porcaria.

Ou:

— No trabalho, instalaram um novo aparelho de ar condicionado e ele não caiu no pé de um dos operários, deixando-o aleijado.

Ou mesmo:

— Visitei um amigo no hospital, uma coisa que há alguns dias nem me passaria pela cabeça, e em todos os quartos por que passei nenhuma sonda saiu da veia de um paciente.

De vez em quando, ele me perguntava, apreensivo:

— Tem certeza de que eu vou ter uma chance de salvar a humanidade?

— Certeza absoluta. Isto é parte da sua cura.

Um dia, porém, ele apareceu com a testa franzida.

— Escute — disse para mim. — Acabo de ir ao banco verificar o meu saldo, que está um pouco mais baixo do que devia por causa da sua mania de desaparecer dos restaurantes antes que a conta chegue. Não consegui nada, porque o computador saiu do ar no momento em que eu entrei. Estava todo mundo atônito. Será que a cura foi temporária?

— É impossível! Aposto que não teve nada a ver com você. Vai ver que havia outro teleklutz nas vizinhanças. Ou então o computador estava mesmo para enguiçar, e tudo não passou de uma simples coincidência.

Entretanto, eu estava enganado. O computador do banco parou de funcionar nas duas ocasiões em que o meu amigo tentou verificar novamente o seu saldo. (A propósito: era muito mesquinho de sua parte se preocupar com as modestas quantias que eu havia deixado de pagar.) Afinal, quando o computador da firma

onde trabalhava enguiçou no momento em que entrou no centro de processamento de dados, ele veio me procurar em estado de pânico.

— A doença voltou! Agora não há mais dúvida! A doença voltou! — gritava o coitado. — Desta vez eu não vou agüentar. Logo agora, que estava me acostumando a ser uma pessoa normal! Não, não posso voltar a rainha vida antiga! Prefiro me matar!

— Não, não, Menander. Isso seria ir longe demais!

Ele pareceu se conter no momento em que ia dar outro grito e pensou no que eu havia dito.

— Tem razão — concordou. — Isso seria ir longe demais.

Talvez fosse melhor matar você. Afinal de contas, você não faria falta a ninguém, e isso me faria sentir um pouquinho melhor.

Podia compreender o seu ponto de vista, mas não podia concordar com ele.

— Espere ai! — protestei. — Antes de fazer qualquer coisa, deixe-me verificar o que ocorreu. Tenha um pouco de paciência, Menander. Lembre-se de que, até agora, seu azar só afetou os computadores, e quem está ligando para os computadores?

Despedi-me rapidamente, antes que ele tivesse tempo de me perguntar como iria descobrir seu saldo bancário se os computadores se recusavam a funcionar na sua presença. Aquilo para ele estava se tornando uma idéia fixa.

Azazel também tinha uma idéia fixa, só que de outro tipo. O que quer que andasse fazendo com as samini, a verdade é que estava dando cambalhotas quando eu cheguei. Por que, não sei.

Não acho que tenha desviado totalmente a atenção das samini, mas consegui fazê-lo explicar o que havia acontecido; vi-me então diante da necessidade de explicar tudo a Menander.

Insisti para que nos encontrássemos no parque. Escolhi um local bem movimentado, porque talvez precisasse de socorro imediato se meu amigo perdesse a cabeça {em sentido figurado) e tentasse me fazer perder a minha (no sentido literal).

Disse para ele:

— Menander, seu teleklutzismo ainda está ativo, mas apenas para computadores.

Você tem a minha palavra. Você está curado para todos os outros seres animados e inanimados... e isso é irreversível!

— Pois então, cure-me também para os computadores!

— Acontece, Menander, que isso é impossível. Você não está curado para os computadores... e isso é irreversível.

Falei a última palavra como um sussurro, mas ele me ouviu.

— Por quê? Que tipo de cabeça de minhoca é você?

— Você faz soar como se houvesse mais de um tipo, Menander, o que não faz sentido. Não compreende que você queria salvar o mundo, e foi isso que aconteceu?

— Não, não compreendo. Explique-me, com toda a calma. Você tem quinze segundos.

— Seja razoável! A humanidade está passando pela revolução da informática. Os computadores tornam-se a cada dia mais versáteis, mais capazes, mais inteligentes. Os seres humanos dependem cada vez mais dos computadores. Qualquer dia desses, será construído um computador capaz de governar o mundo, que deixará a humanidade sem nada para fazer. Talvez até decida eliminar os seres humanos, como uma raça desnecessária. Podemos iludir-nos pensando que sempre nos restará o recurso de "puxar o fio da tomada", mas você sabe muito bem que isso não será possível. Um computador suficientemente esperto para governar o mundo seria perfeitamente capaz de defender seu próprio fio de alimentação e, por que não, de gerar sua própria eletricidade.

"Ele seria imbatível, e a humanidade estaria condenada. E aí, meu caro amigo, é que você entra em cena. Você chega perto desse soberano dos computadores {talvez uma distância de um ou dois quilômetros seja suficiente), e zás! Ele sofre uma pane fatal! A humanidade será salva! A humanidade será salva! Pense nisso!

Menander pensou. Ele não parecia muito satisfeito. Disse para mim:

— Mas até que isso aconteça, não posso me aproximar dos computadores.

— Ora, tivemos de tornar permanente o klutzismo computadorial para ter certeza de que ele funcionaria na ocasião apropriada; que o rei dos computadores não teria nenhuma defesa contra você. É o preço que você tem de pagar por esse

grande dom, que você mesmo pediu e pelo qual toda a humanidade lhe será grata por muitos e muitos séculos.

— Ah, é? E quando terei a oportunidade de usar esse meu dom para salvar a humanidade?

— De acordo com Azaz... de acordo com os meus cálculos, isso ocorrerá daqui a uns sessenta anos. Encare as coisas dessa forma: agora você sabe que viverá no mínimo noventa anos.

— E nesse intervalo — disse Menander, falando muito alto, sem se importar com as pessoas que paravam para olhar para nós — o mundo vai ficar cada vez mais informatizado, e eu terei de deixar de freqüentar mais e mais lugares. Acabarei como um eremita...

— Mas no final você salvará a humanidade! É isso que Você queria!

— Para o inferno com a humanidade! — gritou Menander, avançando para mim.

Só consegui escapar porque as pessoas que estavam assistindo à discussão seguraram o pobre coitado.

Hoje em dia, Menander está sendo analisado por um psiquiatra freudiano dos mais famosos. Certamente vai custar-lhe uma fortuna e, certamente, não vai resolver coisa alguma.

Depois de terminar sua história, George olhou para o copo de cerveja, pelo qual eu sabia que teria de pagar. Ele disse:

— Essa história tem uma moral, sabe?

— Qual é?

— Não há gratidão neste mundo!

Uma Questão de Princípios

George olhou tristemente para o seu copo, que continha o meu drinque (no sentido de que eu certamente pagaria por ele) e disse:

— Hoje sou um homem pobre apenas por uma questão de princípios. — Puxou um profundo suspiro da região do umbigo e acrescentou: — Ao falar em “princípios” devo, naturalmente, pedir desculpas por usar uma palavra com a qual você não está familiarizado, exceto na acepção vulgar de início de alguma coisa. Mas a verdade é que sou um homem de princípios.

— É mesmo? — disse eu. — Suponho que Azazel tenha lhe concedido esse traço de caráter há poucos minutos, já que até hoje, pelo que sei, nunca o exibiu na presença de ninguém.

George olhou para mim com ar ofendido. Azazel é um demônio de dois centímetros que possui poderes mágicos espantosos. George é a única pessoa capaz de conjurá-lo. Ele disse:

— Não consigo imaginar onde foi que você ouviu falar de Azazel.

— É um completo mistério para mim, também. Ou melhor, seria um mistério, se você não falasse nele o tempo todo.

— Não seja ridículo! — protestou George. — Jamais mencionei o nome de Azazel em nossas conversas!

Gottlieb Jones [disse George] era também um homem de princípios. Você poderia considerar isso impossível, tendo em vista sua profissão de publicitário, mas ele conseguia se manter acima das mazelas do ofício com um admirável jogo de cintura. Um dia, enquanto comíamos um hambúrguer com batatas fritas, ele me disse:

— George, é impossível descrever com palavras o horror que é o meu trabalho, ou o desespero que sinto ao buscar maneiras persuasivas de vender produtos que, em minha opinião, nem deveriam existir! Ontem mesmo, tive de ajudar a vender uma nova variedade de repelente de insetos que, nos testes, atraiu mosquitos em um raio de vários quilômetros. “Se os insetos o incomodam”, diz meu slogan, “use Afastex.”

— Afastex? — repeti, arrepiado.

Gottlieb cobriu os olhos com uma das mãos. Tenho certeza que usaria as duas, se

não estivesse colocando batatas fritas na boca com a outra.

— Tenho de conviver com esta vergonha, George. Mais cedo ou mais tarde, serei forçado a pedir demissão. Este emprego viola meus princípios de ética comercial e de honestidade literária, e você sabe que sou um homem de princípios.

Observei, dedicadamente:

— Por outro lado, meu amigo, esse emprego lhe rende trinta mil dólares por ano, e você tem uma esposa linda e jovem para sustentar, além de um filho pequeno.

— Dinheiro! — exclamou Gottlieb, com violência. — Lixo! O vil metal pelo qual o homem é capaz de vender a sua alma! Repudio o dinheiro, George; afasto-o de mim como uma praga; não quero ter nada a ver com ele.

— Mas Gottlieb, você não está fazendo nada disso! Recebe seu salário no fim do mês, certo?

Devo admitir que, por um momento de apreensão, pensei em um Gottlieb sem vintém e no número de almoços que sua virtude tornaria impossível pagar para nós dois.

— Sim, sim, é verdade. Marilyn, minha querida esposa, tem o embaraçoso hábito de mencionar sua mesada para as compras domésticas em conversas de cunho eminentemente intelectual, para não falar das vezes em que se refere, como que por acaso, às dívidas que levianamente contraiu em supermercados e butiques. Tudo isso interfere nos meus planos de ação. Quanto a Gottlieb Jr., que está para fazer seis meses, ainda não está preparado para compreender que o dinheiro não tem nenhuma importância. Embora, para fazer-lhe justiça, eu tenha de admitir que jamais me pediu um empréstimo.

Suspirou, e suspirei com ele. Sei perfeitamente que as esposas e filhos menores não têm o menor espírito de cooperação no que diz respeito às finanças familiares, e esta é a razão principal pela qual permaneço solteiro até hoje, apesar da perseguição insistente de lindas mulheres, atraídas por meus encantos naturais.

Gottlieb Jones interrompeu involuntariamente minhas agradáveis divagações, perguntando:

— Você sabe qual é meu maior desejo, George?

Disse isso com um brilho tão lúbrico nos olhos que fiquei assustado, achando que

de alguma forma conseguira ler meus pensamentos. Para minha surpresa, porém, acrescentou:

— Meu maior desejo é ser um romancista, descrever com detalhes as profundezas da alma, revelar aos meus leitores extasiados a gloriosa complexidade de condição humana, inscrever meu nome em grandes letras indeléveis na literatura clássica e marchar para a eternidade na companhia de homens e mulheres como Esquilo, Shakespeare e Ellison.

Tínhamos terminado a refeição e eu esperava, nervoso, pela conta, aguardando o momento conveniente para distrair-me com outra coisa. O garçom, depois de nos observar com a aguda percepção resultante de muitos anos de prática, entregou-a a Gottlieb.

Respirei, aliviado, e disse:

— Pense, meu caro Gottlieb, nas conseqüências desagradáveis que se seguiriam. Li recentemente, num jornal conceituado que um passageiro de ônibus mantinha aberto, que existem 35 mil escritores nos Estados Unidos com pelo menos um romance publicado, dos quais apenas 700 ganham a vida como escritores; desses, não mais que 50, repare bem, são ricos. Comparado com isso, seu salário atual...

— Que importa isso? -— exclamou Gottlieb. — Não estou interessado em ganhar dinheiro, e sim em conquistar a imortalidade e presentear as futuras gerações com um tesouro literário de valor incalculável. Poderia suportar com facilidade o desconforto de permitir que Marilyn trabalhasse como garçonete, motorista de ônibus ou qualquer outra coisa acessível aos seus modestos dotes intelectuais. Tenho certeza de que consideraria um privilégio trabalhar de dia e cuidar de Gottheb Jr. à noite, enquanto eu estaria dedicado à criação de minhas obras-primas. Só que... — Ele fez uma pausa.

— Só que... — repeti, encorajando-o.

— Não sei bem por que, George — disse, com um traço de petulância na voz —, mas há um pequeno obstáculo no caminho. Falta alguma coisa. Meu cérebro está sempre fervilhando de idéias. Cenários, trechos de diálogos, situações de grande impacto dramático se misturam o tempo todo na minha mente. É apenas a questão secundária de colocar tudo isso no papel que parece me escapar. Deve ser um problema de somenos importância, já que qualquer escriba incompetente, como aquele seu amigo que tem um nome esquisito, parece não ter dificuldade para produzir livros às centenas. Mesmo assim, é um problema real.

(Certamente ele estava se referindo a você, meu caro amigo, já que as palavras "escriba incompetente" lhe caem como uma luva. Senti-me tentado a dizer algumas palavras em sua defesa, mas depois me dei conta de que seria uma tarefa inglória.)

— Vai ver — observei — você não se esforçou o bastante.

— Acha que não? Tenho centenas de folhas de papel, cada uma com o primeiro parágrafo de um romance maravilhoso. O primeiro parágrafo, nada mais. Centenas de primeiros parágrafos para centenas de romances. É no segundo parágrafo que eu sempre empaco.

Uma idéia brilhante me veio à mente, mas não me surpreendi. Estou sempre tendo idéias brilhantes.

— Gottlieb — disse-lhe —, posso resolver o seu problema. Posso torná-lo um grande escritor. Posso fazer com que fique rico. Ele olhou para mim com uma expressão de descrença.

— Você pode? — perguntou, com uma ênfase quase ofensiva no pronome.

Àquela altura já estávamos saindo do restaurante. Observei que Gottlieb se esquecera de deixar uma gorjeta para o garçom, mas me abstive de mencionar o fato, já que meu amigo poderia sugerir que eu me encarregasse da desagradável tarefa.

— Meu amigo, tenho o segredo do segundo parágrafo, e portanto posso torná-lo rico e famoso!

— Hum! Qual é o segredo?

Com toda a delicadeza (e é aqui que chegamos à minha brilhante idéia), eu lhe disse:

— Gottlieb, todo trabalho tem seu preço.

Gottlieb deu uma risada.

— Minha confiança em você é tão grande, George, que não tenho medo de jurar que se me tornar um escritor rico e famoso, você poderá ficar com metade do que eu ganhar, depois de descontadas as despesas, naturalmente.

Com mais delicadeza ainda, fui em frente:

— Sei que é um homem de princípios, Gottlieb, de modo que sua palavra vale

mais para mim que qualquer contrato, mas só de brincadeira (ah, ah!), estaria disposto a escrever isso num papel, assinar embaixo e (só para tornar a brincadeira ainda mais engraçada, ah, ah!) registrar em cartório?

Podemos ficar com uma cópia cada um.

A pequena transação tomou apenas meia hora do nosso tempo, já que recorremos a um tabelião que também era datilógrafo e meu amigo de longa data.

Guardei na carteira uma cópia do precioso documento e disse;

— Não posso fornecer-lhe imediatamente o segredo, mas, assim que estiver tudo arranjado, terá notícias minhas. Poderá então começar um romance e não terá nenhum problema para escrever o segundo parágrafo... nem o milésimo segundo. Naturalmente, não me deverá coisa alguma até começarem a entrar os primeiros pagamentos.

— Claro que não! — exclamou Gottlieb, em tom irritado.

Naquela mesma noite, dediquei-me ao ritual de costume para chamar Azazel. Azazel é apenas o nome que inventei para ele, pois me recuso a usar o que ele usa para se referir a si próprio. Esse nome, escrito no papel, é dez vezes maior que o dono.

Azazel tem apenas dois centímetros de altura e é uma pessoa sem nenhum destaque em seu próprio mundo. Esta é a única razão por que está sempre disposto a me ajudar; isso o faz sentir-se importante.

Naturalmente, jamais conseguirei persuadi-lo a fazer alguma coisa que contribua, de forma direta, para me tornar uma pessoa rica. A criaturinha insiste em dizer que isso seria uma comercialização inaceitável de sua arte. E não parece acreditar quando lhe asseguro que tudo que fizer por mim será usado, de forma totalmente desprendida, para o bem da humanidade. A primeira vez que lhe fiz essa declaração, emitiu ura som estranho, cujo significado me escapou, e que afirmou haver aprendido com um morador do Bronx.

Foi por esse motivo que não lhe revelei a natureza do acordo que firmara com Gottlieb Jones. Não seria Azazel que iria me tornar milionário. Na verdade, Gottlieb se encarregaria disso, depois que Azazel o tornasse rico. Mas eu teria um trabalho dos diabos para fazer o pequeno demônio compreender a diferença.

Azazel, como sempre, ficou irritado com a interrupção. Sua cabecinha estava ornamentada com o que pareciam ser pequenas mechas de algas marinhas. Ele

me explicou, de forma um tanto incoerente, que eu o chamara bem no meio de uma cerimônia universitária, na qual receberia algum tipo de diploma. Sendo, como já expliquei, uma pessoa sem nenhum destaque no seu planeta natal, tem a tendência a dar importância excessiva a esse tipo de cerimônia. Assim, sua primeira reação foi de extremo desagrado.

Procurei consolá-lo.

— Ora, você pode atender ao meu pedido, uma coisa muito simples, e retornar ao exato momento em que partiu de lá.

Ninguém vai notar que esteve ausente.

Ele resmungou um pouco, mas teve que admitir que eu estava certo, de modo que o ar em torno do seu corpo parou de estalar com pequenos relâmpagos.

— O que você quer, afinal? — perguntou.

Expliquei a ele.

— A profissão desse homem não é comunicar idéias? — quis saber Azazel. — Não é transformar idéias em palavras, como aquele seu outro amigo que tem um nome esquisito?

— É verdade. Mas ele gostaria de fazer isso com maior eficiência e beleza, de modo a se tornar mundialmente famoso... e rico, também, mas deseja a riqueza apenas como prova palpável do seu talento, já que, por princípio, abomina o dinheiro.

— Compreendo. Temos artesãos da palavra no nosso mundo, também, e todos estão interessados apenas no aplauso do público; jamais concordariam com uma remuneração financeira, se não a considerassem indispensável como prova palpável de seus talentos.

Concordei com um sorriso.

— Uma fraqueza da profissão. Felizmente, eu e você estamos acima dessas coisas.

— Bem — disse Azazel —, não posso ficar aqui parado o resto do ano, ou terei dificuldade para localizar a hora exata em que devo voltar para a cerimônia. Esse seu amigo está dentro do raio de ação dos meus poderes mentais?

Tivemos trabalho para encontrá-lo, mesmo depois que eu lhe mostrei no mapa onde ficava sua firma de publicidade e lhe forneci uma descrição precisa e

eloqüente do meu amigo, mas não quero cansá-lo com detalhes irrelevantes.

Afinal, Gottlieb foi encontrado. Depois de um breve exame, Azazel declarou:

— Um tipo de mente relativamente comum entre os seres da sua desagradável espécie. Viscosa, porém quebradiça. Examinei o circuito de formação de palavras e descobri que está cheio de nós e obstruções. Não admira que encontre dificuldades para escrever. Não será difícil remover os obstáculos principais, mas isto poderá comprometer a estabilidade da mente como um todo. Acho que não haverá nenhum dano, se eu agir com cautela, mas existe sempre o perigo de um acidente. Acha que ele estaria disposto a correr o risco?

— Oh, claro que sim! exclamei. — Ele daria tudo para ser famoso e servir ao mundo através de sua arte. Claro que aceitaria o risco sem pestanejar.

— Está certo, mas, pelo que me disse, vocês dois são muito amigos. Talvez ele esteja cego pela ambição e pelo desejo de servir ao próximo, mas você está em condições de avaliar a situação de forma mais racional. Está disposto a permitir que ele corra o risco?

— Meu único objetivo — declarei — é torná-lo feliz. Vá em frente, faça o trabalho, e se tudo der errado... bem, terá sido por uma boa causa. — (Claro que era por uma boa causa, já que, se as coisas dessem certo, metade dos lucros iria parar no meu bolso.)

Foi assim que fizemos nossa boa ação. Como de hábito, Azazel procurou valorizar ao máximo o seu trabalho, e ficou ali parado, ofegante, resmungando alguma coisa a respeito de pedidos pouco razoáveis, mas eu lhe disse para pensar na felicidade que estava levando a milhões de pessoas e o exortei a evitar o feio vício da autopromoção. Inspirado por minhas palavras edificantes, despediu-se de mim para voltar à tal cerimônia de que estava participando.

Uma semana depois, fui procurar Gottlieb Jones. Não tinha feito nenhum esforço para vê-lo mais cedo porque achei que precisaria de algum tempo para acostumar-se ao seu novo cérebro. Além disso, preferi esperar e saber a respeito dele por outras pessoas, para ver se sua mente havia sido danificada no processo. Caso isso houvesse ocorrido, preferia não tornar a vê-lo. Minha perda (e a dele também, suponho) tornaria nosso encontro demasiadamente traumático.

Não ouvi dizer que estivesse fazendo nenhuma sandice, e certamente ele me pareceu perfeitamente normal quando o vi saindo do edifício onde trabalhava. Notei logo seu ar melancólico. Não liguei muito para isso, já que os escritores, como é de conhecimento geral, são muito sujeitos a ataques de melancolia. Tem

alguma coisa a ver com a profissão, acredito. Talvez seja o convívio constante com os editores.

— Olá, George — disse ele, apático.

— Gottlieb! Como é bom ver você! Está mais bonito do que nunca! (Na verdade, como todos os escritores, ele é feio como a praga, mas temos de ser educados.) — Tentou escrever algum romance ultimamente?

— Não, não tentei. — Depois, como se tivesse se lembrado de repente de nossa última conversa, acrescentou: — Por quê? Já pode me ensinar o segredo de como passar pelo segundo parágrafo?

Fiquei exultante por ele ter se lembrado; ali estava outra prova de que seu cérebro continuava intacto.

— Mas já está tudo feito, meu caro amigo. — Não precisava explicar-lhe todos os detalhes; a discrição é uma das minhas virtudes. — Tudo que tem a fazer é ir para casa, colocar o papel na máquina e começar a escrever. Seus problemas terminaram. Escreva dois capítulos e uma sinopse do resto. Estou certo de que qualquer editor a quem você mostrar a obra dará gritos de alegria e lhe oferecerá um polpudo cheque, do qual a metade será merecidamente sua!

— Hum! — fez Gottlieb, com ar de dúvida.

— Confie em mim — disse eu, levando a mão direita ao coração, que, como você sabe, é suficientemente grande, em sentido figurado, para ocupar toda a minha cavidade torácica. — Na verdade, acho que devia pedir demissão imediatamente deste seu odioso emprego, de modo a não contaminar as jóias que a qualquer momento começarão a sair da sua máquina de escrever. Experimente uma vez, Gottlieb, e verá que o que estou dizendo é a mais pura verdade!

— Quer que eu peça demissão do meu emprego?

— Exatamente.

— Impossível!

— Impossível por quê? Dê as costas a essa profissão ignóbil. Abandone para sempre a triste tarefa de enganar o público.

— Estou lhe dizendo que não posso pedir demissão. Acabo de ser demitido.

— Demitido?

— Isso mesmo. E com expressões de desagrado que jamais hei de perdoar.

Caminhamos em direção à lanchonete onde costumávamos almoçar.

— Que aconteceu? — perguntei.

Ele me contou, sem pressa, enquanto saboreávamos um sanduíche de mortadela.

— Estava revendo o anúncio de um desodorante e me dei conta de que o texto era fraco, contido. Nós nos limitávamos timidamente a usar a palavra "odor". De repente, senti vontade de dar asas à imaginação. Se estávamos declarando guerra ao mau cheiro, por que não dizer isso claramente? Por isso, coloquei, no alto do anúncio: "Abaixo o bodum!". No final, escrevi, em letras bem grandes: "Inhaca, nunca mais!". Depois, mandei um fax do anúncio para o cliente, sem me dar o trabalho de consultar ninguém.

"Depois de mandar o fax, porém, pensei: "Por que não?" e enviei uma cópia para o meu chefe, que imediatamente teve um ataque apoplético. Mandou me chamar e disse que eu estava despedido, usando alguns termos que, tenho certeza, não aprendeu com a senhora sua mãe... a não ser que ela fosse uma depravada. De modo que aqui estou eu, desempregado.

Olhou para mim com ar hostil.

— Suponho que vai me dizer que é o responsável pela situação em que me encontro.

— Claro que sou. Você fez o que, inconscientemente, sabia que era melhor para você. Deu um jeito de ser demitido e poder dedicar-se integralmente à verdadeira arte. Gottlieb, meu amigo, vá para casa agora mesmo. Escreva o seu romance e peça no mínimo cem mil dólares adiantados. Como não terá praticamente despesa alguma, a não ser alguns centavos de papel, poderá ficar com cinqüenta mil dólares!

— Você está louco — disse Gottlieb.

— Tenho confiança em você. Para provar isso, pago o almoço.

— Você está louco — repetiu meu amigo, admirado, e foi embora, deixando-me com a conta na mão, sem perceber que eu estava apenas usando um artifício de retórica.

Telefonei para ele na noite seguinte. Normalmente, teria esperado mais tempo. Não queria pressioná-lo. Entretanto, a coisa se transformara em um investimento

financeiro. O almoço me custara onze dólares, sem contar a gorjeta de 25 cents, de modo que eu estava impaciente.

— Gottlieb — disse-lhe eu —, como vai o romance?

— Muito bem — respondeu, distraidamente. — Nenhum problema. Já escrevi vinte páginas e estou muito satisfeito com o resultado.

Disse isso com ar ausente, como se estivesse pensando em outra coisa.

— Por que não está pulando de alegria? — perguntei.

— Por causa do romance? Não seja tolo. Recebi um telefonema de Feinberg, Saltzberg e Rosenberg.

— Dos seus patrões... seus ex-patrões?

— Isso mesmo- Na verdade, falei apenas com um dos donos, o Sr. Feinberg. Ele me quer de volta.

— Tenho certeza, Gottlieb, de que disse para ele que jamais voltará a...

Gottlieb me interrompeu.

— Parece que o fabricante do desodorante adorou o meu anúncio. Resolveu confiar à firma uma grande campanha de publicidade na tevê e nos jornais, contanto que fosse comandada pela pessoa que havia escrito aquele primeiro anúncio. Afirmou que eu havia usado uma linguagem clara e ousada, perfeitamente de acordo com o espírito dos anos 90. Estava interessado em outros anúncios no mesmo estilo, e para isso precisava de mim. Naturalmente, eu disse ao Sr. Feinberg que iria pensar.

— Está cometendo um erro, Gottlieb.

— Acho que mereço um bom aumento. Não me esqueci das coisas cruéis que Feinberg disse quando me pôs para fora... algumas delas em iídiche.

— O dinheiro é lixo, Gottlieb.

— Claro que é, George, mas quero ver quanto lixo eles estão dispostos a me pagar.

Eu não estava muito preocupado. Sabia que escrever anúncios era um trabalho grosseiro demais para a alma sensível do meu amigo e que em breve ficaria fascinado com seus novos dons literários. Bastava esperar que a natureza seguisse

seu curso.

Acontece que os anúncios do desodorante apareceram nos meios de comunicação e conquistaram imediatamente o público. “Abaixo o bodum” se tornou imediatamente o lema dos jovens e dos velhos, o que contribuiu enormemente para a popularidade do produto.

Você talvez se lembre dessa moda... pensando melhor, claro que se lembra, pois ouvi dizer que as revistas nas quais você tenta publicar as histórias que escreve passaram a usar a frase nas cartas de recusa.

Outros anúncios do mesmo tipo foram veiculados e tiveram sucesso instantâneo.

De repente, compreendi o que estava acontecendo. Azazel modificara a mente de Gottlieb para que meu amigo escrevesse de uma forma agradável ao público, mas, sendo pequeno e insignificante, fora incapaz de executar o ajuste fino que tornaria o novo dom aplicável apenas a romances. Talvez Azazel nem soubesse o que era um romance.

Ora, que diferença fazia?

Não posso dizer que Gottlieb tenha ficado radiante quando chegou em casa e me encontrou na porta, à sua espera, mas se sentiu na obrigação de me convidar para entrar. Na verdade, foi com uma certa satisfação que percebi que ele também se sentia obrigado a me convidar para o jantar, embora tenha tentado (deliberadamente, penso eu) estragar o meu prazer fazendo-me segurar Gottlieb Jr. no colo por um período de tempo que me pareceu interminável. Foi uma experiência terrível.

Mais tarde, quando estávamos sozinhos na sala de jantar, eu disse:

— Afinal, quanto lixo você está ganhando, Gottheb?

Ele me olhou com ar reprovador.

— Não chame isso de lixo, George. É falta de respeito.

Trinta mil por ano pode ser lixo, mas cem mil por ano, fora os extras, constituem uma renda respeitável.

“Além disso, em breve pretendo fundar minha própria companhia e me tornar um multimilionário. Nesse nível, dinheiro é sinônimo de virtude... ou de poder, o que dá no mesmo, é claro. Com o meu poder, por exemplo, poderei levar Feinberg à falência. Isso o ensinará a não se dirigir a mim em termos que um

cavalheiro jamais usaria ao se referir a outro cavalheiro. A propósito: sabe o que quer dizer "schmendrick", George?

Eu não sabia. Considero-me um poliglota, mas uma das línguas que não conheço é o urdu.

— Quer dizer que você ficou rico.

— E pretendo ficar muito mais ainda.

— Nesse caso, Gottlieb, permita-me observar que isso só aconteceu depois que concordei em torná-lo rico, ocasião em que você também me prometeu metade dos lucros.

Gottlieb franziu a testa.

— Foi? Foi mesmo?

— Claro que sim! Admito que acordos desse tipo são fáceis de esquecer, mas, felizmente, colocamos tudo no papel e registramos em cartório. Por coincidência, tenho no bolso uma cópia do contrato.

— Ah! Posso vê-la?

— Pode, mas é bom que saiba que se trata apenas de uma cópia xerox, de modo que se por acaso, na pressa de examinar o papel, ele se rasgar em mil pedaços, o original continuará comigo.

— Uma sábia providência, George, mas não tenha medo. Se o que está me dizendo for verdade, receberá até o último centavo da sua parte. Afinal, sou ou não um homem de princípios?

Entreguei-lhe a cópia, e ele a examinou atentamente.

— Ah, sim — disse ele —, estou me lembrando. É claro.

Só que há um pequeno detalhe.

— Qual?

— Ora, este contrato fala dos meus lucros como romancista. Não sou um romancista, George.

— Você tinha vontade de ser. Lembra-se? E agora está equipado para isso! Basta sentar-se atrás de uma máquina de escrever e começar a trabalhar!

— Minha vontade passou, George. Não pretendo me sentar atrás de uma máquina de escrever.

— Acontece que os grandes romances o tornariam imortal. O que você ganha escrevendo esses slogans idiotas?

— Pilhas e pilhas de dinheiro, George. Mais uma grande firma que será toda minha e na qual empregarei muitos escritores miseráveis, que dependerão de mim para sobreviver. Acha que Tolstoi teve tanto? Acha que dei Rey tem tanto?

Eu simplesmente não podia acreditar.

— Quer dizer que, depois de tudo o que fiz por você, vai me deixar chupando o dedo, apenas por causa de uma única palavra no nosso contrato?

— Talvez você esteja desperdiçando o seu talento, George, porque eu próprio não poderia descrever a situação de forma mais clara e sucinta. Meus princípios me obrigam a seguir o contrato ao pé da letra. Como está farto de saber, sou um homem de princípios.

Dessa posição não arredou, e percebi que seria inútil trazer à baila a questão dos onze dólares que havia gasto naquele almoço.

Isso para não falar da gorjeta de 25 cents, George se levantou e foi embora. Fez isso em tal estado de desespero histriônico que não tive como lhe pedir que pagasse primeiro sua parte nas bebidas. Pedi a conta e notei que o total registrava 22 dólares.

Admirei a precisão matemática do meu amigo, que conseguira se reembolsar da quantia exata perdida para o publicitário, e me senti obrigado a deixar uma gorjeta de meio dólar.

Os Males da Bebida

— Os males que a bebida causa — disse George, com um suspiro pesadamente alcoólico — são difíceis de avaliar.

— Não seriam, se você estivesse sóbrio — observei.

Seus olhos azuis me fixaram com um misto de censura e indignação.

— Está insinuando que não estou sóbrio no momento?

— Você não está sóbrio desde que nasceu. — Percebendo que havia cometido uma grande injustiça, apressei-me a corrigir: — Você não está sóbrio desde o dia em que foi desmamado.

— Imagino — disse George — que esta seja uma das suas tentativas frustradas de fazer graça.

Levou distraidamente o meu copo aos lábios, bebeu um gole e colocou-o de novo na mesa, mas sem largá-lo.

Deixei ficar. Tirar um drinque de George é como tentar arrancar um osso de um buldogue faminto.

— Quando fiz o comentário, estava pensando em uma jovem por quem me interesso como se fosse uma sobrinha. O nome dela é Ishtar Mistik — disse ele.

— É um nome bastante exótico — observei.

— Mas muito apropriado, pois Ishtar é a deusa do amor dos babilônios, e Ishtar Mistik era uma verdadeira deusa do amor... pelo menos potencialmente.

Ishtar Mistik [disse George] era uma mulher que, sem nenhum exagero, podia ser chamada de adorável. O rosto era bonito no sentido clássico, com todos os traços perfeitos, coroado por uma auréola de cabelos dourados tão finos e cintilantes que pareciam possuir luz própria. O corpo só podia ser descrito como afrodisíaco. Era ondulante e bem-feito, uma combinação de firmeza e flexibilidade, coberto por uma pele de veludo.

Você, que tem uma mente suja, deve estar imaginando como é que posso falar com tantos detalhes a respeito dos seus dotes físicos, mas lhe asseguro que se trata de uma avaliação a distância, que me julgo autorizado a fazer, dada minha grande experiência nesses assuntos, e não de uma observação direta. Totalmente

vestida, Ishtar daria uma melhor página central de revista masculina que qualquer dessas beldades que não deixam nada para a imaginação. Cintura fina, seios fartos, braços esguios, movimentos graciosos.

Embora ninguém fosse ser indelicado a ponto de exigir mais do que perfeição física de uma jóia rara como Ishtar, a verdade é que ela também possuía uma mente privilegiada. Completara os estudos na Universidade de Columbia com um magna cum laudae... se bem que seria difícil imaginar que um professor, ao atribuir uma nota a Ishtar Mistik, não se sentisse tentado a garantir-lhe o benefício da dúvida. Sabendo que você é um professor, meu caro amigo (e digo isso sem nenhuma intenção de ferir-lhe os sentimentos), não posso ter muita confiança na profissão em geral.

Qualquer um pensaria que, com todos esses atributos naturais, Ishtar viveria cercada de homens, entre os quais poderia selecionar uma nova leva a cada dia. Na verdade, já me havia passado pela cabeça que, se por acaso me escolhesse, faria tudo para corresponder ao desafio, mas, para ser franco, jamais tive coragem de tomar a iniciativa.

Porque se Ishtar tinha um leve defeito, era o de ser grande demais. Tinha quase um metro e oitenta e cinco e uma voz que, quando estava entusiasmada, soava como um toque de clarim. Unia vez, quando um sujeito até corpulento quis tomar certas liberdades com ela, levantou-o do chão e jogou-o do outro lado da rua, de cara num poste. Ele passou seis meses no hospital.

Havia, portanto, uma certa relutância por parte da população masculina em se aproximar dela, mesmo que da forma mais respeitosa. O desejo quase irrefreável de fazê-lo era temperado pela idéia do que poderia ocorrer caso ela interpretasse mal o gesto. Eu mesmo, que, como você sabe, sou corajoso como um leão, não podia deixar de pensar na possibilidade de alguns ossos quebrados.

Ishtar compreendia a situação e se queixava amargamente comigo. Lembro-me de uma ocasião. Era um dia lindo, no final da primavera, e estávamos sentados em um banco do Central Park. Foi nesse dia, tenho certeza, que nada menos que três corredores deixaram de fazer uma curva para olhar para Ishtar e acabaram batendo com a testa numa árvore.

— Acho que vou morrer virgem — queixou-se, com os lábios deliciosos fazendo beicinho. — Nenhum homem se interessa por mim. Nenhum. E já vou fazer vinte e cinco anos.

— Precisa compreender, minha... minha querida — disse eu, inclinando-me cautelosamente para dar-lhe um tapinha nas costas da mão —, que os rapazes se

impressionam com a sua perfeição física e não se julgam merecedores do seu amor.

— Isso é ridículo! — exclamou, com tanta veemência que vários passantes olharam na nossa direção. — O que está tentando dizer é que eles morrem de medo de mim. Há alguma coisa no modo como esses infelizes olham para mim quando somos apresentados e esfregam os nós dos dedos depois que nos cumprimentamos que me diz que seguramente nada vai acontecer. Eles se limitam a murmurar "Prazer em conhecê-la" e se afastam na primeira oportunidade!

— Você precisa encorajá-los, Ishtar, querida. Precisa considerar o homem como uma frágil florzinha, que só pode desabrochar no calor do seu sorriso. Deve deixar transparecer de alguma forma que aceitará de bom grado as suas investidas, em vez de levantá-los pela gola da camisa e bater com a cabeça deles na parede.

— Nunca fiz isso! — exclamou Ishtar, em tom indignado. — Ou, se fiz, foi apenas algumas vezes. Como quer que eu demonstre que estou receptiva? Eu sorrio e digo "Como vai?", e sempre digo "Que dia lindo está fazendo", mesmo quando o dia não está tão bonito assim.

— Isso não basta, minha querida. Precisa pegar o braço de um homem e introduzi-lo suavemente debaixo do seu. Deve beliscar a face de um homem, acariciar-lhe os cabelos, mordiscar os seus dedos. Pequenas coisas como essas servem para indicar um certo interesse, uma certa disposição de sua parte para passar à fase dos abraços e beijos. Ishtar parecia horrorizada.

— Não posso fazer isso. Simplesmente não posso. Tive uma educação muito rígida. É impossível para mim me comportar de uma forma que não seja a mais correta. O homem é que deve tomar a iniciativa. A mim, cabe resistir, resistir sempre. Foi o que minha mãe sempre me ensinou.

— Ishtar, faça isso quando sua mãe não estiver olhando.

— Não posso. Sou muito... muito inibida. Por que os homens simplesmente não se aproximam de mim?

Ela corou com algum pensamento que deve ter passado pela sua cabeça quando estava dizendo essas palavras e levou ao peito a mão grande mas muito bem torneada. (Confesso a você que senti inveja daquela mão.)

Acho que foi a palavra "inibida" que me deu a idéia. Disse para ela:

— Ishtar, minha filha, já sei o que fazer. Você deve começar a ingerir bebidas alcoólicas. Existem algumas bastante saborosas. Se convidasse um rapaz para tomar com você alguns martínis, daiquiris, coisas assim, veria que suas inibições desapareceriam como que por encanto, juntamente com as do seu parceiro. Ele teria a ousadia de lhe fazer propostas que nenhum cavalheiro faria a uma dama e você teria a ousadia de começar a rir e propor que visitassem um motel das vizinhanças, onde sua mãe jamais a encontraria.

Ishtar suspirou e disse:

— Seria ótimo, se fosse possível. Mas não daria certo.

— Claro que daria. Nenhum homem em seu juízo prefeito recusaria o seu convite para beberem um drinque. Se ele hesitar, ofereça-se para pagar a conta. Nessas condições, ele não terá coragem de...

Ela me interrompeu.

— Não é isso. O problema é meu. Não posso beber. Nunca tinha ouvido nada parecido.

— Basta abrir a boca, querida...

— Sei disso. Você me entendeu mal. Estava me referindo ao efeito da bebida no meu organismo. Eu fico tonta.

— É só não exagerar...

— Fico tonta logo no primeiro drinque, sem falar nas vezes em que fico enjoada e começo a vomitar. Já experimentei várias vezes. Se beber uma gota de álcool que seja, não estarei em condições de... você sabe o quê. É um defeito no meu metabolismo, acredito, mas minha mãe acha que é uma dádiva dos céus, que ajuda a me manter virtuosa apesar dos baixos instintos de homens malvados que tentam me privar de minha pureza.

Devo admitir que fiquei sem fala por um momento ao pensar que houvesse alguém capaz de ver alguma vantagem na incapacidade de desfrutar dos prazeres do vinho. Mas isso serviu apenas para fortificar minha resolução e me deixou em tal estado de indiferença ao perigo que cheguei a apertar com força o braço macio de Ishtar, ao mesmo tempo que dizia:

— Minha criança, deixe por minha conta. Vou dar um jeito nisso.

Eu sabia exatamente o que fazer.

Nunca comentei com você a respeito do meu amigo Azazel, porque não gosto de falar do assunto... não adianta fazer essa cara de que já ouviu falar dele; se me permite a franqueza, dizer a verdade não é uma das suas qualidades.

Azazel é um demônio que possui poderes mágicos. Um demônio pequeno. Na verdade, tem apenas dois centímetros de altura. No fundo, porém, isso é uma vantagem, pois Azazel está sempre ansioso para demonstrar o seu valor e importância para pessoas, como eu, que considera como seres inferiores.

Ele atendeu ao meu chamado, como sempre, mas não posso explicar a você o método que uso para trazê-lo à minha presença, pois estaria fora do alcance da sua limitada (não leve a mal) inteligência.

Azazel chegou de mau humor. Parece que estava assistindo a algum tipo de evento esportivo no qual havia apostado cerca de cem mil zakinis e parecia um pouco desapontado por não ter podido ficar até o final. Ponderei que o dinheiro não era tudo na vida e que ele havia nascido para ajudar outros seres em dificuldades e não para acumular zakinis que, de qualquer forma, poderia muito bem perder na aposta seguinte, mesmo que conseguisse ganhar a aposta corrente, o que não era absolutamente garantido.

Essas observações sensatas e irrespondíveis não conseguiram acalmar aquela criatura mesquinha, cuja característica predominante é uma desagradável tendência para o egoísmo, de modo que ofereci-lhe um quarto de dólar. O alumínio, penso eu, é o meio de troca no planeta de Azazel; embora não seja minha intenção encorajá-lo a esperar algum tipo de recompensa material pela assistência que me proporciona, calculo que o quarto de dólar valia ura pouco mais que os cem mil zakinis que havia apostado e, em conseqüência, ele admitiu cavalheirescamente que minhas preocupações eram mais importantes que as suas próprias. Como já tive ocasião de declarar várias vezes, amigo velho, a força da razão sempre acaba por prevalecer.

Expliquei o problema de Ishtar, e Azazel comentou:

— Até que enfim você me aparece com um problema fácil de resolver!

— Naturalmente — disse para ele. — Afinal de contas, como bem sabe, sou um homem razoável. Basta fazerem a minha vontade que estou sempre satisfeito.

— É verdade — disse Azazel. — Sua raça inferior não é capaz de metabolizar o álcool de forma eficiente, de modo que produtos intermediários se acumulam no sangue, produzindo os vários sintomas desagradáveis associados à intoxicação (uma palavra que, de acordo com os dicionários terráqueos, vem do grego e

significa “veneno interior”).

Não pude evitar um sorriso irônico. Os gregos modernos, como você sabe, misturam o vinho deles com resina, e os gregos antigos o misturavam com água. Não admira que falassem em “veneno interior”, quando haviam envenenado o vinho antes de bebê-lo.

Azazel prosseguiu:

— Será preciso apenas ajustar as enzimas de forma apropriada para que sua amiga metabolize rapidamente o álcool até o estágio de dois carbonos, que é o ponto de partida para a síntese de gorduras, carboidratos e proteínas. Os sintomas de intoxicação vão desaparecer totalmente. O álcool se tornará um alimento para ela, como é para nós. Naturalmente, temos uma substância análoga à goma de mascar de vocês, que ao ser ingerida produz um estado de...

Eu não estava nem um pouco interessado nos vícios repugnantes que os compatriotas de Azazel pudessem cultivar. Interrompi-o:

— E preciso que haja algum efeito, Azazel; apenas o suficiente para que Ishtar esqueça os tabus que aprendeu com a mãe.

Ele pareceu compreender imediatamente.

— Ah, sim. Sei como são as mães. Lembro-me de quando minha terceira mãe me disse: “Azazel, você não deve jamais bater com as suas membranas nictitantes na frente de uma jovem maloba.” Ora, se a gente não fizer isso, como vai...Interrompi-o novamente.

— Não pode providenciar para que haja um ligeiro acúmulo de um produto intermediário do metabolismo, fazendo com que a moça fique alegre?

— É fácil — disse Azazel, e, em uma demonstração deplorável de cobiça, começou a afagar a moeda que eu lhe dera, e que, posta de pé, era mais alta do que ele.

Uma semana se passou antes que eu tivesse a primeira oportunidade de testar minha amiga. Foi no bar de um hotel da cidade, onde Ishtar iluminou o ambiente de tal forma que vários freqüentadores foram obrigados a colocar óculos escuros. Ela estava rindo.

— Que viemos fazer aqui? Você sabe que não posso beber.

— Não se trata de uma bebida alcoólica, querida. Apenas uma limonada. Você

vai gostar.

Eu já tinha combinado tudo com o garçom e fiz sinal para que me trouxesse um Tom Collins. Ela provou e disse:

— Oh, é muito gostoso! — Jogou a cabeça para trás e bebeu o resto de um gole só. Passou a ponta da língua nos lábios adoráveis e pediu: — Posso tomar outro?

— Naturalmente — concordei, com entusiasmo. — Isto é, poderia tomar outro se não fosse pelo falo de que, infeliz-mente, esqueci minha carteira...

— Oh, pode deixar que eu pago. Afinal, dinheiro é que não me falta.

Como sempre digo, uma bela mulher nunca é tão bela quando se curva para tirar uma carteira na bolsa que está entre seus pés.

Daí por diante, bebemos à vontade. Pelo menos, ela bebeu. Pediu outro Tom Collins; depois, bebeu uma vodca com laranjada, dois uísques puros com gelo e mais algumas bebidas. Depois de tudo isso, não parecia nem um pouquinho tonta, embora seu sorriso fosse mais estonteante do que qualquer coisa que havia ingerido. Disse para mim:

— Sinto-me tão bem! Finalmente estou preparada para você sabe o quê.

Eu achava que sabia, mas não queria tirar conclusões apressadas.

— Acho que sua mãe não iria gostar. — (Testando, testando.)

— O que minha mãe sabe a respeito disso? Nada! E o que vai saber? Nada! — Olhou para mim especulativamente, depois segurou minha mão e levou-a até os lábios perfeitos. — Aonde vamos?

Meu amigo, acho que sabe como me sinto a respeito dessas coisas. Recusar um simples favor a uma amiga que lhe pede com toda a gentileza não é uma coisa que eu costume fazer. Considero-me um perfeito cavalheiro. Naquela ocasião, porém, alguns pensamentos me ocorreram.

Em primeiro lugar, embora talvez você possa achar difícil de acreditar, minha energia não é mais a mesma de antiga-mente, e uma mulher jovem e saudável como Ishtar talvez fosse difícil de satisfazer, se é que me entende. Além disso, se ela mais tarde se lembrasse do acontecido e achasse que eu havia me aproveitado da situação, as conseqüências poderiam ser desagradáveis. Ela era muito impulsiva e poderia quebrar-me vários ossos, antes que eu tivesse tempo de me explicar.

Por isso, sugeri que fôssemos a pé até o meu apartamento. O ar fresco da noite dissipou os efeitos da bebida e pude me despedir em segurança.

Outros não tiveram a mesma sorte. Mais de um rapaz se queixou comigo de Ishtar, pois, como deve saber, existe alguma coisa no meu jeito ao mesmo tempo digno e amistoso que induz a confidencias. Isso nunca aconteceu em um bar, infelizmente, porque os homens em questão pareciam evitar os bares, pelo menos por uns tempos. Quase todos tinham tentado beber a mesma coisa que Ishtar, com resultados funestos.

— Tenho certeza absoluta — disse-me um deles — de que havia um tubo secreto que levava da boca da moça a um tonel escondido debaixo da mesa, mas não consegui localizá-lo. Mas se acha que isso é tudo, devia ter visto o que aconteceu depois!

O pobre sujeito ainda eslava traumatizado com a experiência. Tentou contar tudo para mim, mas eslava quase in-coerente.

— Ela é insaciável] — repelia, sem parar. — Insaciável!

Cumprimentei-me mentalmente por ler tido o bom senso de evitar um vexame que homens muito mais moços do que eu haviam sofrido.

Naquela época, não tinha muitas oportunidades de me encontrar com Ishtar, você compreende. Ela eslava muito ocupada... No entanto, eu podia ver que estava consumindo o estoque masculino da cidade com uma velocidade espantosa. Mais cedo ou mais tarde, teria de ampliar o seu campo de ação. Foi mais cedo.

Ela foi me ver certa manhã, a caminho do aeroporto. Estava mais zaftig, mais pneumática, mais deslumbrante do que nunca. As aventuras pelas quais havia passado não pareciam tê-la afetado em nada, exceto no sentido de torná-la ainda mais exuberante.

Ishtar tirou uma garrafa da bolsa.

— É rum — explicou-me. — A bebida mais popular nas Antilhas.

— Vai para as Antilhas, querida?

— Vou, sim. Os homens daqui são muito tímidos e inibidos. Estou desapontada, embora tenha passado com eles alguns momentos agradáveis. Muito obrigada, George, por tornar isso possível. Tudo começou no dia em que você me ofereceu um Tom Collins como se fosse uma limonada. É uma pena que eu e você

nunca...

— Bobagem, querida. Eu penso apenas no bem da humanidade. Não sou uma pessoa egoísta.

Ela plantou um beijo no meu rosto que queimou como ácido sulfídrico e se foi. Enxuguei a testa, aliviado, mas disse a mim mesmo que, pela primeira vez, uma interferência de Azazel havia resultado em sucesso total, já que Ishtar agora podia desfrutar indefinidamente, sem nenhuma conseqüência desagradável, dos prazeres do sexo e da bebida.

Ou assim eu pensava.

Só tornei a ouvir falar de Ishtar um ano depois. Ela estava de volta à cidade e telefonou para mim. Levei algum tempo para compreender que ela era. Parecia histérica.

— Minha vida está acabada! — gritou, em prantos. — Até minha mãe não gosta mais de mim! Não entendo o que aconteceu, mas tenho certeza de que a culpa é sua! Se não tivesse praticamente me forçado a beber, estou certa de que nada disso teria acontecido.

— Mas o que aconteceu, querida? — perguntei, com voz trêmula. Quando ficava zangada, Ishtar podia ser muito perigosa.

— Venha para cá agora. Você vai ver pessoalmente.

Um dia minha curiosidade ainda vai acabar comigo. Naquela ocasião, quase acabou. Não pude resistir à tentação de ir visitá-la na sua mansão, nos arredores da cidade. Sabiamente, deixei a porta aberta. Quando ela se aproximou com um facão, dei meia-volta e saí correndo. Devo ter batido o recorde mundial dos cem metros rasos. Felizmente, ela não estava em condições de me perseguir.

Dias depois, Ishtar viajou de novo, e nunca mais tive notícias dela. As vezes sonho que está de volta e acordo gritando. As Ishtar Mistik deste mundo não perdoam cora facilidade.

George parecia pensar que havia chegado ao final da história.

— Afinal, o que havia acontecido com a moça? — perguntei.

— Você não entende? Azazel havia ajustado o metabolismo dela para transformar o álcool em precursores de carboidratos, gorduras e proteínas. O álcool se tornou para ela um alimento muito nutritivo. E ela bebia como uma

esponja. Começou a engordar. Em pouco tempo, toda aquela beleza deslumbrante estava escondida debaixo de camadas e camadas de gordura.

George sacudiu a cabeça, com um ar penalizado, e declarou, muito sério;

— Os males que a bebida causa são difíceis de analisar.

Tempo para Escrever

— Conheci uma pessoa que era um pouco parecida com você — disse George.

Estávamos almoçando em um pequeno restaurante, em uma mesa perto da janela, e George olhava para fora com ar pensativo.

— Estou surpreso — disse eu. — Pensei que eu fosse único.

— E é. O homem a que me refiro só se parecia um pouco com você. Ninguém mais no mundo possui essa sua capacidade de escrever, escrever, escrever sem colocar nenhuma idéia no papel.

— Acontece que eu uso um processador de texto.

— Usei a palavra “escrever” no sentido figurado. Qualquer escritor de verdade compreenderia isso — declarou, parando de comer a mouse de chocolate para dar um suspiro dramático.

Eu conhecia o sinal.

— Vai me contar mais uma daquelas histórias fantasiosas a respeito de Azazel, não vai, George?

Ele me dirigiu um olhar de desprezo.

— Você vem inventando mentiras há tanto tempo que não sabe mais reconhecer um relato verdadeiro. Mas não tem importância. A história é triste demais para ser contada.

— Mesmo assim, você vai me contar, não vai?

George suspirou de novo.

Foi aquela parada de ônibus lá fora [disse George] que me fez lembrar de Mordecai Sims, que ganhava modestamente a vida produzindo laudas e mais laudas de lixo variado. Não tantas quanto você, nem tão imprestáveis, e é por isso que eu disse que só se parecia um pouco com você. Para ser honesto, às vezes o que ele escrevia chegava a ser razoável. Sem querer ferir seus sentimentos, você jamais chegou a esse ponto. Pelo menos pelo que me contaram, porque ainda não baixei meus padrões a ponto de ler pessoalmente o que você escreve.

Mordecai era diferente de você em outra coisa: era terrivelmente impaciente. Mire-se naquele espelho, se é que não se importa de ser cruelmente lembrado de

sua aparência, e veja como está sentado displicentemente, com um braço jogado nas costas da cadeira e o resto do corpo em total abandono. Olhando para você, ninguém diria que está preocupado em entregar a tempo sua cota diária de caracteres digitados ao acaso.

Mordecai não era assim. Vivia preocupado com os prazos, que pareciam estar sempre para vencer. Naquela época, eu almoçava com ele toda terça-feira, mas ele tirava toda a graça da refeição com suas lamúrias.

— Tenho de colocar este artigo no correio amanhã de manhã, o mais tardar — dizia ele —, mas primeiro tenho de rever outro artigo, e simplesmente não vai dar tempo. Quando é que vai chegar a comida? Por que o garçom não aparece? O que eles estão fazendo na cozinha? Batendo papo?

Ele se mostrava particularmente irrequieto na hora de pagar a conta, e mais de uma vez temi que fosse embora, deixando para mim a triste incumbência. A bem da verdade, isso nunca aconteceu, mas a simples possibilidade era suficiente para me estragar o apetite.

Olhe para aquele ponto de ônibus. Estive a observá-lo durante os últimos quinze minutos. Não passou nenhum ônibus, e hoje é um dia frio e ventoso. O que vemos são casacos abo-toados, mãos nos bolsos, narizes vermelhos ou arroxeados, pés se arrastando no chão em busca de calor. O que não vemos é nenhum sinal de revolta, nenhum punho cerrado levantado para o céu. As injustiças da vida tornaram aquelas pessoas totalmente passivas.

Mordecai Sims não era assim. Se estivesse naquela fila de ônibus, ficaria no meio da rua para espreitar o horizonte à procura do primeiro sinal de um veículo; estaria resmungando, rosnando e agitando os braços; comandaria uma passeata em direção à prefeitura. Seu sangue, para resumir, estaria carregado de adrenalina.

Mais de uma vez, ele me procurou para se queixar, atraído, como tantos outros, pelo meu ar sereno de competência e compreensão.

— Sou um homem ocupado, George — afirmava, atropelando as palavras. Ele sempre atropelava as palavras. — É uma vergonha, ura escândalo e um crime a forma como o mundo conspira contra mim. Tive de passar no hospital para alguns exames de rotina, só Deus sabe por quê. Acho que meu médico resolveu justificar o dinheiro que eu lhe pago. Disseram-me para me apresentar na sala de espera às 9:40.

“Cheguei lá exatamente às 9:40, é claro, e havia um cartaz na parede que dizia:

“Aberto a partir das 9:30.” Era exatamente isso que o cartaz dizia, George, para quem quisesse ver. Na mesa da recepcionista, porém, não havia ninguém.

“Consultei o relógio e disse para uma faxineira que passava: “Onde se encontra a funcionária relapsa que devia estar atrás dessa mesa?”

““Ainda não chegou”, respondeu a faxineira.

““Aqui diz que o lugar funciona a partir das 9:30.”

““Mais cedo ou mais tarde, alguém vai aparecer”, observou a faxineira, com irritante indiferença.

“Afinal de contas, eu me encontrava em um hospital. Podia estar à morte. Alguém se importava com isso? Não! Eu tinha prazo para entregar um trabalho importante, que me havia custado muito esforço e me renderia dinheiro suficiente para pagar a conta do médico (supondo que eu não tivesse uma forma melhor de gastá-lo, o que não era provável). Alguém estava se incomodando? Não! A recepcionista só apareceu às 10:04, e quando me aproximei da mesa, aquela maldita retardatária olhou para mim de cara feia e disse: “Vai ter de esperar a sua vez!

Mordecai vivia contando histórias como aquela; falava de edifícios nos quais todos os elevadores estavam subindo ao mesmo tempo, parando em todos os andares, enquanto ele esperava na portaria; de pessoas que almoçavam do meio-dia às 15:30 e começavam o fim de semana na quarta-feira sempre que precisava falar com elas.

Não sei por que alguém se deu o trabalho de inventar o tempo, George — dizia para mim. — Não passa de um artifício para tornar possível a formação de novos métodos de desperdício. Se eu pudesse transformar as horas que passei esperando esses imbecis em tempo de trabalho, minha produção aumentaria de dez a vinte por cento. O que, apesar da sovinice criminosa dos editores, resultaria em um aumento substancial da minha renda... a comida vai chegar ou não?

Eu não podia deixar de pensar que ajudá-lo a aumentar a renda seria uma boa ação, principalmente porque ele tinha o bom gosto de gastar parte dela comigo. Além disso, costumava escolher os melhores restaurantes para jantarmos juntos, o que me deixava comovido... Não, não como este aqui, amigo velho. Coisa muito melhor. O seu gosto deixa muito a desejar, o que combina, pelo que ouço dizer, com o que você escreve.

Comecei, portanto, a dar tratos à bola para encontrar uma maneira de ajudá-lo.

Não me lembrei imediatamente de Azazel. Naquela época, ainda não estava acostumado com ele; afinal de contas, um demônio de dois centímetros de altura é uma coisa relativamente incomum.

Afinal, porém, ocorreu-me que talvez Azazel pudesse fazer qualquer coisa para aumentar o tempo de que meu amigo dispunha para escrever. Não parecia provável e talvez eu o estivesse fazendo perder tempo; para que serve o tempo para uma criatura de outro mundo?

Passei pela rotina de antigos feitiços e encantamentos que uso para invocá-lo, e ele chegou dormindo. Seus olhinhos estavam fechados e emitia um som agudo e desagradável que devia ser o equivalente a um ronco humano.

Eu não sabia ao certo como acordá-lo, e finalmente decidi pingar um pouco de água no seu estômago. Ele tem ab-dome perfeitamente esférico, você sabe, como se tivesse engolido uma bilha. Não tenho a menor idéia se isso é comum no planeta dele, mas quando falei no assunto, ele fez questão de saber o que era uma bilha. Quando expliquei, disse que estava com vontade de me zapulniclar. Não sei o que é isso, mas pelo seu tom de voz não deve ser nada agradável.

A água realmente o acordou, mas também o deixou muito aborrecido. Disse que eu quase o havia afogado e começou a explicar, com detalhes irrelevantes, como se fazia para acordar alguém no seu mundo. Tinha algo a ver com danças, pétalas de rosa, instrumentos musicais e o toque dos dedos de lindas donzelas. Eu lhe disse que no nosso mundo éramos mais práticos e ele nos chamou de bárbaros ignorantes antes de se acalmar o suficiente para que eu pudesse lhe explicar o que queria.

Contei-lhe o meu problema, convencido de que, na melhor das hipóteses, ele me daria algum conselho trivial antes de ir embora.

Estava enganado. Azazel olhou para mim, muito sério, e disse:

— Escute aqui, você está me pedindo para interferir nas leis das probabilidades?

Fiquei satisfeito por ele ter compreendido tão depressa a questão.

— Exatamente.

— Mais isso não é nada fácil!

— Claro que não. Se fosse fácil eu pediria a você? Se fosse fácil eu mesmo faria. Só quando não é fácil é que tenho de recorrer a um ser superior como você.

Nauseante, é claro, mas essencial quando se está lidando com um demônio que se envergonha do seu tamanho e de sua barriga em forma de bilha.

Ele pareceu gostar do meu argumento e disse:

— Bom, eu não disse que era impossível.

— Ótimo.

— Eu teria de ajustar o contínuo psicalóbico do seu planeta.

— Tirou as palavras da minha boca.

— O que vou fazer é introduzir alguns nós na ligação entre o contínuo e o seu amigo, esse que tem prazos a cumprir. A propósito: que são prazos?

Quando tentei explicar, ele observou, com um suspiro fundo:

— Ah, sim, temos coisas parecidas em nossas demonstrações mais etéreas de afeição. Se você deixa um prazo passar, as adoráveis criaturinhas não o perdoam. Lembro-me de uma vez...

Mas vou poupar-lhe os detalhes sórdidos da vida sexual de Azazel.

— O único problema — disse ele, afinal — é que depois que eu introduzir os nós não poderei mais desfazê-los.

— Por que não?

— É teoricamente impossível — declarou Azazel, em tom deliberadamente casual.

Não acreditei nele. Para mim, aquele demônio incompetente simplesmente não sabia como. Entretanto, já que ele era competente o bastante para tornar a vida impossível para mim, não lhe revelei o que estava pensando, mas disse, simplesmente:

— Você não vai ter de desfazer nada. Mordecai precisa de mais tempo para escrever, e quando o conseguir ficará satisfeito para o resto da vida.

— Nesse caso, vou começar.

Ficou fazendo passes durante muito tempo. Parecia um mágico no palco, exceto pelo fato de que de vez em quando eu tinha a impressão de que suas mãos ficavam invisíveis. Entretanto, eram tão pequenas que às vezes era difícil dizer se

estavam ou não visíveis, mesmo em circunstâncias normais.

— Que está fazendo? — perguntei, mas Azazel sacudiu a cabeça e seus lábios se moveram como se estivesse contando.

Depois, ele se apoiou na mesa e suspirou.

— Terminou? — perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça e disse:

— Espero que você compreenda que eu tive de reduzir o quociente de entropia do seu amigo de forma mais ou menos permanente.

— Que significa isso?

— Significa que a partir de agora as coisas serão mais regulares nas proximidades do seu amigo do que costumavam ser.

— Não há nada de errado com a regularidade — disse eu. (Você talvez não acredite, amigo velho, mas sempre gostei de organização. Tenho um registro de todo o dinheiro que lhe devo, até o último centavo. As quantias estão anotadas em pedaços de papel, aqui e no meu apartamento. Se quiser, posso mostrar-lhe...)

Azazel disse:

— Claro que não há nada de errado com a regularidade. Só que é impossível violar a segunda lei da termodinâmica. Para manter o equilíbrio, as coisas serão um pouco menos regulares longe do seu amigo.

— De que forma? — perguntei, verificando se o meu zíper estava aberto.

— De várias formas, quase todas difíceis de notar. Espalhei o efeito por todo o sistema solar, de modo que haverá um número um pouco maior de colisões entre asteróides, um número um pouco maior de erupções vulcânicas em Io etc. O maior efeito, porém, será sobre o sol.

— Que vai acontecer com o sol?

— Calculo que ele ficará quente o bastante para tornar a vida impossível na Terra dois milhões e meio de anos mais cedo do que se eu não tivesse introduzido os nós no contínuo.

Dei de ombros. Que importam uns poucos milhões de anos quando é uma questão de arranjar alguém para pagar de boa vontade as minhas refeições?

Só voltei a jantar com Mordecai uma semana depois. Ele parecia muito animado ao entrar no restaurante, e quando chegou à mesa onde eu o esperava pacientemente com o meu drinque, sorriu para mim.

— George, tive uma semana incrível! — exclamou. Estendeu a mão sem olhar e não pareceu nem um pouco surpreso quando alguém lhe passou um cardápio. Logo naquele restaurante, em que os garçons eram tão prepotentes que exigiam um requerimento em três vias, assinado pelo gerente, para entregar um cardápio!

"George, parece que estou no paraíso! Disfarcei um sorriso.

— Verdade?

— Quando entro no banco, há sempre um guichê vazio e um caixa sorridente. Quando entro no correio, há sempre um guichê vazio e... bem, acho que esperar um sorriso de um funcionário dos correios seria demais, mas pelo menos eles registram minhas cartas sem fazer cara feia. Chego no ponto de ônibus e há sempre um à minha espera. Outro dia, na hora de maior movimento, levantei a mão e imediatamente um táxi encostou para me pegar. Quando disse que queria ir para a esquina da Quinta com a Quarenta e Nove, ele me levou até lá pelo caminho mais curto. E falava a minha língua! Que é que você vai querer, George?

Uma consulta rápida ao cardápio foi suficiente. Parecia que tudo estava arranjado para que ninguém pudesse atrasar o meu amigo. Mordecai pôs o cardápio de lado e fez os pedidos para nós dois. Observei que não se deu o trabalho de levantar os olhos para ver se havia um garçom à espera. Já se acostumara a esperar que houvesse.

E havia.

O garçom esfregou as mãos, fez uma mesura e nos atendeu com presteza, cortesia e eficiência.

Eu disse a ele:

— Você parece estar passando por uma fantástica maré de sorte, Mordecai, meu amigo. Como explica isso? (Devo admitir que por um momento tive a tentação de revelar a ele que eu em o responsável. Afinal, se soubesse disso, não teria vontade de me cobrir de ouro, ou, em nossos dias prosaicos, de papel?)

— É muito simples — disse ele, pendurando o guardanapo no pescoço e agarrando a faca e o garfo como se quisesse estrangulá-los, porque Mordecai,

com todas as suas qualidades, não é exatamente o que se chamaria de um homem refinado. — Não tem nada a ver com a sorte. É a conseqüência inevitável das leis das probabilidades.

— Das probabilidades? — repeti, com indignação.

— Claro! Passei a vida inteira tendo de suportar a série mais revoltante de atrasos fortuitos que já ocorreu neste planeta. De acordo com as leis das probabilidades, é preciso que esta seqüência infeliz de eventos seja compensada. E o que está acontecendo agora, e espero que continue a ocorrer durante o resto de minha vida. Espero, não, tenho certeza. As coisas têm de se equilibrar. — Inclinou-se na minha direção e espetou o dedo no meu peito. — Acredite nisso. É impossível desafiar as leis das probabilidades.

Passou o resto do jantar discorrendo sobre as leis das probabilidades, a respeito das quais, tenho certeza, conhecia tão pouco quanto você.

Afinal, eu perguntei:

— Agora você não tem mais tempo para escrever?

— Claro que tenho. Calculo que o meu tempo para escrever deve ter aumentado uns vinte por cento.

— E a sua produção aumentou na mesma proporção, imagino.

— Ainda não — disse ele, parecendo meio constrangido. — Ainda não. Naturalmente, preciso me adaptar. Não estou acostumado com tanta facilidade. Fui apanhado de surpresa.

Na verdade, ele não parecia nem um pouquinho surpreso. Levantou a mão e, sem olhar, tirou a conta dos dedos de um garçom que se aproximava cora ela. Examinou-a rapidamente e devolveu-a, com um cartão de crédito, ao garçom, que, para meu espanto, tinha ficado esperando e, ao recebê-la, levou imediatamente à caixa.

O jantar inteiro tinha levado pouco mais de trinta minutos. Não vou esconder de você o fato de que teria preferido um jantar civilizado de duas horas e meia, precedido por champanha, seguido por conhaque, cora um ou dois vinhos finos separando os pratos e uma conversa civilizada preenchendo todos os interstícios. Entretanto, consolei-me com o fato de que Mordecai havia economizado duas horas que poderia passar ganhando dinheiro para si mesmo e, até certo ponto, para mim também.

Depois daquele jantar, passei três semanas sem me encontrar com Mordecai. Não me lembro por quê; acho que nós dois viajamos em semanas diferentes.

Seja como for, certa manhã eu estava saindo de uma lanchonete onde às vezes como um ovo mexido com torrada quando vi Mordecai de pé na esquina, cerca de meio quarteirão de distância.

Tinha acabado de nevar e estava tudo molhado. Era o tipo de dia em que os táxis vazios se aproximam de você apenas para jogar respingos de neve suja nas pernas das suas calças antes de baixarem o sinal de livre e se afastarem rapidamente.

Mordecai estava de costas para mim e acabava de levantar a mão quando um táxi vazio reduziu a marcha e se aproximou dele. Para minha surpresa, Mordecai olhou para outro lado. O motorista esperou um pouco e depois foi embora, desapontado.

Mordecai levantou a mão pela segunda vez e, aparente-mente surgido do nada, um segundo táxi apareceu e parou para ele. Meu amigo entrou no carro, mas, como pude ouvir claramente, embora estivesse a uma distância de uns quarenta metros, brindou o motorista com uma torrente de impropérios que fariam corar uma pessoa de respeito, se ainda houvesse alguma em nossa cidade.

Telefonei para ele naquela mesma manha e marquei um encontro para mais tarde em um bar que costumávamos freqüentar, que oferecia uma "Happy Hour" após outra durante o dia inteiro. Eu mal podia esperar pela explicação de Mordecai.

O que eu queria saber era o significado dos palavrões que ele havia usado. Não, amigo velho, não estou me referindo à definição desses vocábulos no dicionário, se é que eles constam de algum dicionário. Estou falando da razão pela qual ele ofendera o motorista de táxi. Pela lógica, deveria agradecer-lhe efusivamente por haver parado.

Quando ele entrou no bar, não parecia muito satisfeito. Na verdade, tinha um ar preocupado.

Disse para mim:

— George, quer chamar a garçonete para mim?

Era um desses bares em que as garçonetes se vestem sem nenhuma preocupação de se manter aquecidas, o que, naturalmente, ajudava a me manter aquecido. Chamei uma delas com todo o prazer, embora soubesse que

interpretaria meus gestos simplesmente como representando o desejo de pedir um drinque.

Na verdade, ela não interpretou coisa alguma, pois me ignorou totalmente, mantendo-se de costas para mim.

Eu disse para o meu amigo:

— Mordecai, se você quer ser atendido, é melhor chamá-la pessoalmente. As leis da probabilidade ainda não começaram a agir a meu favor, o que é uma pena, porque já era mais do que tempo de o meu tio rico morrer e deserdar seu único filho, deixando toda a fortuna para mim.

— Você tem um tio rico? — perguntou Mordecai, com uma ponta de interesse.

— Não! O que torna as coisas ainda mais injustas. Peça um drinque para nós, está bem, Mordecai?

— Por que a pressa? Deixe que eles esperem — resmungou Mordecai, de cara feia.

Eu não tinha nenhum interesse em deixá-los esperando, é claro, mas minha curiosidade foi maior que a minha sede.

— Mordecai, você parece infeliz. Hoje de manhã, você não me viu, mas eu o vi. Você ignorou um táxi vazio em um dia em que eles valem seu peso em ouro e depois, quando tomou um segundo táxi, xingou o motorista.

— É mesmo? Acontece que estou farto desses filhos da mãe. Os táxis me perseguem. Eles me seguem em longas filas. Não posso nem olhar para a rua sem que um deles pare. Quando chego a um restaurante, sou cercado por hordas de garçons. Lojas já fechadas são abertas por minha causa. No momento em que entro em um edifício, todos os elevadores estão no térreo. Salto em um andar, e eles esperam pacientemente por mim. Quando marco uma consulta médica, sou atendido imediatamente. Se preciso de um documento em uma repartição pública...

Àquela altura, porém, eu tinha recuperado a voz.

— Mordecai — protestei —, não compreende que isso é ótimo para você? As leis das probabilidades...

O que sugeriu que eu fizesse com as leis das probabilidades é totalmente impossível, é claro, já que elas não passam de abstrações.

— Mordecai — insisti —, tudo isso lhe dá mais tempo para escrever.

— Está muito enganado. Parei de escrever.

— Por quê?

— Porque não tenho mais tempo para pensar.

— Como assim?

— O tempo que eu passava esperando, nas filas de banco, nos pontos de ônibus, nas salas de espera... era esse o tempo que eu usava para pensar, para planejar o que eu iria escrever quando chegasse em casa. Essa preparação era essencial para o meu trabalho.

— Eu não sabia disso.

— Nem eu, mas agora já sei.

— Pensei que você passasse todo o tempo de espera reclamando, xingando e se aborrecendo.

— Parte do tempo eu passava assim. O resto do tempo, passava pensando. E mesmo o tempo que eu passava me queixando das injustiças do universo era útil, porque eu me exaltava, a adrenalina no meu sangue ia lá em cima e quando eu finalmente chegava em casa usava o teclado da máquina de escrever para descarregar todas as minhas frustrações. Meus pensamentos forneciam a motivação intelectual e minha raiva a motivação emocional. Juntos, faziam com que os fogos sombrios e infernais de minha alma despejassem grandes blocos de excelente literatura. E agora? Como vou fazer? Observe!

Estalou os dedos e imediatamente uma garçonete sumariamente vestida estava a seu lado, perguntando:

— Que posso fazer pelo senhor?

Eu podia imaginar várias coisas, mas Mordecai se limitou a pedir drinques para nós dois.

— Pensei que precisava apenas me acostumar com a nova situação, mas agora compreendo que não é tão simples assim.

— Pode se recusar a tirar vantagem das facilidades que os outros oferecem a você.

— Posso mesmo? Você me viu esta manhã. Se recuso um táxi, logo aparece outro. Se eu recusar cinqüenta vezes, haverá um qüinquagésimo primeiro esperando por mim na primeira esquina. Eles me vencem pelo cansaço.

— Nesse caso, por que não reserva uma hora ou duas por dia para pensar, no conforto do seu escritório?

— Exatamente! No conforto do meu escritório! Só consigo pensar direito quando estou roendo as unhas em uma fila de banco, sentado no banco duro de uma sala de espera ou morrendo de fome em uma mesa de restaurante. É a revolta que me dá inspiração para escrever.

— Mas você não está revoltado no momento?

— Não é a mesma coisa. Posso me revoltar com uma injustiça, mas como posso me revoltar com as pessoas que me tratam com tanta consideração? Não, não estou revoltado; estou apenas triste, e quando estou triste não consigo escrever. Acho que nunca passei uma "Happy Hour" tão infeliz como naquele dia.

— Juro para você, George — disse Mordecai —, que tenho a impressão de que fui amaldiçoado. Acho que alguma fada madrinha, aborrecida por não ter sido convidada para o meu batizado, descobriu finalmente alguma coisa pior do que ser forçado a esperar em filas. É a maldição de se poder fazer imediatamente tudo que se deseja.

Ao ouvir aquele triste relato, meus olhos ficaram úmidos, pois me dei conta de que a fada madrinha a que ele se referia era na verdade a minha pessoa, e talvez um dia ele viesse a descobrir esse fato. Se Mordecai soubesse a verdade, poderia muito bem, em um ato de desespero, tirar a própria vida, ou, pior ainda, tirar a minha.

Mas o pior ainda não tinha chegado. Depois de pedir a conta e, naturalmente, recebê-la sem demora, examinou-a sem interesse, passou-a para mim e disse, com voz rouca:

— Tome, pode pagar. Vou para casa.

Paguei. Que remédio? Mas isso me deixou uma ferida que ainda me incomoda quando o tempo está para mudar. Afinal, é justo que eu tenha encurtado a vida do sol em dois milhões e meio de anos e acabe tendo de pagar, não só o meu drinque, mas também o do meu amigo? É justo?

Nunca mais tornei a ver Mordecai. Ouvi dizer que deixou o país e se tornou um vagabundo de praia nos Mares do Sul.

Não sei exatamente o que faz um vagabundo de praia, mas desconfio que eles não ficam ricos. Seja como for, tenho certeza de que se ele estiver na praia e quiser uma onda, ela não demorará a aparecer.

— Então você não vai fazer nada por mim?

— Não.

— Ótimo. Então eu pago a conta.

É o mínimo que você pode fazer — disse George.

Aquela altura, um garçom já havia trazido a conta e a colo-cara entre nós, enquanto George a ignorava com a desenvoltura de sempre.

— Você não está pensando em pedir a Azazel para fazer alguma coisa por mim, está? — perguntei.

— Acho que não — disse George. — Infelizmente, amigo velho, você não é o tipo de pessoa em que a gente pensa quando sente vontade de fazer boas ações.

Deslizando na Neve

George e eu estávamos sentados no La Bohème, um restaurante francês que ele freqüentava de vez em quando à minha custa, quando eu disse:

— Parece que vai nevar.

Não era uma grande contribuição para o conhecimento universal. O dia tinha sido muito sombrio, a temperatura estava abaixo de zero, e o serviço de meteorologia tinha previsto uma nevasca. Mesmo assim, fiquei ofendido quando George ignorou totalmente meu comentário.

Ele disse:

— Veja o caso do meu amigo Septimus Johnson.

— Por quê? O que ele tem a ver com o fato de que parece que vai nevar?

— Foi uma associação de idéias — explicou George, muito sério. — Um processo que você deve ter ouvido os outros mencionarem, mesmo que jamais o tenha experimentado pessoalmente.

Meu amigo Septimus [disse George] era um rapaz de meter medo, com o rosto sempre contraído em uma carranca e um par de bíceps de fazer inveja a qualquer um. Era o sétimo filho, daí o nome. Tinha um irmão mais moço chamado Octavius e uma irmã mais moça chamada Nina.

Acho que foi porque passou a infância cercado de gente que, mais tarde, se mostrou estranhamente enamorado do silêncio e da solidão.

Depois de adulto, conseguiu algum sucesso como escritor (como você, amigo velho, exceto pelo fato de que os críticos às vezes elogiam os livros dele) e ganhou dinheiro suficiente para seguir a sua tendência: comprou uma casa isolada em uma pequena cidade do estado de Nova York e passou a escrever seus romances lá. Não ficava muito longe da civilização, mas até onde o olho podia alcançar, pelo menos, parecia totalmente isolada.

Acho que eu fui a única pessoa que Septimus convidou para passar uns dias na sua casa de campo. Deve ter-se deixado fascinar pela calma dignidade da minha conduta e pelo brilhantismo da minha conversação. Pelo menos, é a única explicação que me parece lógica.

Naturalmente, era preciso tomar cuidado com ele. Qualquer um que já tenha

sentido o tapa amistoso nas costas que constitui o cumprimento favorito de Septimus Johnson sabe o que é ter uma vértebra deslocada. Entretanto, o seu vigor físico veio a calhar no dia em que nos conhecemos.

Eu tinha sido abordado por um bando de desocupados, que, certamente iludidos pelo meu porte nobre, estavam convencidos de que eu conduzia uma fortuna em dinheiro. Defendi-me furiosamente, porque, na ocasião, estava sem vintém, e temia que os bandidos, quando descobrissem o fato, descarregassem sua frustração em minha pobre pessoa.

Foi quando Septimus apareceu, preocupado com alguma coisa que estava escrevendo. Os marginais estavam no caminho e, como ele estava distraído demais para se desviar, passou bem pelo meio deles, jogando-os para o lado em grupos de dois e de três. Acontece que ele me encontrou, no fundo da pilha, exatamente no momento em que conseguiu encontrar uma solução para o seu dilema literário. Achando que eu era um sinal de boa sorte, convidou-me para jantar. Achando que um convite para jantar com todas as despesas pagas era um sinal ainda maior de boa sorte, aceitei.

Quando acabamos de jantar, eu já havia estabelecido o tipo de ascendência sobre ele que o fez convidar-me para visitar sua casa de campo. O convite foi repetido várias vezes. Como Septimus me disse certa vez, estar comigo era praticamente como estar sozinho. Considerando a forma como ele prezava a solidão, só podia tomar este comentário como um cumprimento.

Eu esperava encontrar uma casa modesta, mas estava totalmente enganado. Septimus ganhara dinheiro com seus romances e não poupara despesas. (Sei que é indelicado falar de escritores bem-sucedidos na sua presença, amigo velho, mas, como sempre, sou um escravo dos fatos.)

A casa, na verdade, embora isolada a ponto de me manter em um estado permanente de inquietação, era totalmente eletrificada, com um gerador a óleo no porão e painéis solares no telhado. Comíamos bem, e ele possuía uma excelente adega. Vivíamos com extremo conforto, algo a que sempre fui capaz de me adaptar com surpreendente facilidade, considerando minha falta de prática.

Infelizmente, era impossível deixar de olhar pelas janelas, e a falta total de paisagem me deixava muito deprimido. Tudo que havia eram campos, colinas, um pequeno lago e uma quantidade incrível de vegetação, de um verde doentio, mas não se via o menor sinal de casas, estradas, ou de qualquer outra coisa que valesse a pena ser vista. Nem mesmo postes telefônicos.

Um dia, depois de uma boa refeição e um bom vinho, Septimus me disse, muito animado:

— George, gosto de tê-lo aqui comigo. Depois de conversar com você, sinto tanto alívio de voltar para o processador de texto que meu trabalho melhorou consideravelmente.

Sinta-se livre para me visitar quando quiser. Aqui — fez um gesto amplo — você está a salvo de todos os problemas e preocupações. E enquanto eu estiver escrevendo, pode usar sem cerimônia os meus livros, meu aparelho de televisão, a geladeira e... acho que você sabe onde fica a adega.

Para dizer a verdade, eu sabia, sim. Chegara a fazer um pequeno mapa para uso próprio, com um grande X no lugar da adega e vários trajetos possíveis cuidadosamente marcados.

— A única restrição — disse Septimus — é que este refúgio permanece fechado entre 1? de dezembro e 31 de março. Durante este período, não posso lhe oferecer minha hospitalidade, pois fico em minha casa na cidade.

A notícia me deixou preocupado. O inverno é a pior época para mim. Afinal de contas, meu amigo, é no inverno que meus credores se revelam mais insistentes. Esses indivíduos desagradáveis, que, como todo mundo sabe, são ricos o bastante para não se importarem com os míseros centavos que lhes devo, parecem extrair um prazer especial da idéia de me ver no olho da rua em época de frio. Por isso, era exatamente nessa estação do ano que eu mais precisava de refúgio.

— Por que não usa esta casa de campo no inverno, Septimus? — perguntei. — Com um fogo aceso nesta magnífica lareira para complementar o trabalho do seu igualmente magnífico sistema de aquecimento central, poderíamos enfrentar o inverno mais rigoroso.

— É verdade — disse Septimus —, mas acontece que esta região é muito sujeita a nevascas. Nessas ocasiões, minha casa, perdida na solidão que adoro, fica isolada do mundo exterior.

— O mundo exterior que se dane — ponderei.

— Tem razão — concordou Septimus. — Acontece que meus suprimentos vêm do mundo exterior. Comida, bebida, óleo, roupa lavada. Infelizmente, não posso sobreviver sem o mundo exterior. Pelo menos, não poderia levar o tipo de vida sibarita que qualquer ser humano decente tem o direito de levar.

— Sabe, Septimus, talvez eu encontre uma solução para o problema.

— Acho difícil. De qualquer maneira, a casa é sua durante os outros oito meses do ano, ou pelo menos enquanto eu estiver aqui durante esses oito meses.

Era verdade, mas como um homem razoável pode se conformar com oito meses quando sabe que existem doze? Naquela mesma noite, chamei Azazel.

Acho que você nunca ouviu falar de Azazel. Ele é um demônio, uma criatura de dois centímetros de altura que possui poderes extraordinários e adora exibi-los, porque no seu mundo, onde quer que seja, ocupa um lugar sem nenhum destaque. Em conseqüência...

Ah, você já ouviu falar nele? Francamente, amigo velho, como posso contar-lhe uma história de forma coerente se você não pára de me interromper? Não compreende que a verdadeira arte da conversação consiste em manter-se em completo silêncio e não perturbar o interlocutor com pretextos como o de que já se ouviu o que ele está contando. Seja como for...

Azazel, como sempre, estava furioso por ter sido chamado. Parece que estava no meio de uma importante cerimônia religiosa. Eu também tive uma certa dificuldade para me controlar. Ele está sempre envolvido com alguma coisa que considera importante e não percebe que, quando o chamo, é porque estou envolvido em alguma coisa importante.

Esperei calmamente até que ele parasse de reclamar e expliquei a situação.

Ele escutou com uma ruga na pequena testa e depois perguntou:

— Que é neve?

Expliquei a ele.

— Está querendo dizer que neste planeta cai água solidificada do céu? Pedaços de água solidificada? E a vida ainda não se extinguiu?

Não me dei ao trabalho de mencionar o granizo, mas disse:

— Cai sob a forma de flocos macios, ó Poderoso Ser.

— (Ele gosta de ser chamado por esses nomes tolos.) — É inconveniente, porém, quando cai em excesso.

Azazel disse:

— Se está pensando em pedir que eu modifique o clima do seu mundo, pode perder as esperanças. Isto implicaria uma intervenção planetária, o que fere a

ética do meu povo. Eu me recuso terminantemente a praticar qualquer ato contrário à ética, especialmente porque, se for apanhado, servirei de comida para o temido Pássaro Lamell, uma criatura detestável, cujos modos à mesa são simplesmente indescritíveis. Eu não tenho nem coragem de lhe dizer que tipo de tempero ele usaria para me cozinhar.

— A idéia de uma intervenção planetária nem me passou pela cabeça, ó Ente Sublime. Estava pensando em algo muito mais simples. A neve, quando cai, é tão macia que não suporta o peso de um ser humano.

— Ninguém mandou vocês serem tão pesados — disse Azazel, com ar de desdém.

— É verdade, mas é justamente esse peso que torna as coisas difíceis. Eu gostaria que você fizesse meu amigo pesar menos quando ele está andando na neve.

Era difícil para mim prender a atenção de Azazel. Ele ficou repetindo para si mesmo:

— Água solidificada... por toda parte... cobrindo a terra. Sacudiu a cabeça, como se não pudesse aceitar a idéia.

— Você pode tornar meu amigo mais leve? — insisti.

— É claro — respondeu Azazel, em tom ofendido. — É só aplicar o princípio da antigravidade, ativado pelas moléculas de água nas condições apropriadas. Não vou dizer que é fácil, mas é possível.

— Espere — disse eu, em tom hesitante, lembrando-me de algumas experiências anteriores com Azazel. — Talvez seja melhor colocar a intensidade do campo antigravitacional sob o controle do meu amigo. Pode ser que, em certas circunstâncias, ele prefira conservar seu peso normal.

— Colocar um sofisticado sistema antigravidade sob o controle de um reles ser humano? Seria uma verdadeira heresia!

— Só estou pedindo porque é você — argumentei. — Sei que não adiantaria pedir a mesma coisa a outra criatura da sua espécie.

Esta mentira diplomática surtiu o efeito esperado. Azazel estofou o peito em pelo menos dois milímetros e declarou, com voz aguda:

— Deixe comigo.

Acho que Septimus adquiriu sua nova habilidade naquele mesmo instante, mas não posso ter certeza. Estávamos era agosto e não havia neve para fazer a experiência. Eu também não estava disposto a fazer uma viagem rápida à Antártida, Patagônia ou Groenlândia para buscar matéria-prima.

Também não havia razão para explicar a situação a Septimus antes de chegar o inverno. Ele não acreditaria em mim. Poderia mesmo chegar à conclusão ridícula de que eu (logo eu!) andara bebendo.

Mas o destino colaborou. Eu estava na casa de campo de Septimus no final de novembro, para o que ele chamava de última estada do ano, quando começou a nevar.

Septimus soltou uma praga e declarou guerra ao universo por não lhe haver poupado aquele golpe baixo.

Para mim, porém, a nevasca era uma bênção dos céus. Para ele também, só que não sabia. Eu disse:

— Não se preocupe, Septimus. Chegou a hora de descobrir que a neve não é nenhum obstáculo para você. — E expliquei-lhe a situação com todos os detalhes.

Acho que era de se esperar que sua primeira reação fosse de descrédito, mas ele fez várias referências absolutamente desnecessárias à minha sanidade mental.

Entretanto, eu dispusera de meses para preparar minha estratégia. Disse a ele:

— Septimus, até hoje não lhe revelei como ganho a vida, o que talvez tenha despertado a sua curiosidade. Não ficará surpreso com a minha reticência quando eu lhe disser que trabalho para o governo, em um projeto de pesquisa que envolve a antigravidade. Não posso lhe revelar os detalhes, mas fique sabendo que a experiência que pretendo fazer com você será extremamente importante para o programa. Naturalmente, tudo terá de ser mantido em segredo.

Ele olhou para mim, espantado, enquanto eu assoviava, baixinho, o hino americano.

— Está falando sério? — perguntou.

— Acha que eu brincaria com um assunto tão sério? — repliquei. — Acha que a CIA brincaria com um assunto tão sério?

Ele engoliu a história, persuadido pela aura de veracidade que envolve todos os meus pronunciamentos.

— Que devo fazer? — perguntou.

— No momento, o solo está coberto por quinze centímetros de neve. Imagine que o seu peso foi reduzido a zero, saia de casa e comece a caminhar.

— Basta eu imaginar!

— É assim que a coisa funciona.

— Meus pés vão ficar gelados.

— Por que não calça um par de botas? — disse eu, ironicamente.

Ele hesitou e depois realmente foi buscar um par de botas e começou a calçá-las. Esta demonstração de falta de confiança me deixou profundamente sentido. Além disso, ele vestiu um casaco peludo e pôs na cabeça um gorro mais peludo ainda.

— Se você está preparado... — disse eu, friamente.

— Não estou — declarou Septimus.

Abri a porta e ele saiu. Não havia neve na varanda co-berta, mas assim que pisou nos degraus, eles pareceram sair de baixo dos seus pés. Septimus segurou-se no corrimão e olhou para mim, apavorado.

De alguma forma, ele havia chegado ao último degrau e resolveu subir a escada de volta. Não conseguiu. Seus pés deslizaram para a frente, e ele caiu de costas na neve. Continuou a escorregar pelo jardim até passar por uma árvore e abraçar-se ao tronco. Ainda deu duas ou três voltas em torno da árvore antes de parar.

— Por que a neve hoje está tão escorregadia? — perguntou, com voz trêmula.

Devo admitir que, apesar de minha fé em Azazel, a cena me deixara atônito. Não havia pegadas na escada, e seu corpo não deixara nenhum sulco na neve.

— Você não pesa nada quando está sobre a neve — expliquei.

— Você está maluco — disse Septimus.

— Olhe para a neve! Você não deixou nenhuma marca.

Ele olhou e disse algumas coisas que até alguns anos atrás seriam totalmente impublicáveis.

— Acontece — prossegui — que o atrito depende em parte da pressão exercida por um sólido sobre a superfície na qual está apoiado. Quanto menor a pressão, menor o atrito. Você não pesa nada, de modo que sua pressão na neve é zero, o atrito é zero, e você escorrega como se estivesse sobre o mais liso gelo do mundo.

— Que vou fazer, então? Não posso continuar escorregando assim!

— Não doeu, doeu? Se você não pesa nada, não se machuca.

— Mesmo assim. O que você quer? Que eu passe a vida toda deitado de costas na neve?

— Ora, Septimus, é só pensar que você recuperou o peso e pronto!

Ele olhou para mira de cara feia e disse:

— É só pensar que recuperei o peso, hein? — Mas foi exatamente o que fez, e levantou-se de forma meio desajeitada. Seus pés deixaram uma marca na neve e quando tentou andar, com todo o cuidado, não teve nenhum problema.

— Como é que você faz isso, George? — perguntou, com um novo respeito na voz. — Jamais imaginei que você fosse um cientista.

— A CIA me obriga a esconder meus conhecimentos científicos — expliquei. — Agora imagine que está ficando cada vez mais teve e comece a andar. Você vai deixar marcas cada vez mais rasas na neve e ela vai ficar cada vez mais escorregadia. Pare quando achar que está ficando escorregadia demais.

Ele me obedeceu, porque nós cientistas temos uma grande ascendência intelectual sobre os outros mortais.

— Agora experimente escorregar um pouco — sugeri. — Quando quiser parar, é só tornar-se mais pesado. Mas faça isso gradualmente, para não cair de cara no chão.

Como meu amigo era um tipo atlético, pegou o jeito num instante. Ele me disse uma vez que o único esporte que detestava era a natação. Quando tinha três anos, o pai o jogara na água, em uma tentativa bem-intencionada de fazê-lo nadar sem ter de se submeter ao tedioso processo de aprendizado, e em conseqüência Septimus tivera de passar por dez minutos de respiração boca a boca. Ele explicou que o infeliz episódio o deixara com uma aversão instintiva pela água e também pela neve.

— A neve não passa de água sólida — declarou, repetindo as palavras de Azazel.

Na nova situação, porém, a aversão pela neve parecia haver desaparecido. Ele começou a escorregar, soltando gritos de júbilo, e, de vez em quando, tornava-se mais pesado e parava, jogando neve para todos os lados.

De repente, ele me pediu para esperar, correu para dentro de casa e voltou (imagine você!) com um par de patins de gelo.

— Aprendi a patinar no lago — explicou, enquanto calçava os patins —, mas estava sempre preocupado, com medo de o gelo quebrar. Agora posso patinar em terra, em total segurança.

— Não se esqueça — adverti — que a antigravidade é ativada pelas moléculas de H,0. Se você passar por um tre-cho sem neve, seu peso voltará instantaneamente. Você poderá se machucar.

— Não se preocupe — disse ele, começando a patinar. Observei-o enquanto se exercitava no terreno gelado da propriedade. Aos meus ouvidos chegaram os versos: "Deslizando na neve/em um lindo trenó..."

Septimus pode ser tudo, menos afinado. Tapei os ouvidos com as mãos.

O inverno que se seguiu foi o mais feliz de minha vida. Passei o tempo todo naquela casa confortável, comendo e bebendo como um rei, lendo livros muito estimulantes, nos quais eu tentava ser mais esperto que o autor e descobrir o assassino, e imaginando com prazer as atribulações por que estariam passando os meus credores na cidade.

Olhando pela janela, podia ver Septimus, que não parava de patinar na neve. Ele se sentia como um pássaro; o exercício lhe dava uma sensação de liberdade que jamais experimentara. Bem, cada qual com seu gosto.

Pedi-lhe para tomar cuidado para que ninguém o visse.

— Eu ficaria em uma situação difícil — expliquei —, porque a CIA não aprova experiências particulares. Na verdade, não estou muito preocupado com isso, porque, para uma pessoa como eu, a ciência está acima de tudo. Entretanto, se você for visto flutuando acima da neve como costuma fazer, num instante isto aqui estará cheio de repórteres. A CIA saberá do caso e o deterá para investigações. Você será examinado por centenas de cientistas e militares. Ficará famoso e passará o resto da vida cercado por milhares de pessoas.

Septimus estremeceu. Como eu estava cansado de saber, a idéia não lhe

agradava nem um pouco. Ele me perguntou;

— Mas como é que eu vou buscar os suprimentos quando a neve bloquear a estrada? Não era esse o objetivo da experiência?

— Tenho certeza de que a estrada permanecerá aberta durante a maior parte do inverno e nosso estoque será suficiente para nos sustentar enquanto ela estiver fechada. Se eu estiver errado, porém, tudo que você tem a fazer é flutuar na neve até chegar bem perto da cidade, tomando cuidado para que ninguém o veja. (Certamente, nessas ocasiões, não haverá muita gente na rua). Depois, recupere o peso normal e entre na loja. Compre o que você precisa, afaste-se um pouco e torne a decolar. Viu como é simples?

Naquele inverno, não houve necessidade de fazer aquilo nenhuma vez. Eu sabia que meu amigo havia exagerado os perigos da neve. Ele também não foi visto por ninguém enquanto estava patinando.

Septimus estava radiante. Devia ver sua expressão quando parava de nevar ou a temperatura começava a subir. Não pode imaginar como ele adorava aquela camada de neve.

Que inverno maravilhoso! Que pena ter sido o único!

Que aconteceu? Já lhe conto o que aconteceu. Lembra-se do que Romeu disse pouco antes de enfiar a faca em Julieta? Você provavelmente não sabe. Ele disse: "Deixe uma mulher entrar em sua vida e adeus tranqüilidade."

Na primavera seguinte, Septimus conheceu uma mulher chamada Mercedes Gumm. Já tivera alguns namoros antes, mas nada de sério. Um curto período de romance e ia cada um para o seu lado, sem rancores. Afinal de contas, eu mesmo tenho sido perseguido pelas mulheres durante toda rainha vida e nunca assumi um compromisso sério, embora freqüentemente elas me forcem a... mas é melhor eu voltar à história que estava contando.

Septimus veio me procurar um dia. Parecia muito abatido.

— Estou apaixonado por ela, George — confidenciou-me. — E!a me deixa louco. Não posso viver sem ela.

— Está bem — concordei. — Tem a minha permissão para viver por uns tempos com ela.

— Muito obrigado, George — disse Septimus, em tom melancólico. — Agora só preciso da aprovação dela. Não sei por que, mas acho que ela não me tem em

boa conta.

— É estranho. Em geral, você faz sucesso com as mulheres. Afinal, é rico, musculoso e não é mais feio que a média.

— Acho que são os músculos. Talvez ela me considere um brutamontes.

Tive de admirar o poder de observação da moça. Na verdade, Septimus era um brutamontes. Achei melhor, porém, não mencionar isso a ele.

Ele disse:

— Mercedes me falou que para ela o físico não tem a menor importância. Ela está à procura de um homem que seja culto, sensato, racional, compreensivo e mais uma dezena de adjetivos semelhantes. E declarou que não sou nenhuma dessas coisas.

— Já lhe contou que escreve romances?

— Claro que sim. Ela chegou a ler alguns dos meus livros. Acontece, George, que meus livros são a respeito de jogadores de futebol americano, coisas assim. Ela não gostou nem um pouco.

— Suponho que ela não seja do tipo esportivo.

— Claro que não. Ela sabe nadar — observou Septimus, fazendo uma careta, provavelmente ao se lembrar da respiração boca a boca quando tinha apenas três anos —, mas isso não ajuda muito.

— Nesse caso, esqueça-a, Septimus. As mulheres vão e vêm. Existem muitos peixes no mar e muitos pássaros no ar. À noite, todos os gatos são pardos. Uma mulher ou outra, não faz a menor diferença.

Eu teria continuado indefinidamente, mas parecia que ele estava ficando nervoso, e a gente não deve deixar um brutamontes nervoso.

— George, agora você me ofendeu — disse Septimus. —

Mercedes é a única mulher do mundo para mim. Não posso viver sem ela. Mercedes é o centro de minha existência. É o ar que respiro, o sangue que circula em minhas veias. Ela é...

Ele continuou indefinidamente, e não pareceu se incomodar a mínima com o fato de estar ofendendo a mim. Afinal, declarou:

— De modo que não vejo outra saída a não ser continuar a insistir para que se case comigo.

Eu estava chocado. Sabia exatamente quais seriam as conseqüências. O casamento deles representaria o fim do meu paraíso. Não sei por que, mas se há uma coisa que as mulheres recém-casadas detestam são os amigos solteiros do marido.

Eu nunca mais seria convidado para ir à casa de campo de Septimus.

— Você não pode fazer isso! — exclamei.

— Oh, admito que parece difícil, mas eu tenho um plano. Mercedes pode me considerar um brutamontes, mas não sou o que se possa chamar de um homem inculto. Vou convidá-la para se hospedar na minha casa de campo no inicio do inverno. Lá, na paz e tranqüilidade do meu paraíso, ficará mais à vontade e poderá perceber a verdadeira beleza da minha alma.

Isso, pensei, era esperar demais até mesmo do paraíso, mas o que disse foi:

— Não pretende mostrar a ela que é capaz de flutuar na neve, pretende?

— Claro que não! Só depois que nos casarmos.

— Mesmo depois...

— Que bobagem, George! — protestou Septimus, em tom de censura. — Entre marido e mulher não pode haver segredos. A esposa é aquele ser a quem se pode confiar o que há de mais recôndito em nossa alma. Uma esposa...

Mais uma vez, ele continuou naquilo indefinidamente, e tudo que pude dizer debilmente foi:

— A CIA não vai gostar.

O que ele disse sobre a CIA teria agradado bastante aos russos. Aos cubanos, também.

— Vou convencê-la a ir para lá no começo de dezembro.

George. Espero que compreenda que precisamos ficar sozinhos. Sei que você nem sonharia em interferir nas incontáveis possibilidades românticas que se apresentarão para nós na solidão da natureza. Certamente seremos atraídos um para o outro pelo magnetismo do silêncio e da paz.

Reconheci a frase, é claro. Foi a mesma coisa que Mac-beth disse antes de enfiar a faca em Duncan, mas me limitei a ficar olhando para Septimus, com um brilho gélido nos olhos. Um mês depois, Mercedes foi para a casa de campo com Septimus e eu fiquei na cidade.

Não assisti pessoalmente ao que aconteceu na casa de campo. Sei apenas o que Septimus me contou, de modo que não posso jurar que todos os detalhes sejam verdadeiros.

Mercedes era uma boa nadadora, mas Septimus, que sentia uma aversão compreensível por aquele esporte, não fez nenhuma questão de conversar sobre o assunto. A jovem, por sua vez, não tinha motivo para se referir ao seu passatempo favorito. De modo que Septimus não sabia que ela era uma daquelas nadadoras fanáticas que gostam de vestir um maio no meio do inverno e mergulhar nas águas gélidas de um lago para algumas revigorantes braçadas.

Assim, certa manhã de sol, enquanto Septimus roncava no seu sono de brutamontes, Mercedes se levantou, vestiu o maio, vestiu um roupão por cima, calçou um par de tênis e foi até o lago. Havia uma fina camada de gelo perto da margem, mas o centro estava limpo. A moça tirou o roupão e o tênis e começou a nadar.

Pouco depois, Septimus acordou e, com o instinto de um apaixonado, percebeu instantaneamente que sua amada Mercedes não se encontrava em casa. Começou a procurá-la. Encontrando suas roupas e outros pertences no seu quarto, percebeu que ela não havia voltado secretamente para a cidade, como temera a princípio. Devia estar lá fora.

Calçou rapidamente um par de botas e vestiu o casaco mais grosso que tinha por cima do pijama. Correu para fora, gritando o nome da moça.

Mercedes o ouviu, é claro, e começou a acenar para ele, gritando: “Estou aqui! Não corra! Não corra!”

Para lhe contar o que ocorreu em seguida, vou usar as próprias palavras de Septimus. Ele me disse:

— Para mim, Mercedes estava gritando: Socorro! Socorro! Só podia pensar que minha amada havia caído acidentalmente no lago e estava se afogando. Como poderia imaginar que alguém teria coragem de mergulhar voluntariamente naquela água enregelante?

“Eu estava tão apaixonado por ela, George, que imediatamente tomei a resolução de dominar o medo que sinto pela água (especialmente água gelada) e

tentar socorrê-la. Bem, talvez não tenha sido imediatamente, mas, com toda a franqueza, não levei mais do que dois, ou talvez três minutos para me decidir.

“Então gritei: Estou indo, meu amor. Mantenha a cabeça fora da água!, e comecei a correr. Eu não podia andar até lá. Era uma emergência! Diminuí de peso enquanto corria e comecei a escorregar cada vez mais depressa na neve fofa. Em segundos cheguei ao lago, deslizei pelo gelo próximo à margem e mergulhei na água, fazendo uma grande marola.

“Como você sabe, não sei nadar. Além disso, estava de botas e sobretudo. Certamente teria me afogado se Mercedes não estivesse ali.

“Você poderia pensar que o incidente serviu para nos unir ainda mais, mas...

Septimus sacudiu a cabeça, e havia lágrimas nos seus olhos.

— Não foi bem assim. Mercedes ficou furiosa. “Seu idiota!”, exclamou. “Imagine, mergulhar no lago de botas e sobretudo! Que idéia maluca foi essa? Sabe o trabalho que tive para tirá-lo de lá? E você estava tão apavorado que me deu um soco no queixo. Se eu tivesse desmaiado, nós dois morreríamos afogados. Está doendo até agora.”

“Ela fez as malas e foi embora sem dizer adeus. Tive de ficar para trás e curtir um tremendo resfriado, que até agora ainda não passou. Não tornei a vê-la. Ela não responde às minhas cartas e se recusa a atender aos meus telefonemas. Está tudo terminado entre nós, George.

— Só não entendi uma coisa, Septimus: por que você mergulhou no lago? Por que não ficou na margem e estendeu para ela um pedaço de pau, jogou-lhe uma corda ou coisa parecida?

Septimus olhou para mim, indignado.

— Eu não pretendia mergulhar! Minha intenção era deslizar na água!

— Deslizar na água? Mas eu não lhe disse que o sistema antigravidade só funciona no gelo?

— Não senhor! — protestou meu amigo, cada vez mais aborrecido. — Você disse que só funcionava com H_2O. Isso inclui a água, não inclui?

Ele estava certo. Eu tinha falado em H_2O, pois achara que isso parecia mais científico. Protestei:

— Mas eu queria dizer H_2O sólida!

— Queria dizer, mas não disse! — exclamou, levantando-se devagar, com um olhar que revelava claramente sua intenção de me esquartejar.

Não fiquei para verificar se havia interpretado correta-mente a sua expressão. Nunca mais tornei a vê-lo. Ouvi dizer que está morando em uma ilha tropical. Provavelmente quer ficar o mais longe possível da neve.

E como eu digo: “Deixe uma mulher entrar em sua vida...” Aliás, pensando bem, acho que foi Hamlet que disse isso antes de enfiar a faca em Ofélia.

George deixou sair um suspiro alcoólico das profundezas do que ele considera como sua alma e disse;

— Mas parece que já estão para fechar e é melhor irmos andando. Pagou a conta?

Infelizmente, eu tinha pago.

— Pode me emprestar cinco dólares, amigo velho? Estou sem dinheiro para o táxi.

Infelizmente, eu podia.

Lógica E Lógica

George não era uma dessas almas tímidas que acham que ninguém tem o direito de criticar uma refeição pela qual não está pagando. Assim, informou-me que estava decepcionado com o almoço, com todo o tato de que foi capaz, ou por outra, com todo o tato que achava que eu merecia, o que, naturalmente, não é a mesma coisa.

— Este smorgasbord está uma droga — declarou. — As almôndegas estão frias, falta sal no arenque, os camarões não estão bem fritos, o queijo está velho, os ovos sem tempero, os...

— George, esta é a terceira vez que você enche o prato — disse eu. — Daqui a pouco, vamos ter de operá-lo para aliviar a pressão nas paredes do estômago. Por que está se empanturrando com essa comida de terceira classe?

— Acha que eu seria capaz de ofender meu anfitrião, recusando-me a comer sua comida? — disse George, com altivez.

— A comida não é minha, e sim do restaurante.

— É ao proprietário desta espelunca que estou me referindo. Diga-me, amigo velho, por que não entra para um clube de classe?

— Eu? Pagar uma fortuna por privilégios duvidosos?

— Estou falando de um clube de classe, no qual eu pudesse entrar como seu convidado para desfrutar de um jantar decente. Não, não... — acrescentou, em tom queixoso —... este é um sonho impossível. Qual o clube de classe que arriscaria sua reputação aceitando você como sócio?

— Qualquer clube que permitisse a sua entrada como convidado certamente me aceitaria... — comecei, mas George já estava perdido em reminiscências.

— Lembro-me do tempo — disse, com os olhos brilhando — em que jantava pelo menos uma vez por mês em um clube que oferecia o bufê mais generoso e requintado que já enfeitou qualquer mesa desde o tempo de Luculo.

— Aposto que você freqüentava o clube de graça, como convidado de alguém.

— Não sei de onde tirou essa idéia, mas, por uma estranha coincidência, acertou em cheio. O sócio do clube a quem devo agradecer por tantas noites agradáveis se chamava Alistair Tobago Crump VI.

— George, esta vai ser outra história na qual você e Azazel se juntam para levar um pobre infeliz ao desespero enquanto tentam ajudá-lo da forma mais desajeitada possível?

— Não sei o que quer dizer com isso. Fizemos com que o seu maior desejo se concretizasse, movidos pelos princípios mais elevados de bondade desinteressada e amor ao próximo... para não falar no fato de que eu realmente adorava aqueles jantares no clube. Mas deixe-me contar a história do começo.

Alistair Tobago Crump VI era membro do Clube Paraíso desde o dia em que nascera, porque o pai, Alistair Tobago Crump V colocara o nome do filho na lista assim que uma inspeção visual o assegurara de que a informação do médico a respeito do sexo da criança estava correta. Alistair Tobago Crump V tinha sido igualmente registrado no clube pelo pai, e assim por diante, desde o dia em que Biil Crump, enquanto se recuperava de uma bebedeira, tinha sido alistado à força na marinha britânica bem a tempo de se ver como membro indignado da tripulação de um dos navios da frota que recuperara Nova Amsterdã dos holandeses em 1664.

Acontece que o Paraíso é o clube mais seleto de toda a América do Norte. É tão fechado que os únicos que sabem da sua existência são os sócios e uns poucos convidados. Eu mesmo não sei onde fica; sempre me levaram para lá de olhos vendados, em um cabriolé de janelas opacas. Só posso lhe dizer que, quando chegávamos perto do nosso destino, os cascos do cavalo passavam por uma estrada de paralelepípedos.

Ninguém era aceito no Paraíso a não ser que os ancestrais dos dois lados da família remontassem ao período colonial. E não era só a família que contava. A conduta do candidato devia ser irrepreensível. George Washington foi recusado por unanimidade porque havia faltado com o respeito para com as autoridades constituídas.

Os convidados eram selecionados com o mesmo rigor, mas isso não me deixou de fora, naturalmente. Ao contrário de você, não sou um imigrante de primeira geração, nascido em Dobrudja, Herzegovina ou outro lugar igualmente improvável. Minha linhagem é impecável, já que meus antepassados vêm infestando o território desta nação desde o século XVII e já que todos, sem exceção, evitaram os pecados de rebelião, deslealdade e antiamericanismo durante a Guerra da Independência e a Guerra Civil, aplaudindo com imparcialidade os dois exércitos em confronto.

Meu amigo, Alistair, tinha um orgulho especial em pertencer ao clube. Freqüentemente me dizia (porque era um chato daquele tipo que vive repetindo a

mesma coisa): “George, o Paraíso é a essência do meu ser, o núcleo da minha existência. Se eu tivesse tudo que a riqueza e o poder pudessem me dar e não tivesse o Paraíso, seria como se eu nada tivesse.”

Naturalmente, Alistair tinha tudo que a riqueza e o poder podiam lhe dar, porque outra das exigências para pertencer ao Paraíso era ser muito rico. Quando mais não fosse, a anuidade cobrada tomava isso essencial. Entretanto, mais uma vez, ser rico não era tudo. A riqueza tinha de ser herdada. Não podia ter sido ganha pelo pretendente. Qualquer suspeita de que o candidato tivesse trabalhado por dinheiro o tornaria imediatamente inelegível. No meu caso, a única coisa que me impediu de entrar para o clube foi o fato de meu pai ter-se esquecido de me deixar alguns milhões de dólares de herança, já que, no que se refere ao trabalho...

Não diga “isso eu já sei”, amigo velho. Não há maneira de você saber.

Naturalmente, ninguém objetaria se um sócio resolvesse aumentar a sua renda através de um método inteligente, que não envolvesse o trabalho. Havia sempre artifícios como a especulação na bolsa, a sonegação de impostos, o tráfico de influência e outras coisas que nos ricos chegam a ser uma segunda natureza.

Tudo isso era levado muito a sério pelos sócios do Paraíso. Falava-se de sócios que, depois de perderem tudo que possuíam por causa de um ataque inexplicável de honestidade, tinham preferido morrer de fome a arranjar um emprego e terem de renunciar ao clube. Os nomes desses heróis ainda são mencionados com respeito, e placas em sua homenagem podem ser encontradas nas paredes da sede.

Não, não podiam pedir dinheiro emprestado aos amigos, meu velho. Só você mesmo para ler essa idéia. Todos os sócios do Paraíso sabem que não se pede dinheiro emprestado a um homem rico quando existe um número enorme de pessoas pobres esperando ansiosamente na fila para serem esposadas. A Bíblia nos lembra que “tendes sempre os pobres convosco” e os membros do Paraíso são muito religiosos.

Entretanto, Alistair não se sentia inteiramente feliz, e por uma simples razão; os outros sócios do Clube Paraíso o evitavam sempre que possível. Já mencionei o fato de que ele era muito chato. Nunca tinha um caso interessante para contar, um dito espirituoso para acrescentar à conversa, ou uma opinião digna de nota sobre qualquer assunto. Na verdade, mesmo em um ambiente que, em termos de perspicácia e originalidade, estava mais ou menos ao nível de quarta série do primeiro grau, ele se destacava como o mais obtuso de todos.

Pode imaginar a sua frustração, ali sentado, noite após noite, sozinho no meio da multidão. O oceano da vida social, por assim dizer, passava por ele mas não o molhava. Mesmo assim, toda noite ia ao clube. Mesmo no dia em que teve um violento ataque de disenteria, chegou carregado, mas não deixou de comparecer. Essa mostra de fidelidade foi admirada de forma abstrata pelos outros sócios, mas, por alguma razão, não despertou muita simpatia.

Claro que às vezes ele tinha o privilégio de me receber como convidado no Paraíso. Minha linhagem era impecável, meu passado de não-trabalhador convicto granjeava o respeito de todos, e em troca de uma lauta refeição e de um ambiente refinado, tudo à custa de Crump, naturalmente, dava-me

O trabalho de conversar com ele e rir de suas piadas totalmente sem graça. Como tenho coração mole, comecei a sentir uma profunda compaixão daquele pobre-diabo.

Devia haver alguma forma de torná-lo a vida da festa, a alma do Paraíso, um homem invejado por todos os outros sócios. Comecei a imaginar os sócios mais antigos e respeitados disputando a honra de se sentarem ao seu lado no jantar.

Afinal de contas, Ahstair era a própria imagem da respeitabilidade, de tudo que um sócio do clube ambicionava ser. Era alto, magro, seu rosto tinha a expressão de um cavalo ruminando, os cabelos eram louros e escorridos. Tinha olhos azuis e o ar de ortodoxia formal, conservadora de um homem cujos ancestrais tinham a si mesmo em conta tão alta que jamais se casariam com uma pessoa de estirpe inferior. Tudo que lhe faltava era qualquer vestígio de alguma coisa interessante para dizer ou fazer.

Mas isso não era difícil de corrigir. Era um caso perfeito para Azazel.

Daquela vez, Azazel não ficou aborrecido comigo quando o chamei do seu mundo místico. Tinha estado em alguma espécie de banquete, ao que parecia, estava na sua vez de pagar a conta e eu o havia tirado de lá cinco minutos antes de a conta chegar. Deu uma risadinha com voz de falsete, porque, como você sabe, tem apenas dois centímetros de altura. Disse para mim:

— Vou voltar quinze minutos depois. Até lá, com certeza, alguém já terá pagado a conta.

— Como vai explicar sua ausência? — perguntei a ele.

Ele se empertigou todo e balançou a cauda.

— Contarei a verdade; que fui chamado por um monstro extragaláctico de

inteligência subnormal, que necessitava desesperadamente dos meus conselhos. O que você quer desta vez?

Contei a ele e, para minha surpresa, começou a chorar. Pelo menos, gotículas de um líquido vermelho jorraram dos seus olhos. Suponho que eram lágrimas. Uma delas caiu na minha boca e percebi que tinha um gosto horrível, parecido com o de vinho tinto barato, ou, pelo menos, como imagino que seria o gosto de vinho tinto barato, se eu um dia tivesse coragem de experimentar esse tipo de bebida.

— É muito triste — declarou, afinal. — Conheço o caso de um ser muito inteligente e capaz que está sempre sendo esnobado por gente que nem lhe chega aos pés. Não conheço destino mais triste.

— Quem poderia ser? Este ser infeliz, quero dizer.

— Eu mesmo! — exclamou, batendo com força no pequeno peito.

— Acho isso difícil de imaginar — disse eu. — Você?

— Eu também acho. Mas garanto que é verdade. O que esse seu amigo sabe fazer que pode ser aperfeiçoado?

— Bom, ele conta piadas. Ou pelo menos tenta. São horríveis. Ele se arrasta interminavelmente, faz rodeios desnecessários e depois esquece o desfecho. As piadas do meu amigo são de fazer chorar.

Azazel sacudiu a cabeça.

— Isso é mau. Muito mau. Acontece que, por coincidência, sou um excelente contador de piadas. Já lhe contei daquela vez em que um plóquio e um jiniramo estavam fazendo uma andesantoria e um deles disse...

— Já me contou, sim — disse eu, mentindo com convicção. — Vamos voltar ao caso de Crump.

— Existe algum meio simples de melhorar a forma de contar uma piada? — perguntou Azazel.

— Um certo desembaraço, é claro — disse eu.

— É claro. Uma simples divaiinação das cordas vocais resolverá o caso... supondo que vocês, bárbaros, tenham cordas vocais.

— Temos sim. Além, naturalmente, da capacidade de imitar vários sotaques.

— Sotaques?

— Maneiras incorretas de falar. Os estrangeiros que não aprenderam uma língua quando crianças quase sempre pronunciam errado as vogais, trocam a ordem das palavras, cometem erros de gramática e assim por diante.

Uma expressão de horror passou pelo pequeno rosto de Azazel.

— Mas isto é uma ofensa mortal! — exclamou.

— Não neste mundo — assegurei-lhe. — Deveria ser, mas não é.

Azazel sacudiu tristemente a cabeça.

— Seu amigo já teve oportunidade de ouvir essas atrocidades que você chama de sotaques?

— Certamente. Qualquer pessoa que more em Nova York está constantemente exposta a todos os tipos de sotaques. Na verdade, o que é raro é ouvir uma pronúncia castiça, como a minha.

— Muito bem — disse Azazel. — Então é apenas uma questão de escapular a memória.

— Fazer o quê com a memória?

— "Escapular", isto é, tornar mais eficiente. A palavra é derivada de "escapos", o dente de um dirigino zumbívoro.

— E com isso ele será capaz de contar piadas com sotaque?

— Apenas os sotaques a que tiver sido exposto. Afinal de contas, meus poderes não são ilimitados.

— Pois trate de escapulá-lo.

Uma semana depois, encontrei-me com Alistair Tobago Crump VI, na esquina da Quinta Avenida com a Rua 53, e procurei em vão no seu rosto por sinais de um triunfo recente.

— Alistair, tem contado muitas piadas ultimamente? — perguntei.

— George, meu amigo, ninguém se interessa por elas. Há ocasiões em que chego a pensar que não tenho jeito para contar piadas.

— Pois vou lhe fazer uma proposta. Venha comigo a um clube noturno que

conheço. Eu lhe apresento, você se levanta e diz a primeira coisa que lhe vier à cabeça.

Posso lhe assegurar, amigo velho, que não foi fácil convencê-lo. Tive de fazer uso de toda a força da minha personalidade magnética. No final, porém, ele concordou.

Levei-o a um inferninho de terceira, parecido com um desses lugares aonde às vezes você me leva para jantar. Eu conhecia o dono da espelunca, e convenci-o a concordar com a experiência.

Às 11:00 da noite, quando a folia estava no auge, levantei-me e silenciei a platéia com meu ar de dignidade. Só havia onze pessoas presentes, mas achei que era suficiente para a primeira vez.

— Senhoras e senhores — disse eu —, temos hoje em nossa companhia um cavalheiro de grande intelecto, um mestre de nossa língua, que todos, certamente, terão prazer em conhecer. Trata-se de Alistair Tobago Crump VI, professor de inglês da Universidade de Columbia e autor de Como Falar um Inglês Perfeito. Professor Crump, quer se levantar e dizer algumas palavras para nossa distinta platéia?

Crump se levantou, com um ar meio assustado, e disse:

— Mucho obrrigada parra todas vocêis.

Olhe, meu velho, já ouvi você contar piadas no que pretende fazer passar por sotaque de judeu, mas poderia ser a pronúncia de um locutor de rádio em comparação com Crump. O caso é que Crump parecia um professor de inglês de uma grande universidade. Olhar para aquele rosto altivo, solene, e de repente ouvir uma frase num inglês todo estropiado deixou as pessoas a princípio totalmente sem ação. Depois, as risadas chegaram às raias da histeria.

Crump me dirigiu um olhar levemente surpreendido e me disse, em um sotaque sueco, levemente cantado, que não me atrevo a tentar reproduzir:

— Não esperava uma reação tão imediata.

— Esqueça — disse eu. — Continue falando. Crump esperou que os risos parassem, o que levou algum tempo, e começou a contar piadas com sotaque escocês, espanhol, grego etc. etc. Sua especialidade, porém, era o sotaque do Brooklyn... a língua que você fala, amigo velho.

Depois disso, toda noite eu o deixava passar algumas horas no Paraíso e depois o

levava para aquela mesma casa noturna. A noticia logo se espalhou. Naquela primeira noite, como eu disse, a audiência era pequena, mas em pouco tempo havia gente na porta brigando para conseguir um lugar.

Crump aceitou tudo com muita naturalidade. Na verdade, parecia um pouco deprimido. Disse para mim:

— Escute, não há sentido em desperdiçar o meu talento com esses simplórios. Quero mostrar minhas habilidades aos meus companheiros do Paraíso. Eles não prestavam atenção às minhas piadas porque nunca me havia ocorrido contá-las com sotaque. Na verdade, eu mesmo desconhecia este meu talento, o que mostra até que ponto uma pessoa inteligente e sensível pode se subestimar. Só porque não sou do tipo que gosta de aparecer...

Estava falando no seu melhor sotaque do Brooklyn, que constitui uma verdadeira agressão para meus ouvidos, se você me perdoa a franqueza, amigo velho, de modo que apressei-me a assegurar-lhe que cuidaria de tudo.

Falei ao dono do estabelecimento a respeito da riqueza dos sócios do Paraíso, sem mencionar, é claro, que seu pão-durismo estava à altura de suas fortunas. O homem, babando com a idéia de conquistar um público tão desejável, mandou convites para todos eles. Tinha sido idéia minha, pois eu sabia que nenhum sócio do clube resistiria à tentação de assistir a um espetáculo de graça, especialmente depois que lancei o boato de que seriam exibidos filmes pornográficos.

Os sócios do Clube Paraíso compareceram em peso, o que deixou Crump radiante.

— Vai ser uma beleza. Tenho ura sotaque coreano que vai acabar com eles.

Ele também contava no seu repertório com um sotaque sulista que era preciso ouvir para crer.

Por alguns minutos, os sócios do Paraíso ficaram sentados em um silêncio mortal, e tive a horrível impressão de que não haviam compreendido o humor sutil de Crump. Entretanto, estavam apenas paralisados de espanto; quando se recuperaram, começaram a rir às gargalhadas.

Barrigas imponentes balançaram, pincenês caíram no chão, suíças brancas tremularam ao vento. Todos os sons desagradáveis, do risinho em falseie de alguns ao gargalhar trovejante de outros, encheram subitamente o recinto.

Crump ficou envaidecido com aquela demonstração de estima. O gerente, certo de que aquilo era o início de um empreendimento extremamente lucrativo,

aproximou-se de Crump no intervalo e disse:

— Meu amigo, meu amigo, sei que pediu apenas uma oportunidade para mostrar sua arte e que está acima do lixo que as pessoas chamam de dinheiro, mas não posso resistir por mais tempo. Pode me chamar de tolo. Pode me chamar de sentimental. Mas tome, tome, meu amigo, tome este cheque. Você fez por merecê-lo, até o último centavo. Use-o como quiser.

E com a generosidade do empresário típico, que espera milhões em troca, colocou na mão de Crump um cheque de 25 dólares.

Isso foi apenas o começo. Crump ficou famoso, tornou-se o ídolo das casas noturnas, o cômico mais bem pago da cidade. Como já era milionário, graças às negociatas dos antepassados, não precisava da renda adicional, e repassou-a inteiramente para seu empresário... para mim, em outras palavras. Em menos de um ano, eu já havia ganho uma fortuna. O que põe por terra sua teoria ridícula de que eu e Azazel só trazemos má sorte.

Olhei ironicamente para George.

— Como no momento você não tem um tostão furado, George, suponho que agora vai me dizer que tudo não passou de um sonho.

— Absolutamente! — protestou George. — A história é verdadeira, palavra por palavra, como todas as histórias que conto. E o final que acabei de relatar é precisamente o que teria acontecido se Alistair Tobago Crump VI não fosse um idiota.

— Um idiota?

— Isso mesmo. Avalie por você mesmo. Orgulhoso do cheque de vinte e cinco dólares que havia recebido, mandou emoldurá-lo, levou-o ao Clube Paraíso e mostrou-o a todos. Que escolha tinham os sócios? Ele havia ganho dinheiro. Tinha sido pago por serviços prestados honestamente. Foram obrigados a expulsá-lo. E Crump, privado do seu clube, achou por bem morrer de tristeza. Com seu ataque cardíaco lá se foram meus milhões de dólares. Claro que eu e Azazel não tivemos culpa nenhuma.

— Mas se ele mandou emoldurar o cheque, não chegou a descontá-lo e não ganhou dinheiro algum com seu trabalho!

George levantou a mão direita com um gesto dogmático, enquanto empurrava a conta do jantar na minha direção com a mão esquerda.

— É o princípio da coisa que conta. Já lhe disse que os sócios do Clube Paraíso são muito religiosos. Quando Adão foi expulso do Paraíso, Deus lhe disse que daí em diante teria de trabalhar para viver. Acho que as palavras exatas foram: "Comerás o pão com o suor do teu rosto." Segue-se que, da mesma forma, se você trabalha para ganhar a vida, tem de ser expulso do Paraíso. Lógica é lógica.

Mania de Viajar

Eu tinha acabado de chegar de uma viagem a Williamsburg, na Virgínia, e meu alívio por estar de volta ao meu amado processador de texto se misturava com um vago ressentimento pelo fato de ter aceito o convite em primeiro lugar.

George não parecia levar em conta o fato de que havia acabado de saborear uma excelente refeição em um restaurante de primeira inteiramente à minha custa, razão mais do que suficiente para me oferecer um pouco de simpatia.

Depois de remover um fiapo de carne que ficara preso entre os dentes, ele disse:

— Não consigo entender, amigo velho, por que você se ressente do fato de que organizações supostamente respeitáveis estejam dispostas a lhe pagar milhares de dólares por uma palestra de uma hora. Afinal, já tive oportunidade de ouvi-lo falar e acharia muito mais razoável que você falasse de graça e se recusasse a parar a menos que lhe pagassem milhares de dólares. Isso sem querer ofender seus sentimentos, se é que você tem algum.

— Quando foi que você me ouviu falar? — perguntei. — Nos intervalos entre as suas divagações é praticamente impossível encaixar mais do que duas dúzias de palavras! (Naturalmente, tive o cuidado de usar exatamente vinte e quatro palavras para me defender.)

George me ignorou, como eu tinha certeza que faria.

— Você diz que detesta viajar, mas está sempre aceitando convites para conferências, atraído por esse lixo chamado "dinheiro". Sabe que isso depõe contra o seu caráter? Isso me faz lembrar a história de Sophocles Moskowitz, um homem que também relutava em sair de casa, a não ser que lhe acenassem com a possibilidade de aumentar a sua já grande conta bancária. Ele também usava um eufemismo para essa relutância, chamando-a de "aversão a viagens". Foi preciso o meu amigo Azazel para mudar isso.

— Não peça a esse seu demônio de dois centímetros para me ajudar! — exclamei, como se tivesse razões para acreditar que o pequeno ser era mais do que um fruto da imaginação doentia de George.

George mais uma vez me ignorou.

Na verdade [disse George], foi uma das primeiras vezes que pedi a ajuda de Azazel. Isso aconteceu há mais de trinta anos, você entende. Fazia pouco tempo

que eu aprendera a conjurá-lo e ainda não compreendia bem os seus poderes.

É claro que, se eu acreditasse nas bazófias de Azazel, chegaria à conclusão de que ele era capaz de fazer qualquer coisa, mas será que existe algum mortal (com exceção da minha pessoa, é claro) que não exagere um pouco quando está falando das próprias qualidades?

Na época, eu conhecia muito melhor uma garota sensacional chamada Fifi. Um ano antes, Fifi havia pesado os prós e os contras e chegado à conclusão de que a riqueza de Sophocles Moskowitz mais do que compensava os seus defeitos como pessoa.

Mesmo depois que os dois se casaram, Fifi continuou a ser minha amiga secreta, embora se mantivesse inesperadamente fiel ao marido. Apesar disso, eu gostava de vê-la, coisa que você entenderia se a conhecesse. Na sua presença eu sempre me lembrava, com satisfação, de certas atividades descontraídas que havíamos compartilhado no passado.

— Bum Bum — disse eu, que jamais a havia chamado por outro nome que não fosse o seu nome artístico, proposto pelos fascinados espectadores de seu interessante número —, você está com ótimo aspecto.

— É mesmo? — disse ela, com aquela voz sensual que me fazia lembrar das ruas de Nova York em seu feérico esplendor. — Pois não estou me sentindo nada bem.

— Qual é o problema, minha querida?

— E aquele chato do Sophocles.

— Como tem coragem de Falar assim do seu marido, Bum Bum? Um homem tão rico como ele não pode ser chato.

— E o que você pensa. Que blefe! Lembra-se de que você me disse que Sophocles era tão rico quanto um tal de Creso, um cara de quem eu nunca ouvi falar? Você se esqueceu de me dizer que esse Creso devia ser um pão-duro de marca maior.

— Sophocles é pão-duro?

— E como! Que adianta casar com um sujeito cheio da grana se ele é um unha-de-fome?

— Ora essa, Bum Bum, é claro que você pode descolar uma grana prometendo-lhe em troca as delícias de um Ehseu noturno.

Fifi franziu a testa.

— Não sei bem o que você está querendo dizer, mas eu disse a ele que não encostaria um dedo em mim se não fosse um pouco mais liberal com o seu dinheiro. Não adiantou nada! Tenho ou não razão para ficar triste?

A pobrezinha pôs-se a soluçar. Segurei-lhe a mão, da forma menos fraternal que foi possível. Ela se lamentou:

— Quando me casei com aquele pilantra, pensei comigo mesma: "Fifi, daqui para a frente vai ser só Paris, a Riveera, Bônus Airs, Casablanca etecetera e tal." Qual o quê!

— Não me diga que aquele desalmado se recusa a levá-la a Paris!

— Ele não me leva a lugar nenhum! Nunca saímos de Manhattan. Ele diz que não gosta do mundo lá fora. Detesta plantas, animais, estrangeiros, casas e edifícios que não sejam os edifícios de Nova York. Eu me contentaria com um shopping center, mas nem disso ele gosta.

— Por que não viaja sem ele, Bum Bum?

— Seria até mais divertido, mas com que dinheiro? O cara não abre a mão nem para jogar peteca. Tenho de fazer todas as minhas compras no Macy"s. — Ela estava quase gritando. — Não me casei com aquele palhaço para fazer compras no Macy"s!

Olhei especulativamente para várias partes do corpo de Fifi e lamentei-me por não ser rico. Antes de se casar, ela às vezes concordava em contribuir para a minha causa apenas por amor à arte, mas eu tinha a impressão de que, após o casamento, abandonara por completo tais atividades amadorísticas. Naquele tempo, como você já deve ter presumido, eu era ainda mais atraente do que hoje, mas nem por isso desfrutava de uma melhor posição financeira.

— E se eu despertasse no seu marido o gosto pelas viagens? — perguntei.

— Puxa, Seria tão bom!

— Você não ficaria agradecida?

Ela olhou para mim com uma expressão saudosa.

— George, no dia em que ele me disser que me leva a Paris, eu e você vamos fazer como em Asbury Park. Lembra-se?

Se eu me lembrava do que havíamos feito naquela cidade balneária de Nova Jersey? Como poderia me esquecer? Dois dias depois, meus músculos ainda estavam doendo.

Discuti o assunto com Azazel enquanto tomávamos cerveja: uma caneca para mim, uma gota para ele. Azazel adora cerveja. Perguntei-lhe, cauteloso:

— Esses poderes mágicos que você vive alardeando são para valer?

Ele olhou para mim, ofendido.

— Diga-me o que quer que eu faça. Diga-me, e eu lhe mostro do que sou capaz. Depois disso, quero ver me chamar de "trapalhão".

Uma vez, sob o efeito de um lustra-móveis com perfume de limão (que Azazel achava delicioso), ele me revelara que alguém do seu mundo usara essa expressão pouco edificante referindo-se a ele.

Deixei-o tomar outra gota de cerveja e prossegui, em tom casual:

— Tenho um amigo que não gosta de viajar. Suponho que para uma pessoa tão habilidosa como você não seria difícil transformá-lo em um turista compulsivo.

Devo admitir que parte do seu entusiasmo desapareceu.

— Imaginei que você fosse pedir alguma coisa sensata — disse, em sua voz aguda —, como colocar aquele quadro horroroso no lugar apenas com a força do pensamento.

Enquanto falava, o quadro se moveu e ficou inclinado para o lado oposto.

— Por que eu lhe pediria isso? Os ângulos de inclinação dos meus quadros obedecem a considerações de ordem estética. O que eu quero é que você incuta em Sophocles Moskowitz a mania de viajar, viajar o tempo todo, mesmo que a esposa não possa acompanhá-lo. — Acrescentei a última condição porque me ocorreu que uma vez ou outra seria conveniente que Sophocles viajasse desacompanhado, deixando Fifi na cidade.

— Isso não será fácil. Uma aversão a viagens como essa pode ser causada por experiências desagradáveis na infância. Para removê-las, terei de recorrer a uma delicada manipulação cerebral. Não digo que não possa ser feito, já que as mentes primitivas da sua raça têm uma estrutura relativamente simples, mas você terá de me mostrar o indivíduo em questão para que eu possa examinar sua mente.

Não havia nenhum problema. Pedi a Fifi para me convidar para jantar como se fosse um velho colega de escola. (Ela havia passado algum tempo no campus de uma universidade, fazia alguns anos, embora eu duvidasse que Jamais tivesse posto os pés em uma sala de aula. As atividades de Fifi eram todas extracurriculares.)

Levei Azazel no bolso do paletó e de vez em quando podia ouvi-lo murmurar algumas fórmulas matemáticas computadas com a sua vozinha de falsete. Supus que estivesse analisando a mente de Sophocles Moskowitz, o que seria por si só uma façanha, pois não era preciso conversar muito com o homem para perceber que não havia quase nada na sua mente para ser analisado.

Quando chegamos em casa, disse para Azazel:

— Então?

— É possível — declarou, fazendo um gesto vago com o braço coberto de escamas. — Você por acaso tem à mão um sinaptômetro mentodinâmico muhifásico?

— Infelizmente, não. Emprestei o meu a um amigo que viajou para a Austrália.

— Que azar! — lamentou-se Azazel. — Agora terei de fazer todos os cálculos a mão! — Ele continuou se lamentando, mesmo depois de concluir a tarefa. — Foi quase impossível — declarou. — Só uma pessoa com a minha extraordinária capacidade poderia executar um ajuste tão delicado. Depois de colocar a mente dele no estado em que se encontra, tive de fixá-la no lugar com grandes pregos!

Achei que estava falando em sentido figurado e disse isso para ele.

Azazel replicou:

— Bem, é como se fossem grandes pregos. Ninguém vai conseguir fazê-lo mudar de idéia. Ele vai estar querendo viajar com tal intensidade que será capaz de qualquer coisa para conseguir o que deseja. Isto serve para mostrar àqueles...

Desfilou uma longa série de sílabas estridentes em sua língua natal. Naturalmente, não entendi nada, mas o fato de os cubos de gelo derreterem na geladeira era uma clara evidência de que não se tratava de elogios. Desconfio que ele estava xingando os compatriotas, que não pareciam ter muita fé na sua capacidade.

Três dias depois, Fifí me telefonou. Ela não é tão sedutora ao telefone como em pessoa, por razões que são óbvias, pelo menos para mim; pode ser que não sejam

para você, que tem uma tendência a não dar valor às melhores coisas da vida. A gente nota com mais facilidade uma certa aspereza na voz dela quando não está olhando para os aspectos macios de sua pessoa.

— George, você deve ser mágico! — exclamou. — Não sei o que você fez naquele jantar, mas funcionou. Sophocles vai me levar a Paris. A idéia foi dele e parece muito animado. Não é ótimo?

— É mais do que ótimo — observei, com natural entusiasmo. — É sensacional. Agora você pode cumprir a sua parte no trato. Vamos fazer uma reprise de Asbury Park e botar para quebrar.

As mulheres, porém, como até você talvez já tenha notado, muitas vezes não cumprem o que prometem. Sob esse aspecto, são muito diferentes dos homens. Parecem não compreender a importância de cumprir a palavra empenhada. Ela disse:

— Vamos viajar amanha, George. Não dá tempo. Ligo para você quando voltar.

Fin desligou e pronto. A mulher tinha vinte e quatro horas disponíveis, e eu não precisava de mais do que a metade desse tempo... mas ela não quis nem discutir a possibilidade de me ver.

Fifí ligou para mim quando voltou ao país, mas isso só aconteceu seis meses depois.

A princípio, não reconheci a sua voz. Estava rouca e cansada.

— Com quem estou falando? — perguntei, com minha dignidade costumeira.

— Aqui é Fifi Laverne Moskowitz.

— Bum Bum! Você está de volta! Que maravilha! Venha para cá agora mesmo. Vamos...

— George, vá para o inferno! Se todas as suas mágicas são como essa, você é um farsante, e eu não faria de novo o que fizemos em Asbury Park mesmo que você conseguisse ficar o dobro do tempo pendurado pelos dedões dos pés.

Eu estava atônito.

— Sophocles não levou você para Paris?

— Claro que levou. Agora me pergunte se eu fiz alguma compra em Paris.

— Você fez alguma compra em Paris?

— Uma ova! Sophocles não deixou!

O ar cansado desapareceu de sua voz, que, sob o efeito da emoção, se tornou estridente.

— Chegamos a Paris, mas não paramos um só instante.

Ele apontava as coisas para mim de passagem: "Ali é a Torre Eiffel", disse, apontando para um edifício em construção sem graça nenhuma. "Ah é Notre Dame." Ele nem sabia do que estava falando. Uma vez entrei escondido em Notre Dame com dois jogadores de futebol e sei que não fica em Paris. Fica em South Bend, Indiana.

"Mas, e daí? Estivemos em Frankfurt, Berna e Viena, que os estrangeiros ignorantes chamam de Vin. Existe uma cidade chamada Triste?

— Trieste — corrigi. — Sim, existe.

— Pois também estivemos lá. Mas não nos hospedávamos em hotéis. Ficávamos em casas de fazenda. Sophocles dizia que era a maneira certa de viajar. Ele dizia que assim a gente podia entrar em contato com as pessoas e a natureza. Quem quer saber das pessoas e da natureza? O que nós não vimos foi um banheiro decente. Depois de algum tempo, eu estava cheirando mal. Meu cabelo ficou um desastre. Já tomei cinco banhos e ainda me sinto suja!

— Por que não toma mais cinco banhos aqui no meu apartamento? — sugeri.

Ela nem me escutou. E incrível como as mulheres não prestam atenção no que a gente diz.

— Semana que vem, ele pretende começar tudo de novo — prosseguiu. — Quer atravessar o Pacífico e conhecer Hong Kong. Pretende viajar em um velho petroleiro. Disse que é a maneira certa de viajar por mar. Eu disse a ele: "Escute, seu velho maluco, eu me recuso a viajar para a China nessa banheira, ainda mais com você!"

— Muito romântico — observei.

— Sabe o que ele respondeu? "Está bem, querida. Eu vou sozinho." Eu disse a ele que nesse caso, só me restava pedir o divórcio. Ele replicou: "Faça como quiser, minha cara mentecapta, mas não vai conseguir me arrancar um tostão. E para mim, o que interessa é viajar." Dá para entender? Depois de tudo que fez, ainda

veio com essa história de mentecapta, querendo me agradar!

Você deve levar em conta, amigo velho, que esse foi um dos primeiros trabalhos de Azazel e ele ainda não sabia controlar direito os seus poderes aqui na Terra. Além disso, eu tinha pedido a ele que uma vez ou outra fizesse Sophocles viajar sozinho.

Ainda tentei tirar vantagem da situação.

— Bum Bum, porque não vem aqui para nós conversarmos sobre o divórcio?

— E pensar que eu confiei em você, seu miserável. Sua mágica não vale um tostão. Se não largar do meu pé, conheço um cara que pode fazê-lo em pedacinhos.

Foi nesse momento que compreendi que a parada estava perdida.

Pedi socorro a Azazel, mas, por mais que tentasse, não conseguiu desfazer o que havia feito. E recusou-se terminantemente a mexer com a mente de Bum Bum de modo a torná-la mais acessível às minhas propostas. Disse que isso estava acima dos seus poderes. Não consigo entender por quê.

Entretanto, ele concordou em me manter informado do paradeiro de Sophocles. O homem não parou mais. Subiu o Nilo num Jet ski. Atravessou a Antártida em uma asa-delta.

Quando o presidente Kennedy anunciou em 1961 que os americanos chegariam à lua antes do final da década, Azazel comentou comigo:

— Mais uma conseqüência do meu ajuste.

— Quer dizer que o que você fez com o cérebro de Sophocles dá a ele o poder de influenciar o presidente e o programa espacial?

— Ele não faz de propósito — respondeu Azazel —, mas eu lhe disse que o ajuste era suficientemente forte para abalar o universo.

E ele foi mesmo para a lua, amigo velho. Lembra da Apoio 13, que sofreu um suposto acidente em 1970, quando estava a caminho da lua, e a tripulação mal conseguiu voltar para a Terra? Na verdade, Sophocles estava clandestinamente a bordo e partiu no Módulo Lunar, deixando a tripulação para trás.

Ele pousou na lua e continua lá até hoje, explorando a superfície do nosso satélite. Lá não existe ar, nem água, nem comida, mas acho que o ajuste de Azazel também cuidou deste aspecto. Na verdade, pode ser que esteja se preparando

para viajar para Marte... ou até para mais longe.

George sacudiu a cabeça, com um sorriso triste nos lábios:

— É muito irônico. Muito irônico!

— Onde está a ironia? — perguntei.

— Não percebe? Coitado do Sophocles Moskowitz! É a versão moderna e aperfeiçoada do Judeu Errante, e a ironia está no fato de que nem mesmo pratica a religião ortodoxa!

George levou a mão esquerda aos olhos e tateou com a direita, à procura de um guardanapo. Com isso, pegou acidentalmente a nota de dez dólares que eu havia colocado sobre a mesa como gorjeta para o garçom. Ele enxugou os olhos com o guardanapo, mas não vi o que aconteceu com a nota de dez dólares. Ele deixou o restaurante soluçando.

Suspirei e coloquei na mesa outra nota de dez dólares.

Os Olhos de Quem Vê

George e eu estávamos sentados em um banco, admirando a praia de areias muito brancas e o mar distante. Eu me dedicava ao inocente prazer de olhar para as garotas de biquíni e imaginar se recebiam das belezas da vida o mesmo com que contribuíam.

Conhecendo George como eu conhecia, desconfiava que seus pensamentos eram bem menos desinteressados do que os meus. Provavelmente estaria pensando em aspectos mais práticos dessas mesmas garotas.

Foi com considerável surpresa, portanto, que o ouvi dizer:

— Amigo velho, aqui estamos sentados, desfrutando da beleza natural, na forma de um corpo de mulher, e no entanto a verdadeira beleza não é, e não pode ser, tão evidente. A verdadeira beleza, afinal, é tão preciosa que deve ser escondida dos olhos de observadores casuais. Já pensou nisso?

— Não — respondi. — Nunca pensei e, agora que você chamou atenção para o fato, continuo a não pensar. Mais ainda, duvido que você pense.

George suspirou.

— Conversar com você, amigo velho, é como nadar em uma piscina de melado: muito esforço e quase nenhum resultado. Estava vendo você olhar para aquela deusa ah, cujos farrapos de tecido fino nada fazem para esconder os poucos centímetros quadrados que se propõem a cobrir. Não compreende que seus atributos são todos superficiais?

— Nunca pedi muito da vida — disse eu, no meu jeito humilde. — Atributos superficiais como aqueles me satisfazem plenamente.

— Pense em como seria mais bonita uma jovem, mesmo uma jovem sem atrativos externos para olhos pouco treinados como os seus, se ela possuísse as glórias eternas da bondade, do altruísmo, da jovialidade, da diligência e da caridade... todas as virtudes, em suma, que emprestam glória e graça a uma mulher.

— O que estou pensando, George, é que você deve estar bêbado. Que é que você sabe de virtudes como as que acaba de mencionar?

— Conheço-as a fundo — declarou George, com orgulho — porque estou acostumado a praticá-las.

— Só se for na intimidade do seu quarto — declarei —, e no escuro.

Ignorando a sua observação grosseira [disse George], devo explicar que mesmo que não tivesse conhecimento pessoal dessas virtudes, travaria contato com elas através da minha amizade por uma jovem chamada Melisande Ott, née Melisande Renn, que o dedicado marido Octavius Ott chamava carinhosamente de Maggie. Eu também a chamava de Maggie, porque era filha de um grande amigo meu, infelizmente já falecido, e ela sempre me chamou de tio George.

Devo admitir que existe uma parte de mim que, como você, aprecia os atributos sutis que você chama de "superficiais". Sim, amigo velho, eu sei que usei a expressão primeiro, mas não chegaremos a lugar algum se continuar me interrompendo por causa de trivialidades.

Graças a esta pequena fraqueza, devo também admitir que quando, em um acesso de alegria por estar comigo, ela me abraçava com força, minha satisfação não era tão grande como teria sido se ela possuísse formas mais generosas. Maggie era muito magra e ossuda. Tinha nariz grande, pouco queixo, cabelos lisos e sem viço, e seus olhos eram de um cinza indefinido. As maçãs do rosto eram muito salientes, fazendo lembrar um esquilo transportando nozes. Para resumir, não era o tipo de moça que faz o coração dos rapazes bater mais depressa.

Entretanto, tinha um bom coração. Suportava, com um sorriso resignado, o sobressalto visível que assaltava os jovens que a encontravam pela primeira vez sem terem sido prevenidos. Tinha sido dama de honra de todas as amigas. Era madrinha de um incontável número de crianças e tomava conta de outras quando os pais precisavam sair à noite.

Levava sopa quente para os pobres dignos de comiseração, e também para os indignos, embora houvesse quem achasse que eram os indignos que mais mereciam suas visitas. Executava várias tarefas na igreja do bairro, e realizava a mesma tarefa várias vezes, uma para ela própria e outras para as amigas, que preferiam se divertir no cinema a trabalhar para a comunidade. Ensinava na escola de catecismo, divertindo as crianças com caretas (pelo menos, era o que as crianças pensavam). Também gostava de ler para elas os nove mandamentos. {Deixava de fora o mandamento sobre adultério, porque a experiência lhe ensinara que dava margem a perguntas maliciosas.) Também trabalhava como voluntária na biblioteca municipal.

Naturalmente, perdera toda a esperança de se casar quando tinha aproximadamente quatro anos. Aos dez, a idéia de sair com um membro do sexo oposto já lhe parecia um sonho quase impossível. Costumava dizer para mim:

— Não sou infeliz, tio George. O mundo dos homens está fora do meu alcance, é verdade, exceto por você e pela memória do papai, mas me sinto feliz fazendo o bem.

Maggie visitava os presos na penitenciária, aconselhando-os a repudiar a vida de crimes e começar vida nova. Apenas os mais empedernidos se ofereciam para ficar na solitária nos dias de visita.

Um dia, porém, Maggie conheceu Octavius Ott, um jovem engenheiro elétrico que se mudara recentemente para o bairro e ocupava uma posição importante na companhia de luz. Era um rapaz de valor: sério, trabalhador, perseverante, corajoso, honesto e respeitoso. Entretanto, não era o que eu ou você chamaríamos de boa-pinta. Na verdade, ninguém em seu juízo perfeito o chamaria de boa-pinta.

Octavius tinha uma calvície incipiente, nariz achatado, lábios finos, orelhas de abano e um pomo-de-adão saliente que jamais ficava parado. O que lhe restava de cabelo era cor de ferrugem; o rosto e os braços eram cobertos de sardas.

Por acaso, eu estava com Maggie quando ela e Octavius se encontraram na rua pela primeira vez. Os dois estavam igualmente desprevenidos e deram um salto para trás, como um par de cavalos ariscos que de repente se vissem diante de uma dúzia de palhaços usando uma dúzia de perucas e soprando uma dúzia de apitos. Por um momento, tive a impressão de que Maggie e Octavius iriam empinar e relinchar.

O momento passou, porém, ambos conseguiram superar o susto. Ela não fez mais do que levar a mão ao coração, como que para impedi-lo de pular fora do peito em busca de um esconderijo mais seguro, enquanto ele enxugava a testa como se estivesse tentando apagar uma memória apavorante.

Eu conhecera Octavius alguns dias antes, de modo que resolvi apresentá-los um ao outro. Eles estenderam as mãos timidamente, como se não estivessem ansiosos para acrescentar o sentido do tato ao da visão.

Naquela mesma tarde, Maggie quebrou um longo silêncio e disse para mim:

— O Sr. Ott parece ser uma pessoa muito estranha.

Repliquei, com aquela originalidade que meus amigos invejam:

— Não se deve julgar um livro pela capa, minha querida.

— Mas a capa existe, tio George, e não podemos ignorá-la. Tenho a impressão de

que a maioria das minhas amigas, que são garotas frívolas e insensíveis, jamais se interessariam pelo Sr. Ott. Seria um ato de caridade, portanto, mostrar a ele que nem todas as mocinhas se deixam levar apenas pelas aparências; que pelo menos uma delas não despreza um rapaz apenas porque ele se parece com um... — Maggie interrompeu o que estava dizendo, sem conseguir encontrar um elemento de comparação em todo o reino animal. Afinal, teve de completar a frase de forma evasiva, embora calorosa:

— ...com o que quer que ele se pareça. Preciso ser gentil com ele!

Não sei se Octavius tinha algum confidente com quem pudesse desabafar de forma semelhante. Provavelmente não, porque existem poucos tios George no mundo. Mesmo assim, tenho quase certeza, a julgar pelo desenrolar dos eventos, que precisamente os mesmos pensamentos lhe ocorreram. Com relação à moça, é claro.

Seja como for, os dois começaram a se tratar com carinho, timidamente a princípio e depois de forma cada vez mais apaixonada. O que começou como conversas rápidas na biblioteca transformou-se em visitas ao jardim zoológico, depois em cinemas à noite, depois em bailes, até que ocorreu o que só pode ser descrito (se você perdoa a minha linguagem) como encontros.

As pessoas começaram a esperar ver um deles quando viam o outro, pois se haviam tornado um par indissolúvel. Alguns vizinhos se queixaram amargamente de que uma dose dupla de Octavius e Maggie era mais do que um ser humano podia tolerar, e mais de um elitista arrogante comprou óculos escuros.

Não vou dizer que não compreendesse as razões desses extremistas, mas outros vizinhos, mais tolerantes e, talvez, mais razoáveis, observaram que os traços de um deles eram, por uma estranha coincidência, exatamente o oposto dos traços correspondentes do outro. Assim, ver os dois juntos tendia a introduzir um efeito de cancelamento, de modo que os dois juntos eram mais toleráveis do que separados. Ou pelo menos era o que alguns afirmavam.

Finalmente, chegou um dia em que Maggie me disse:

— Tio George, Octavius é a luz e a vida da minha existência. Ele é leal, forte, firme, seguro e estável. É um homem adorável.

— Por dentro, pode ser, minha querida — disse eu. — A aparência dele, porém, é...

— Adorável — declarou Maggie com lealdade, força, firmeza, segurança e estabilidade. — Tio George, ele sente por mim o mesmo que sinto por ele, e nós

vamos nos casar.

— É mesmo?

Uma imagem involuntária do fruto provável de tal união passou diante dos meus olhos, fazendo-me estremecer.

— Verdade. Ele me disse que sou o sol de seu prazer e a lua de sua alegria. Depois acrescentou que eu era todas as estrelas de sua felicidade. Meu amado é muito poético.

— Assim parece — concordei, sem muita convicção. — Quando vocês vão se casar?

— O mais cedo possível.

Não havia nada que eu pudesse fazer a não ser ranger os dentes. As proclamas foram feitas, os preparativos chegaram ao fim, a cerimônia foi celebrada. A noiva subiu ao altar de braço comigo. Toda a vizinhança compareceu; queriam ver com os próprios olhos. Até o padre permitiu que uma expressão de assombro reverente passasse pelo seu rosto.

Naturalmente, a platéia evitou olhar diretamente para o jovem casal. Durante a cerimônia, todos conservaram os olhos baixos. A não ser o ministro, que passou o tempo todo olhando para o vitral acima da porta de entrada da igreja.

Pouco tempo depois, eu me mudei para outro bairro e perdi o contato com Maggie. Onze anos mais tarde, porém, tive de voltar à vizinhança para consultar um amigo meu a respeito de um investimento que pretendia fazer, algo relativo à probabilidade de que um cavalo ganhasse uma certa corrida. Aproveitei a oportunidade para visitar Maggie, que, entre outras qualidades bem escondidas, era uma excelente cozinheira.

Cheguei na hora do almoço. Octavius estava no trabalho, mas isso não importava. Não sou um homem egoísta e não me importei de comer a parte dele além da minha.

Não pude deixar de notar, porém, que Maggie parecia triste. Enquanto tomávamos café, perguntei a ela:

— Está triste, Maggie? Algum problema com o seu casamento?

— Oh, não, tio George. Nosso casamento foi feito no céu. Embora não tenhamos filhos, estamos tão envolvidos um com o outro que mal sentimos a falta deles.

Vivemos em um mar de êxtase perpétuo e não temos mais nada a pedir do universo.

— Entendo. Então por que essa ponta de tristeza que percebo em você?

Maggie hesitou e depois disse:

— Oh, tio George, você é uma pessoa tão sensível! Só existe uma coisa que representa um travo amargo em minha vida venturosa.

— Que é?

— Minha aparência.

— Sua aparência? Que há de errado... -— Engoli em seco ao perceber que não conseguiria concluir a frase.

— Não sou bonita — declarou Maggie, cora ar de quem estava revelando um grande segredo.

— Ah!

— E bem que gostaria de ser... por causa de Octavius. Queria ser linda para ele.

— Ele se queixa da sua aparência? — perguntei, cauteloso.

— Octavius? Claro que não. Ele suporta este sofrimento em silêncio.

— Como sabe que ele está sofrendo?

— Meu coração de mulher jamais se enganaria.

— Maggie, não se esqueça de que Octavius também é... quero dizer, Octavius também não é o que se poderia chamar de bonito.

— Como tem coragem de dizer isso? — protestou Maggie, indignada. — Meu marido é lindo!

— Talvez ele também ache você linda.

— Oh, não! Como poderia?

— Escute, ele está interessado em outras mulheres?

— Tio George! Que coisa feia de se dizer! Estou decepcionada com o senhor. Octavius não tem olhos para mais ninguém a não ser eu.

— Então que importa se você é linda ou não?

— Eu me importo por ele. Oh, tio George, como eu queria ser linda para ele!

E pulando no meu colo da forma mais inesperada e desagradável, molhou a lapela do meu paletó com suas lágrimas. Na verdade, quando parou de chorar meu paletó estava pingando.

Naquela época, eu já conhecia Azazel, o demônio de dois centímetros que, se não me engano, uma vez mencio... ora, amigo velho, não é preciso murmurar ad nauseam com esse ar superior. Qualquer pessoa que escreve como você devia pensar duas vezes antes de falar de náusea.

Como eu ia dizendo, decidi chamar Azazel.

Azazel estava dormindo quando chegou. A pequena cabeça estava coberta por um saco verde e apenas o som abafado de um ronco indicava que ainda estava vivo. Isso e o fato de que de vez era quando sua pequena cauda balançava para um lado e para outro.

Esperei alguns minutos para ver se ele acordava naturalmente. Quando isso não aconteceu, removi com cuidado o saco com o auxílio de uma pinça. Seus olhos se abriram devagar e se focalizaram na minha pessoa, ocasião em que deu um pulo.

— Por um raro momento pensei que estava tendo um pesadelo — explicou.

Ignorei o comentário e disse: — Preciso de um favor seu.

— É claro — resmungou Azazel, de cara feia. — Você jamais me chamaria para me oferecer um favor.

— Chamaria, sim — disse eu, em tom submisso. — Infelizmente, porém, um ser insignificante como eu pouco tem para oferecer a uma criatura poderosa como você.

— Isso é verdade — concordou Azazel.

É revoltante a forma como algumas pessoas reagem a lisonjas. Já vi você, por exemplo, babar na gravata quando alguém lhe pede ura autógrafo. Mas como eu ia dizendo...

— Que quer que eu faça? — perguntou Azazel.

— Quero que torne bonita uma amiga minha. Azazel estremeceu.

— Isso eu não sei se posso fazer. Os padrões de beleza da sua espécie são atrozes.

— Mas são os únicos que temos. Eu lhe direi o que fazer.

— Você me dirá o que fazer? — gritou Azazel, furioso. — Você me dirá como estimular e modificar os folículos capilares, como fortalecer os músculos, como aumentar ou diminuir os ossos? Francamente!

— Não foi isso que eu quis dizer — expliquei, humildemente. — Os detalhes do processo são conhecidos apenas por seres superiores como você. Permita-me, entretanto, descrever os efeitos finais a serem conseguidos.

Azazel afinal concordou, e discutimos o assunto a fundo.

— Não se esqueça — observei — que os efeitos devem surgir gradualmente, em um período de no mínimo sessenta dias. Uma mudança muito rápida despertaria suspeitas.

— Quer que eu passe sessenta dias supervisionando, ajustando e corrigido minha obra? Pensa que meu tempo não tem valor algum?

— Ah, mas depois você poderá escrever um artigo e tanto para uma revista de biologia do seu mundo. Poucos colegas seus teriam a habilidade e a paciência para embarcar em um projeto destes. Você vai ficar famoso.

Azazel fez que sim com a cabeça, pensativo, — Sabe que não gosto de adulação, mas talvez você esteja certo. É meu dever servir de modelo e inspiração para outros membros da minha espécie. — Suspirou, com um som agudo, sibilante. — Pode ser trabalhoso, mas é o meu dever.

Eu também tinha um dever. Achei que devia permanecer nas vizinhanças durante a transformação de Maggie. Meu amigo turfista concordou em me hospedar em troca de informações a respeito dos prováveis ganhadores de certos páreos.

Todo dia eu arranjava uma desculpa para ver Maggie, e os resultados logo começaram a aparecer. O cabelo ficou mais macio e adquiriu uma leve ondulação e um brilho dourado.

Pouco a pouco, o maxilar se tornou menos proeminente, os ossos da face mais delicados. Os olhos, de cinza que eram, ficaram azuis. O azul foi ficando cada vez mais profundo, até ser quase violeta. As pálpebras adquiriram um leve toque oriental. As orelhas ficaram mais bem torneadas. O corpo de Maggie adquiriu formas mais opulentas e sua cintura se estreitou.

As pessoas ficaram surpresas.

— Maggie — diziam —, que foi que você fez? Seu cabelo está simplesmente maravilhoso. Você parece dez anos mais moça.

— Não fiz nada — respondia Maggie. Estava tão espantada quanto todo mundo. Exceto eu, naturalmente.

— Notou alguma mudança em mim, tio George? — perguntou ela.

— Você está ótima, mas sempre achei você ótima, Maggie.

— Pode ser, mas nunca me achei tão bem como ultima-mente. Não compreendo. Ontem um rapaz fez meia-volta para olhar para mim. Eles sempre apressavam os passos e escondiam os olhos. Mas esse piscou para mim! Fiquei tão surpresa que sorri para ele.

Algumas semanas depois, encontrei o marido dela, Octavius, em um restaurante, enquanto examinava o cardápio na porta. Como ele estava chegando para almoçar, foi questão de um momento convidar-me para lhe fazer companhia e questão de outro momento eu aceitar.

— Você parece triste, Octavius.

— Eu estou triste. Não sei o que deu na Maggie ultima-mente. Parece tão distraída que nem repara que eu existo. Vive saindo com outras pessoas. E ontem... — Seu rosto assumiu uma expressão de miséria tão profunda que quase qualquer um se sentiria envergonhado de rir.

— Ontem? Que aconteceu ontem?

— Ontem ela me pediu para chamá-la de Melisande. Não posso chamar Maggie de um nome ridículo como Melisande.

— Por que não? É o nome de batismo dela, não é?

— Mas ela é a minha Maggie!

— Ora, minha sobrinha mudou um pouco. Não reparou que está ficando mais bonita?

— Reparei — concordou Octavius, de cara feia.

— Isso não é bom?

— Não. Quero a Maggie de antes. Esta nova Melisande está sempre ajeitando o cabelo, experimentando novos tons de sombra de olho, provando vestidos novos e sutiãs maiores, e não tem tempo para mim.

O almoço terminou em um silêncio constrangedor. Achei que era melhor ter uma boa conversa com Maggie.

— Maggie — comecei.

— Chame-me de Melisande, por favor.

— Melisande, parece que Octavius está infeliz.

— Eu também! Octavius é um chato. Não quer sair de casa. Não quer fazer nada. Implica com as minhas roupas, com a minha maquilagem. Quem ele pensa que é?

— Você costumava dizer que ele era um rei.

— Isso mostra como eu era boba. Ele é um sujeitinho feio e sem graça. Tenho vergonha de ser vista com ele.

— Você queria ser bonita para agradá-lo.

— Que quer dizer com queria ser bonita? Eu sou bonita. Sempre fui bonita. Era só uma questão de encontrar um penteado que combinasse com a forma do meu rosto e aprender a me maquilar direito. Estou farta de Octavius.

Ela estava falando sério. Seis meses depois, ela e Octavius tinham se divorciado e em outros seis meses, Maggie (ou Mehsande) estava casada com um homem de boa aparência, mas de caráter duvidoso. Uma vez jantei com ele e levou tanto tempo para pegar a conta que pensei que fosse ter de pagá-la.

Encontrei-me com Octavius um ano depois do divórcio. Ele, naturalmente, não tinha se casado de novo, pois continuava esquisito como sempre e o leite ainda talhava na sua presença. Estávamos sentados no apartamento dele, que estava cheio de fotografias de Maggie, a velha Maggie, cada uma mais apavorante do que a outra.

— Você ainda deve estar sentindo falta dela, Octavius.

— Demais! Só me resta rezar para que esteja feliz.

— Ouvi dizer que não está. Quem sabe ela volta para você?

Octavius sacudiu a cabeça tristemente.

— Maggie jamais voltará para mim. Uma mulher chamada Melisande pode me procurar, mas eu jamais a aceitaria. Ela não é Maggie, a minha adorada Maggie.

— Mehsande é mais bonita do que Maggie.

Ele ficou muito tempo olhando para mim.

— Aos olhos de quem? — perguntou. — Certamente, não aos meus.

Nunca mais tornei a vê-los.

Fiquei sentado por um momento em silêncio, e depois disse:

— Você me surpreendeu, George. Estou realmente comovido.

Não devia ter dito isso. George me disse:

— Isso me faz lembrar uma coisa, amigo velho. Pode me emprestar cinco dólares por uma semana? Dez dias, no máximo?

Peguei uma nota de cinco dólares, hesitei e depois disse:

— Tome! A história valeu. É um presente. É toda sua.

(Por que não? George nunca paga mesmo o dinheiro que pede emprestado...)

George tomou a nota sem comentários e guardou-a na sua carteira surrada. (Já devia estar bastante gasta quando a comprou, porque ele nunca a usa.) Ele disse:

— Voltando ao assunto. Pode me emprestar cinco dólares por uma semana? Dez dias, no máximo?

— Mas você já tem cinco dólares! — protestei.

— O dinheiro é meu — disse George —, e você não tem nada com isso. Por acaso fico falando do estado das suas finanças quando você me pede dinheiro emprestado?

— Mas eu nunca... — eu ia começando, mas suspirei e dei-lhe mais cinco dólares.

Mais Coisas no Céu e na Terra

George tinha estado estranhamente quieto durante o jantar e nem mesmo se dera o trabalho de me interromper quando resolvi contar-lhe algumas das muitas frases de efeito que eu escrevera nos últimos dias. Um leve sorriso para a minha melhor frase foi o máximo que consegui extrair dele.

Depois, quando estávamos na sobremesa (torta de blue-berry à Ia mode), arrancou um suspiro do fundo do abdome, brindando-me com uma reprise não inteiramente desejada dos camarões fritos que havia comido no início da refeição.

— Que houve, George? — perguntei. — Você parece preocupado com alguma coisa.

— Você sempre me surpreende com esta sensibilidade inusitada. Geralmente está preocupado demais com os seus prosaicos problemas de escritor para observar o sofrimento do próximo.

— Pode ser, mas já que observei desta vez, não vamos desperdiçar o esforço que me custou.

— Eu só estava pensando em um velho amigo meu. Pobre-diabo. O nome dele era Vissarion Johnson. Acho que nunca ouviu falar dele.

— Tenho certeza de que não.

— Bem, assim é a fama, embora não seja nenhuma desgraça não ser reconhecido por uma pessoa com uma visão tão limitada como você. Acontece que Vissarion era um economista famoso.

— Deve estar brincando. Como pôde travar amizade com um economista? Seria muita degradação, mesmo para você.

— Degradação? Vissarion Johnson era um homem muito culto.

— Não duvido. O que questiono é a integridade da profissão. Dizem que o presidente Reagan estava preocupado com o orçamento federal e, ao tentar equilibrá-lo, perguntou a um físico: "Quanto é dois mais dois?" O físico respondeu, sem pestanejar: "Quatro, Sr. Presidente."

"Reagan analisou a resposta por um momento, fazendo uso dos dedos, e não ficou inteiramente satisfeito. Por isso, perguntou a um estatístico: "Quanto é dois

mais dois?" O estatístico pensou um pouco e respondeu: "De acordo com a última pesquisa de opinião pública, Sr. Presidente, a média das respostas está muito próxima de quatro."

"Mas o assunto era o orçamento federal, de modo que Reagan achou melhor consultar um entendido no assunto. Por isso, perguntou a um economista; "Quanto é dois mais dois?" O economista fechou a cortina, olhou rapidamente para um lado e para o outro e sussurrou: "Quanto o senhor quer que seja, Sr. Presidente?"

George não demonstrou ter achado nenhuma graça na história. Limitou-se a dizer; — Você não entende nada de economia, amigo velho.

— Os economistas também não, George.

— Então deixe-me contar-lhe a triste história do meu bom amigo, o economista Vissarion Johnson. Isso aconteceu faz alguns anos.

Vissarion Johnson, como eu já lhe contei [disse George], era um dos maiores economistas deste país. Estudara no Massachusetts Institute of Technology, onde aprendera a escrever as equações mais complicadas sem uma única tremida no giz.

Depois de se formar, dedicou-se imediatamente à profissão, e, graças aos fundos colocados à sua disposição por alguns clientes, aprendeu muita coisa sobre a importância do acaso nas flutuações diárias da bolsa de valores. Era tão habilidoso que alguns dos seus clientes praticamente não perderam nenhum dinheiro.

Em várias ocasiões, teve a ousadia de prever que no dia seguinte a bolsa iria operar em alta ou em baixa, dependendo de se a atmosfera fosse favorável ou desfavorável, respectivamente, e em todos os casos o mercado se comportou exatamente como ele havia previsto.

Naturalmente, triunfes como esses o tornaram famoso como o Chacal de Wall Street, e seus conselhos eram procurados por muitos dos mais famosos praticantes da arte de ganhar dinheiro fácil.

Entretanto, ele estava com os olhos voltados para algo muito maior do que o mercado de ações, algo maior do que o mundo dos negócios, algo ainda maior do que a capacidade de prever o futuro. O que ele queria era nada menos do que o cargo de economista-chefe dos Estados Unidos, ou, como este funcionário é mais conhecido, "assessor econômico do presidente".

Você, com seus interesses limitados, provavelmente não conhece a posição extremamente delicada do economista-chefe. O presidente dos Estados Unidos precisa tomar as decisões que determinam a interferência do governo na economia e nos negócios. Ele precisa controlar a oferta de dinheiro e os bancos. Precisa propor ou vetar medidas que afetem a agricultura, o comércio e a indústria. Precisa decidir para onde irá o dinheiro dos impostos, determinando qual a parcela destinada às Forças Armadas e se vai sobrar alguma verba para outras atividades. E ele faz tudo isso baseado principalmente nas recomendações do economista-chefe.

Quando o presidente se volta para ele, o economista-chefe deve decidir instantaneamente e sem erro o que o presidente deseja ouvir, e deve acompanhar essa exposição com palavras demagógicas que o presidente possa repetir para o público americano. Quando você me contou a história do presidente, o físico, o estatístico e o economista, amigo velho, pensei por um momento que compreendesse a natureza delicada do trabalho de um economista, mas a gargalhada totalmente imprópria com que encerrou o relato mostrou claramente que não havia entendido a moral da fábula.

Quando Vissarion fez quarenta anos, já possuía as qualificações necessárias para ocupar qualquer cargo, por mais elevado que fosse. Corria nos bastidores do Instituto de Economia Governamental que nos últimos sete anos Vissarion Johnson não havia dito uma única vez a alguém alguma coisa que ele ou ela não quisesse ouvir. Além do mais, tinha sido eleito por unanimidade para o círculo seleto do CRD.

Você, que não conhece nada além do seu processador de texto, provavelmente nunca ouviu falar do CRD, que são as iniciais de Clube de Retornos Decrescentes. Para dizer a verdade, poucas pessoas ouviram falar desse clube. Mesmo entre os economistas do segundo escalão existem muitos que não conhecem o CRD. Seus membros pertencem ao pequeno e exclusivo grupo de economistas que dominam o sofisticado reino da economia taumatúrgica, ou, como disse uma vez um político no seu jeito simples e direto, da "economia do vodu".

Era fato bem conhecido que ninguém que não pertencesse ao CRD podia ocupar postos de destaque no governo federal. Assim, quando o presidente do CRD faleceu inesperadamente e uma comissão do clube procurou Vissarion para oferecer-lhe a posição, o coração de Vissarion exultou. Como presidente do clube, certamente seria nomeado economista-chefe na primeira oportunidade, e estaria bem próximo da fonte do poder, movendo a própria mão do presidente exatamente na direção em que o presidente quisesse que ela se movesse.

Uma questão, porém, preocupava Vissarion e o deixava em um dilema terrível. Sabia que precisava de alguém com a cabeça no lugar e uma inteligência aguçada, e decidiu imediatamente me procurar, como faria qualquer pessoa de bom senso.

— George — disse ele —, a presidência do CRD representa a concretização dos meus desejos mais recônditos e dos meus sonhos mais desejados. É a porta aberta para um futuro glorioso de servilismo econômico, no qual eu talvez consiga superar até mesmo o confirmador oficial de todos os palpites do presidente: o cientista-chefe dos Estados Unidos.

— Você quer dizer o assessor científico do presidente.

— Se você quer ser informal, sim. Depois de ser eleito presidente do CRD, levarei menos de dois anos para ser convidado para ocupar o cargo de economista-chefe. Só que...

— Só que...? — repeti.

Vissarion pareceu reunir forças para prosseguir.

— É melhor começar do começo. O Clube dos Retornos Decrescentes foi fundado há sessenta e dois anos. O nome foi escolhido porque a Lei dos Retornos Decrescentes é uma lei de que todos os economistas já ouviram falar. O primeiro presidente, uma figura muito querida que previu em novembro de 1929 que o mercado acionário passaria por uma séria queda, foi reeleito ano após ano e continuou a ser presidente durante trinta e dois anos, morrendo com a idade respeitável de noventa e seis.

— Uma atitude louvável — disse eu. — Tantas pessoas desistem cedo demais, quando é preciso apenas fibra e determinação para agüentar até os noventa e seis ou mesmo além.

— Nosso segundo presidente também se saiu a contento, mantendo-se no cargo por dezesseis anos. Foi o único que não se tornou economista-chefe. Tinha todas as qualificações para o posto e foi indicado por Thomas E. Dewey, um dia antes da eleição, mas infelizmente... Nosso terceiro presidente morreu depois de se manter no cargo durante oito anos, e o quarto morreu depois de ser presidente por quatro anos. Nosso último presidente, que morreu no mês passado, foi o quinto da lista e ocupou o posto por dois anos apenas. Você vê alguma coisa estranha em tudo isto, George?

— Estranha? Todos eles morreram de causas naturais?

— É claro.

— Bem, considerando o posto que ocupavam, isto é estranho.

— Bobagem — disse Vissarion, com uma certa irritação.

— Vou chamar sua atenção para o tempo que os sucessivos presidentes passaram no posto: trinta e dois anos, dezesseis, oito, quatro e dois.

Pensei um pouco.

— Parece que o tempo está diminuindo.

— Não é só isso. Cada período de tempo é exatamente metade do anterior. Acredite em mim. Pedi a um físico para conferir.

— Sabe de uma coisa? Acho que você está certo. Alguém mais sabe disso?

— Naturalmente. Mostrei esses números aos meus colegas de clube e todos afirmam que a coincidência não é estatisticamente significativa, a menos que o presidente faça uma declaração a respeito. Mas você não entende o que isso quer dizer? Se eu aceitar o posto de presidente, morrerei daqui a um ano. Nesse caso, o presidente encontrará sérias dificuldades a fim de me nomear para o cargo de economista-chefe.

— É, Vissarion, você está com um problema. Conheci muitos funcionários do governo que não mostravam qualquer sinal de vida, mas nenhum que estivesse realmente morto. Dê-me um dia para pensar no assunto, está bem?

Marcamos um encontro para o dia seguinte, na mesma hora e local. Afinal de contas, era um excelente restaurante, e, ao contrário de você, amigo velho, Vissarion não relutava para pagar um mísero pedaço de pão para mim. Está bem, está bem, ele também não relutava para pagar um mísero camarão frito para mim.

Era obviamente um caso para Azazel, de modo que não hesitei em chamar meu pequeno demônio de dois centímetros de altura para nos auxiliar com seus poderes extraterrenos.

Afinal de contas, não só Vissarion era um homem generoso, com extremo bom gosto em matéria de restaurantes, mas eu achava sinceramente que poderia prestar excelentes serviços à nação assegurando ao presidente que o chefe da nação estava certo, mesmo que técnicos competentes afirmassem o oposto. Afinal, quem tinha sido eleito pelo povo?

Azazel não ficou nada satisfeito por ter sido chamado. No momento em que me viu, jogou no chão o que segurava. Os objetos eram pequenos demais para que eu pudesse vê-los com clareza, mas pareciam retângulos de papelão colorido.

— Droga! — exclamou, com uma expressão de raiva na pequena cara. A cauda balançava de um lado para o outro, e os pequenos chifres vibravam sob a impacto de forte emoção.

“Você percebe, seu verme desprezível, que eu finalmente tinha nas mãos um zotchil; e não só um zotchil, mas um zotchil com um cumin real e um par de reils para completar? Eles todos pagaram a minha aposta, e eu não podia perder. Ganharia no mínimo meio bletchke!

— Não sei se entendi bem — disse eu, com severidade —, mas parece que você estava jogando a dinheiro. Isso é uma coisa refinada e civilizada para fazer? O que a sua pobre mãe diria se soubesse que está gastando seu tempo jogando cora um grupo de desocupados?

Azazel pareceu surpreso. Pensou um pouco e depois murmurou:

— Tem toda a razão. Minhas mães ficariam desoladas. Todas três. Especialmente minha mãe do meio, que tanto se sacrificou por raim. — E começou a soluçar em falsete. Era horrível de se ouvir.

— Calma, calma — disse eu, tentando fazê-lo parar. Estava com vontade de tapar os ouvidos com as mãos, mas achei que ficaria ofendido. — Pode compensar isso fazendo uma boa ação aqui na Terra.

Contei-lhe a história de Vissarion Johnson.

— Hum mm... — fez Azazel.

— Que significa isso? — perguntei, ansioso.

— Significa “hummm” — respondeu Azazel. — Que mais poderia significar?

— Está bem, mas não acha que tudo não passa de coincidência e Vissarion não tem razão para se preocupar?

— Talvez... se não fosse pelo fato de que não é coincidência e Vissarion tem toda razão de estar preocupado. Na verdade, só pode ser o efeito de uma lei natural?

— Como pode ser uma lei natural?

— Você acha que conhece todas as leis naturais?

— Não.

— Claro que não! Nosso grande poeta, Cheefpreest, escreveu um verso que, com o meu grande talento, vou traduzir para a sua deplorável língua. — Azazel pigarreou, pensou por um momento e declamou:

Toda a natureza não passa de arte, sem que você saiba; Apenas chance, direção, que você não pode ver.

— Que significa isso? — perguntei, desconfiado.

— Significa que estamos diante de uma lei da natureza e temos de descobrir qual é e como pode ser usada para modificar os acontecimentos de acordo com os nossos desejos. É isso que significa. Acha que um grande poeta do meu povo diria uma inverdade?

— Nesse caso, você pode fazer alguma coisa?

— Talvez. Existem muitas leis naturais, você sabe.

— Existem?

— Oh, sim. Há até mesmo uma pequena e simpática lei natural (representada por uma equação particularmente bela quando expressa em termos de tensores de Weinbaumian) que relaciona a temperatura da sopa ao tempo de que você dispõe para terminá-la. Talvez, se esta redução progressiva do mandato dos presidentes for governada pela lei que desconfio que a governa, eu possa alterar o corpo do seu amigo de forma a torná-lo imune a todos os perigos deste planeta. Ele não estará protegido contra as doenças degenerativas, é claro. A intervenção que tenho em mente não o tornará imortal, mas pelo menos não poderá morrer de infecção ou por acidente. Isso seria satisfatório, imagino.

— Plenamente satisfatório. Mas quando vai acontecer?

— Não posso dizer com certeza. Tenho andado muito ocupado ultimamente com uma jovem de minha espécie que se apaixonou perdidamente por mim. — Ele bocejou, enrolando por um momento a língua bipartida. — Primeiro vou colocar o sono em dia, mas em dois ou três dias o trabalho estará pronto.

— Está bem, mas como vou saber que você fez o serviço?

— Isso é fácil. Espere alguns dias e depois jogue o seu amigo debaixo de um caminhão em movimento. Se ele escapar ileso, é porque as modificações que introduzi já estão em ação. Agora, se não se incomoda, vou terminar esta mão,

lembrar-me da minha pobre mãe do meio e pedir licença para sair do jogo. Levando o dinheiro que ganhei, é claro.

Não pense que não tive trabalho para convencer Vissarion de que estava perfeitamente seguro.

— Estou imune a todos os perigos deste planeta? Como pode saber disso? — perguntou.

— Isso não importa. Escute, Vissarion, eu questiono seus conhecimentos especializados? Quando você me diz que as taxas de juros vão cair, eu pergunto como é que você sabe?

— Nisso você tem razão, mas quando eu digo que os juros vão cair e na verdade eles sobem (o que só acontece, em média, cinqüenta por cento das vezes), o pior que pode acontecer é você sofrer um prejuízo. Se, por outro lado, eu aceitar a presidência supondo que nada vai me acontecer e alguma coisa me acontecer, eu posso até morrer]

Não se pode argumentar com a lógica, mas mesmo assim continuei argumentando. Afinal, consegui convencê-lo a peto menos adiar a decisão por alguns dias, em vez de simplesmente recusar o posto.

— Eles não vão concordar com um adiamento — disse ele. Acontece, porém, que era feriado da Sexta-feira Santa, e o CRD fechou para os tradicionais três dias de luto e orações pelos mortos. O adiamento portanto foi automático, o que Vissarion considerou como um indicio de que talvez a sorte estivesse do seu lado.

Três dias depois, terminado o período de recolhimento, nós dois estávamos atravessando uma rua movimentada. Não me lembro direito como aconteceu, mas me abaixei para amarrar o sapato, perdi o equilíbrio e esbarrei em Vissarion. Ele caiu na frente dos carros. Houve um chiar de freios e um cantar de pneus, e três veículos se chocaram.

Vissarion não escapou totalmente ileso. Estava com o cabelo despenteado, os óculos fora do lugar e tinha uma mancha de óleo na perna da calça, à altura do joelho.

Entretanto, ele nem reparou nisso. Olhou para os escombros e exclamou, de olhos arregalados:

— Eles nem encostaram em mim! Meu Deus, eles nem encostaram em mim!

No dia seguinte, foi pego pela chuva sem capa, galochas ou guarda-chuva. Uma

chuva gelada, inclemente. E não se resfriou no ato. Chegando em casa, telefonou para o clube, sem nem mesmo se dar o trabalho de enxugar o cabelo, e aceitou a presidência.

Meu amigo teve um mandato tranqüilo. Logo de saída, quintupliou as comissões, sem dar ouvidos aos protestos dos clientes, que exigiam um melhor índice de acertos para os seus prognósticos. Afinal de contas, não se pode querer demais. Se alguém tem a honra de ser servido por um dos corretores mais famosos do país, será justo esperar que, além disso, ele escolha sempre os melhores investimentos?

Além do mais, Vissarion estava levando uma boa vida. Nada de resfriados. Nada de acidentes. Atravessava as ruas com impunidade, ignorando os sinais quando estava com pressa, e mesmo assim raramente provocava desastres. Não tinha medo de entrar nos parques à noite. Certo dia, um assaltante encostou uma faca no seu peito e sugeriu uma transferência de fundos. Vissarion simplesmente deu um chute na virilha do jovem investidor e foi andando. O bandido ficou tão preocupado com os efeitos do pontapé que se esqueceu de renovar a aplicação.

No dia do primeiro aniversário de sua eleição para a presidência, encontrei-me com ele no parque. Ele estava a caminho do almoço comemorativo da ocasião. Era um lindo dia de outono e, ao nos sentarmos no banco do parque, lado a lado, sentíamo-nos perfeitamente felizes e em paz com o mundo.

— George, eu tive um ano excelente — disse ele.

— Fico muito satisfeito em ouvir isso.

— Hoje sou o economista de maior prestígio no pais. Mês passado, quando eu disse que a Siderúrgica Aurora se uniria à Fundição Primavera e ela se fundiu à União Primavera, todos ficaram maravilhados com a precisão quase matemática das minhas previsões.

— Eu me lembro.

— E agora, quero que seja o primeiro a saber...

— Sim, Vissarion?

— O presidente me convidou para ser o economista-chefe dos Estados Unidos. Estou prestes a realizar o maior dos meus anseios. Veja isto.

Estendeu-me um envelope de luxo, com as palavras “Casa Branca” impressas em alto-relevo. No momento em que eu ia examinar o conteúdo do envelope,

ouvi um zumbido, como se uma bala tivesse passado perto da minha orelha, e vi um estranho clarão com o canto do olho.

Vissarion estava estirado no banco, morto, com uma mancha de sangue no peito da camisa. Alguns passantes correram em nossa direção; outros começaram a gritar.

— Chamem um médico! — berrei. — Chamem a policia!

Mais tarde, a polícia afirmou que meu amigo tinha sido alvejado no coração por uma arma de calibre desconhecido, disparada por um psicopata. Eles jamais conseguiram encontrar o assassino, ou mesmo a bala fatal. Felizmente, havia testemunhas dispostas a jurar que eu estava segurando uma carta no momento da tragédia; caso contrário provavelmente teria passado maus pedaços.

Pobre Vissarion! Tinha sido presidente exatamente por um ano, como temia, mas a culpa não era de Azazel. Ele afirmara que Vissarion estava imune a todos os perigos deste planeta, mas, como disse Hamlet, "Existem mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que existem apenas na terra".

Antes de chegarem os médicos e a polícia, eu tinha visto um pequeno furo no encosto do banco, bem atrás de onde estivera sentado o meu amigo.

Usei um canivete para arrancar o objeto encravado na madeira. Ainda estava quente. Meses depois, mandei examiná-lo discretamente em um museu. Eu estava certo. Era um meteorito.

Estava claro, portanto, que Vissarion tinha sido morto por um objeto de fora da Terra. Tratava-se, provavelmente, da primeira pessoa na história a ser vitimada por um meteorito. Não contei isso a ninguém, é claro, pois Vissarion era um homem discreto, que detestaria atingir a notoriedade dessa forma. Sei que ele gostaria de ser lembrado por suas contribuições para a ciência da economia, e não haver morrido de forma tão insólita.

Entretanto, a cada aniversário de sua eleição e de sua morte, como hoje, não posso deixar de pensar: pobre Vissarion! Pobre Vissarion!

— Ah, é? E como foi que eles fizeram isso?

— Ocorreu-lhe que o nome do clube, CRD, ou Clube de Retornos Decrescentes, estava afetando a duração do mandato dos presidentes. Assim, eles inverteram as iniciais para CDR.

— Que significa CDR?

— Clube da Distribuição Randômica, é claro. O presidente atual está no cargo há mais de dez anos e ainda goza de perfeita saúde.

Quando o garçom voltou com o meu troco, George pegou-o com o lenço, guardou o lenço e as notas no bolso do paletó com um floreio, levantou-se e foi embora, despedindo-se de mim com um aceno jovial.

George enxugou os olhos com o lenço, e eu perguntei:

— Que aconteceu com o presidente seguinte? Deve ter morrido depois de seis meses. E o presidente que o sucedeu...

— Não precisa ficar exibindo seus conhecimentos de matemática superior para mim, amigo velho. Não sou um dos seus pobres leitores. Nada do que você está pensando aconteceu. A ironia está no fato de que o próprio clube se encarregou de mudar a lei da natureza.

A Obra da Mente

Naquela manhã, eu estava com inclinações filosóficas. Sacudindo a cabeça em triste reminiscência, declarei:

— Não existe arte que ensine a ler no rosto as feições da alma. Era um fidalgo em quem depositava absoluta confiança.

Era uma manhã de domingo e fazia muito frio. George e eu estávamos em uma lanchonete. George, lembro-me bem, havia terminado seu segundo sanduíche. Ele disse:

— Tirou esse pensamento de uma das histórias que costuma submeter aos editores menos exigentes?

— Não, tirei de Shakespeare — expliquei. — É um trecho de Macbeth.

— Ah, eu tinha esquecido que você é um plagiador barato.

— Não é plágio quando a gente reconhece a fonte. O que estava dizendo é que tinha um amigo que sempre considerei como uma pessoa agradável e de gosto apurado. Às vezes jantávamos juntos, e eu pagava a conta. Uma vez ou duas, emprestei-lhe dinheiro. Sempre elogiei a sua aparência e o seu caráter. E fazia isso de forma totalmente desinteressada, sem levar em conta absolutamente o fato de que era resenhista profissional... se é que se pode chamar isso de profissão.

— E apesar disso, quando chegou a hora de comentar um dos seus livros, seu amigo disse que era uma porcaria.

— Você leu a resenha?

— Nada disso. Simplesmente perguntei a mim mesmo que tipo de comentário um livro escrito por você seria capaz de suscitar, e a resposta surgiu diante dos meus olhos.

— Não me importei quando ele disse que o livro não prestava, George (pelo menos, não mais do que qualquer outro escritor se importaria diante de uma afirmação tão distante dos fatos), mas quando passou a usar expressões como "demência senil", achei que tinha ido longe demais. Afirmar que o livro tinha sido escrito para crianças de oito anos, mas que elas se divertiriam mais jogando o jogo-da-velha foi um golpe baixo, não acha? — Suspirei e repeti: — Não existe arte...

— Você já disse isso — interrompeu George.

— Ele parecia tão simpático, tão solidário, tão grato pelos pequenos favores que eu lhe prestava. Como poderia eu saber que havia uma alma negra por trás dessa fachada?

— Mas ele era um crítico — argumentou George. — Que mais você poderia esperar de um crítico. Eles treinam para o cargo difamando a própria mãe. É incrível que você tenha se deixado enganar de forma tão ridícula. Você é pior do que o meu amigo Vandevanter Robínson, e ele, como você logo vai ficar sabendo, foi indicado uma vez para o prêmio Nobel de Ingenuidade. A história dele é muito curiosa...

— Hoje não, por favor. A resenha saiu no New York Review of Books... cinco colunas de veneno destilado. Não estou com disposição para ouvir outra de suas histórias.

Mesmo assim, eu vou lhe contar [disse George]. Servira para tirar sua cabeça dessas preocupações mesquinhas.

Meu amigo Vandevanter Robínson era um rapaz que todos consideravam muito promissor. Era bem-apessoado, culto, inteligente e criativo. Freqüentara as melhores escolas e estava apaixonado por Minerva Shlump, uma jovem de rara beleza.

Minerva era uma das minhas afilhadas e tinha uma profunda afeição por mim, como era de se esperar. Uma pessoa com a minha fibra moral normalmente não permite que mocinhas fisicamente bem-dotadas o abracem com força e se sentem no seu colo, mas havia algo tão cativante em Minerva, tão inocentemente infantil, e, acima de tudo, tão macio, que decidi abrir uma exceção.

Naturalmente, jamais permitia tais demonstrações de afeto na presença de Vandevanter, que tinha um ciúme irracional da amada.

Uma vez, ele me explicou esta sua fraqueza em termos que me tocaram o coração.

— George — disse —, desde a infância que sonho em apaixonar-me por uma jovem de virtude superlativa, de pureza intocada, inocente como (se me perdoa a expressão) uma boneca de porcelana. Em Minerva Shlump, se meus lábios são dignos de pronunciar seu nome divino, encontrei essa mulher. É o único caso em que tenho certeza de que jamais poderei ser enganado. Se um dia descobrir que ela abusou da minha confiança, não terei mais razões para continuar a viver. Estarei condenado a terminar os meus dias como um velho amargo, sem

nenhum consolo na vida a não ser minha mansão, meus criados, meu clube e a fortuna que herdei dos meus pais.

Pobre sujeito. Não se equivocara ao escolher a jovem Minerva, como eu bem sabia, pois quando se remexia satisfeita no meu colo podia perceber que era totalmente desprovida de malícia. Entretanto, era a única coisa na vida (pessoa, coisa ou idéia) que Vandevanter avaliara corretamente. Pois o pobre rapaz simplesmente não possuía nenhum senso critico. Era, sem nenhum favor, tão desprovido de visão quanto você. Não dominava a arte de... sim, eu sei que você já disse isso. Sim, sim, você disse duas vezes.

Como Vandevanter era detetive da polícia de Nova York, isso tornava as coisas particularmente difíceis.

A ambição de sua vida (além de encontrar a donzela perfeita) tinha sido trabalhar como detetive, ser um daqueles indivíduos de olhos de lince e nariz de gavião que constituem o terror dos malfeitores em toda parte. Com esse objetivo em mente, formara-se em criminologia em Groton e em Harvard, e lia regularmente os artigos científicos escritos pelos grandes mestres, como Arthur Conan Doyle e Agatha Christie. Tudo isso, combinado com o uso infatigável da influência da família e o fato de que um tio seu era presidente do distrito administrativo de Queens, resultará na sua nomeação para a força policial.

Infelizmente, e para surpresa geral, ele não se revelou um sucesso como detetive. Insuperável em sua capacidade de tecer uma cadeia inexorável de deduções lógicas enquanto sentado em uma cadeira de braços, fazendo uso de provas colhidas por outras pessoas, mostrou-se totalmente incapaz de recolher as provas pessoalmente.

O problema era que acreditava piamente em tudo que lhe contavam. Qualquer álibi, por mais esfarrapado que fosse, deixava-o sem ação. Era só um perjuro notório dar a palavra de honra, e Vandevanter não se atrevia a duvidar dele.

Aquilo se tornou tão conhecido que todos os criminosos, desde os pivetes de rua até os políticos e industriais, passaram a exigir que Vandevanter fosse escalado para interrogá-los.

— Quero falar com Vandevanter — pediam.

— Só confesso se for para Vandevanter — declaravam.

— Posso colocar Vandevanter a par de todos os fatos, cuidadosamente arrumados em ordem alfabética no dossiê que preparei — afirmava o político.

— Explicarei a Vandevanter que aquele cheque do governo, no valor de cem milhões de dólares, estava esquecido na gaveta, e eu precisava de uma gorjeta para o engraxate — dizia o industrial.

A conseqüência era que quem conseguia entrar em contato com Vandevanter não ia nem a julgamento. Ele tinha o toque de impunidade, para usar a expressão criada por um amigo meu que é literato. (Claro que você não se lembra de a ter inventado. Não estou falando de você. Acha que seria louco de chamá-lo de "literato"?)

Com o passar dos meses, o trabalho dos tribunais diminuiu e um número imenso de ladrões, assaltantes e contraventores foi restituído ao seio de suas famílias sem a menor mancha em suas reputações.

Naturalmente, a polícia não levou muito tempo para perceber o que estava acontecendo e quem era o responsável. Vandevanter estava no posto havia apenas dois anos e meio quando percebeu que os colegas não o tratavam com a mesma camaradagem de antes, e os superiores olhavam para ele de cenho franzido. Ninguém falava mais em promoção, mesmo quando Vandevanter mencionava o tio que era presidente do distrito administrativo.

Ele foi me procurar, como os jovens em dificuldades costumam fazer, à procura da sabedoria de um cidadão do mundo. (Não sei o que quer dizer, amigo velho, me perguntando qual foi a pessoa que eu indiquei. Por favor, não me inter-rompa com bobagens.)

— Tio George — disse ele —, acho que estou com um problema. (Ele costumava me chamar de tio George, acho que impressionado pela dignidade e nobreza dos meus cabelos grisalhos, tão diferentes das suas costeletas hirsutas.)

"Tio George, estou enfrentando sérias dificuldades para conseguir uma promoção. Continuo até hoje como detetive júnior. Meu escritório fica no meio do corredor e minha chave do banheiro não funciona. Eu por mim não me importaria, o senhor entende, mas minha querida Minerva, em sua ingenuidade, acha que isso pode significar que sou um fracassado e não quer nem pensar nessa possibilidade. "Jamais me casaria com um fracassado", declarou, fazendo beicinho. "Não quero que as pessoas riam de mim."

— Sabe de alguma razão para que este problema esteja ocorrendo, meu rapaz? — perguntei.

— Para mim, é um grande mistério. Admito que ainda não resolvi nenhum caso, mas não acho que seja esse o problema. Afinal, ninguém é perfeito.

— Os outros detetives resolvem pelo menos alguns casos?

— Resolvem, sim, mas os métodos que usam me deixam chocado. Eles são extremamente desconfiados. Têm o hábito desagradável de olhar para um suspeito com ar superior e dizer; "Ah, é mesmo?", ou "Isso é o que você está dizendo!" Não está certo. É humilhante.

— É possível que às vezes o acusado esteja mentindo e mereça ser tratado com ceticismo?

Vandevanter pareceu surpreso. Pensou por um momento e depois disse:

— É, parece possível. Que idéia assustadora!

— Vou ver o que posso fazer por você — disse a ele, encerrando a conversa.

Naquela noite chamei Azazel, o demônio de dois centímetros que, vez ou outra, me ajuda cora seus poderes misteriosos. Não sei se já falei sobre ele com você... Ah, já falei?

Pois Azazel apareceu no pequeno círculo de marfim em torno do qual queimo incenso e recito" palavras mágicas sempre que preciso dele. Não me pergunte mais nada; os detalhes são secretos, por motivos que você pode imaginar.

Quando ele apareceu, estava usando uma veste comprida. Ou pelo menos parecia comprida, comparada com os dois centímetros que ele mede da base da cauda à ponta dos chifres. Estava com o braço direito levantado e falava com voz de soprano, balançando a cauda de um lado para outro.

Era evidente que eu o havia surpreendido no meio de alguma atividade. Ele é uma criatura que se preocupa com detalhes insignificantes. Quando eu o chamo, raramente está tranqüilamente em repouso. Não, está sempre empenhado em alguma tarefa de somenos importância e fica furioso por ter sido interrompido.

Desta vez, porém, ele sorriu e baixou o braço no momento em que me viu. Pelo menos, acho que sorriu, porque para mim é difícil distinguir-lhe as feições, por causa do tamanho. Uma vez, usei uma lente para observá-lo melhor, mas ele pareceu ficar ofendido.

— Não tem importância — disse, à guisa de cumprimento. — Estava mesmo precisando de um descanso. Já decorei o discurso e estou certo de que tudo vai dar certo.

— O que vai dar certo, ó Poderoso Ser? Se bem que nada que conte com a

participação de um ente tão esclarecido pode deixar de dar certo. (Ele parece ser muito sensível a lisonjas. Sob esse aspecto, se parece com você.)

— Estou concorrendo a um cargo público — disse, com satisfação. — Sou candidato a apanhador de grods.

— Perdão pela minha ignorância, mas poderia me informar o que é um grod?

— Ora, o grod é um animal doméstico muito popular no meu mundo. Alguns desses animais não têm licença. A missão do apanhador de grods é recolhê-los. Como os grods são criaturas pequenas, inteligentes e ariscas, é preciso muita habilidade para capturá-los. Existem pessoas que dizem, com ar de desdém: "Azazel jamais será eleito apanhador de grods"." Mas, eles vão ver uma coisa! Mas, mudando de assunto, que posso fazer por você?

Expliquei-lhe a situação, e Azazel pareceu surpreso.

— Quer dizer que neste mundo é impossível saber se uma pessoa está dizendo a verdade ou não?

— Nós temos um aparelho chamado "detector de mentiras" — expliquei. — Ele mede a pressão sangüínea, a condutividade elétrica da pele e outras coisas. Em certas circunstâncias, pode revelar se uma pessoa está mentindo. Entretanto, a tensão nervosa às vezes produz os mesmos sintomas em uma pessoa que está dizendo a verdade.

— É claro. Entretanto, em qualquer espécie racional, a mentira provoca a alteração de certas funções glandulares. Ou será que vocês não sabem disso?

Evitei responder à pergunta.

— Haveria alguma maneira de tornar o detetive Robinson capaz de detectar essa alteração?

— Sem usar nenhuma máquina? Apenas com o pensamento?

— Isso mesmo.

— Compreende que está me pedindo para ajustar a mente primitiva de um membro da sua espécie?

— Compreendo.

— Bem, pelo menos posso tentar. Você vai ter de me levar a ele ou trazê-lo a mim e permitir que eu o examine.

— Não há problema.

Uma semana depois, Vandevanter me procurou. Parecia preocupado.

— Tio George — começou —, uma coisa muito estranha aconteceu comigo. Eu estava interrogando um homem acusado de roubar uma loja de bebidas. Ele me contou que passava casualmente pela loja, pensando na pobre mãe, que estava com uma terrível dor de cabeça depois de consumir meia garrafa de gim, quando lhe ocorreu entrar e perguntar ao dono se a dor de cabeça tinha sido causada pelo gim. De repente, o dono da loja, sem nenhum motivo aparente, colocou uma arma na sua mão e começou a lhe entregar o conteúdo da caixa registradora, no momento exato em que um policial entrava na loja. O homem me disse que pretendia aceitar o dinheiro como compensação pela dor de cabeça que a mãe estava sofrendo. Foi então que tive a sensação de que ele estava mentindo.

— Verdade?

— Sim. Foi uma coisa muito estranha. — A voz de Vandevanter se reduziu a um sussurro. — Não apenas eu sabia que ele havia entrado na loja com a arma na mão, mas também que a mãe dele não estava com dor de cabeça. Imagine! Alguém mentir a respeito da própria mãe!

Com o prosseguimento das investigações, tinha ficado provado que o pressentimento de Vandevanter estava correto sob todos os aspectos. O homem havia mesmo mentido.

Daquele dia em diante, o instinto de Vandevanter foi ficando cada vez mais apurado.

Em um mês, ele se tornara um detector de mentiras ambulante.

Os colegas observavam, assombrados, enquanto suspeito após suspeito tentava em vão enganá-lo. A alegação de um acusado de que estava rezando no momento do roubo da caixa de donativos da igreja caiu por terra diante do interrogatório implacável de Vandevanter. O advogado que dizia ter investido por engano o dinheiro de um orfanato na reforma do seu escritório foi logo desmascarado. O contador que afirmava haver subtraído acidentalmente um número de telefone da linha rotulada “imposto a pagar” foi pego em contradição e forçado a confessar. Um traficante de drogas que, em suas próprias palavras, tinha apanhado um pacote de cinco quilos de heroína em uma lanchonete, pensando que fosse açúcar, viu-se encurralado pela lógica irrefutável do rapaz e admitiu conhecer o conteúdo do pacote.

O rapaz passou a ser chamado de Vandevanter, o Vitorioso. O comissário de polícia em pessoa, sob os aplausos de todo o corpo policial, entregou a Vandevanter uma chave do banheiro, além de transferir o seu escritório para uma extremidade do corredor.

Eu estava comemorando o sucesso de nossa pequena operação, certo de que não havia mais nenhum obstáculo ao casamento de Vandevanter com a adorável Minerva Shlump, quando Minerva em pessoa bateu à minha porta.

— Oh, tio George — murmurou fracamente, enquanto seu corpo esguio balançava de um lado para outro. Parecia a ponto de desmaiar. Amparei-a e apertei-a contra o meu corpo durante cinco ou seis minutos, enquanto decidia exatamente em que cadeira se sentiria mais confortável.

— Que aconteceu, meu bem? — perguntei, depois de arriar com cuidado o precioso fardo.

— Oh, tio George — repetiu, com os lindos olhos marejados de lágrimas —, é Vandevanter.

— Por acaso tentou se aproveitar de você?

— Oh, não, tio George. Ele é uma pessoa muito respeitadora. Aliás, eu lhe expliquei que os jovens às vezes estão sujeitos a impulsos irresistíveis de natureza hormonal e que estava preparada para perdoá-lo caso algo semelhante ocorresse com ele. Apesar disso, porém, jamais se portou de maneira inconveniente.

— Que foi, então, Minerva?

— Oh, tio George, ele rompeu nosso noivado.

— É inacreditável. Vocês foram feitos um para o outro. Por quê?

— Ele alega que eu... que eu faltei com a verdade.

— Chamou você de mentirosa?

— Não exatamente, mas dá no mesmo. Esta manhã, olhou para mim com aquele ar de veneração a que estou habituada e perguntou: “Minha querida, você sempre foi fiel ao seu amado?” Respondi, como sempre: “Sim, amor, sou tão fiel como o raio de sol para o sol, como a pétala de rosa para a rosa!” Nesse momento, porém, ele me olhou com a testa franzida e disse: “Acontece que suas palavras não correspondem à verdade dos fatos. Você está querendo me enganar!” Foi como se eu tivesse levado um soco. Disse a ele: “Vandevanter,

meu anjo, que está dizendo?" Ele respondeu: "O que você acabou de ouvir. Você me decepcionou. Não quero mais vê-la!" E foi embora. Oh, que vou fazer? Que vou fazer? Onde vou encontrar outro rapaz como ele?

— Vandevanter em geral sabe o que está dizendo... nas últimas semanas, não errou nenhuma vez. Você foi infiel?

Minerva enrubesceu levemente.

— Não exatamente.

— Como assim?

— Há alguns anos, quando eu era apenas uma criança de dezessete anos, beijei um rapaz. Segurei-o com força, admito, mas foi apenas para evitar que fugisse, e não por gostar dele.

— Compreendo.

— Não foi uma experiência muito agradável. Quando conheci Vandevanter, fiquei surpresa ao constatar que o seu beijo era muito mais gostoso que o daquele rapaz. Naturalmente, essa constatação me deixou muito satisfeita. Assim, durante todo o tempo que durou minha relação com Vandevanter, tenho beijado outros homens, para assegurar-me de que nenhum, absolutamente nenhum, se compara ao meu amado. E olhe, tio George, que lhes permiti experimentarem todas as variedades possíveis de beijo, para não falar de outras atividades correlatas. Mesmo assim, nenhum chegou aos pés de Vandevanter. E ele ainda alega que fui infiel!

— Que injustiça! — exclamei. — Minha filha, isso não pode ficar assim. — Beijei-a quatro ou cinco vezes e perguntei: — Veja, meus beijos não se comparam aos de Vandevanter, não é?

— Vamos ver — disse ela, beijando-me mais quatro ou cinco vezes com grande habilidade e ardor. — Claro que não — concluiu.

— Vou falar com ele — disse eu.

Naquela mesma noite, fui ao apartamento do rapaz. Ele estava sentado na sala de estar, carregando e descarregando um revólver.

— Está pensando em suicídio? — perguntei.

— Claro que não — respondeu, com uma gargalhada cínica. — Que motivo eu teria para me matar? A perda de alguém que nunca me disse a verdade? Estou

melhor sem ela, eu lhe asseguro.

— Você está cometendo uma injustiça. Minerva sempre foi fiel a você. Suas mãos, seus lábios e seu corpo nunca entraram em contato com as mãos, os lábios e o corpo de um homem que não fosse você.

— Sabe que isso é mentira.

— Estou lhe dizendo que é a mais pura verdade — insisti. — Tive uma conversa séria com a sua noiva e ela me revelou os seus segredos mais recônditos. Uma vez, jogou um beijo para um rapaz. Tinha cinco anos na época, e ele, seis; desde então, ela se arrepende amargamente daquele gesto impensado. Talvez tenha sido esse remorso que você detectou.

— Está dizendo a verdade, tio George?

— Examine-me com o seu olhar infalível e penetrante.

— Vou repetir o que acabei de dizer, e você saberá se estou ou não dizendo a verdade.

Repeti a história e ele murmurou, com ar pensativo:

— O que o senhor disse é a mais pura verdade, tio George. Será que Minerva me perdoaria?

— Claro que sim. Peça desculpas a ela e volte a ser o terror dos malfeitores que habitam as lojas de bebidas, as salas de reuniões das grandes companhias e os corredores dos palácios do governo, mas nunca, nunca mais duvide da mulher que você ama. Para ser perfeito, o amor exige confiança integral.

— Tem razão, tem razão! — exclamou Vandevanter.

E até hoje tem seguido o meu conselho. É o investigador mais conhecido de toda a força policial e foi promovido a detetive de segunda classe, com direito a um escritório no porão, ao lado da máquina de lavar. Casou-se com Minerva, e os dois são muito felizes juntos.

Minerva continua a comparar os beijos de Vandevanter com os de outros homens, e os resultados são sempre lisonjeiros pa-ra o rapaz. Existem ocasiões em que passa a noite inteira investigando um candidato mais promissor, mas ninguém ainda conseguiu suplantar o seu marido. Hoje ela é mãe de dois filhos, um dos quais se parece ligeiramente com Vandevanter.

E assim vai por terra a sua alegação, amigo velho, de que todas as intervenções

de Azazel são desastrosas.

— Acontece — argumentei — que você mentiu quando disse a Vandevanter que Minerva jamais havia tocado em outro homem.

— Fiz isso para salvar uma donzela inocente.

— Mas como foi que Vandevanter não detectou a mentira?

— Imagino que tenha sido por causa do meu ar de dignidade.

— Tenho outra teoria. Acho que nem você, nem sua pressão sangüínea, nem a condutividade elétrica da sua pele, nem as suas funções glandulares conseguem mais distinguir entre o que é verdadeiro e o que é falso. De modo que é impossível interpretar corretamente as suas reações.

— Não seja ridículo — disse George.

As Brigas da Primavera

Eu e George estávamos olhando para o compus da universidade, do outro lado do rio. George, que havia jantado lautamente à minha custa, se encontrava em um estado de nostalgia lacrimejante.

— Ah, os tempos de faculdade, os tempos de faculdade! — gemeu. — Que podemos encontrar na vida de adultos para compensar o que perdemos?

Olhei para ele, surpreso.

— Não me diga que estudou na universidade!

Ele amarrou a cara.

— Não sabe que fui o presidente mais famoso da fraternidade de Fi Fo Fum?

— Mas como pagava as taxas escolares?

— Através de bolsas de estudos! Elas não faltaram, depois que mostrei do que era capaz, comemorando nossas vitórias nos dormitórios femininos. Isso, e um tio rico.

— Eu não sabia que você tinha um tio rico, George.

— Depois dos seis anos que levei para me formar, ele não era mais rico. Pelo menos, não tão rico. Deixou o dinheiro que havia sobrado para um abrigo para gatos abandonados, fazendo várias observações a meu respeito no testamento que tenho vergonha de repetir. A vida nunca me fez justiça.

— Um dia, no futuro distante, faço questão de ouvir a história da sua vida, com todos os detalhes.

— Entretanto — continuou George —, os dias de faculdade foram uma época dourada em minha dura existência. Pude ver isso claramente há alguns anos, quando estive no compus da velha Universidade de Tate.

— Eles o convidaram para voltar lá? — perguntei, quase conseguindo esconder um traço de incredulidade na voz.

— Pretendiam convidar, estou certo — disse George. — Mas antes disso voltei a pedido de um ex-colega e velho amigo, Antiochus Schnell.

Já que você parece tão interessado [disse George], vou contar-lhe a história do

velho Antiochus Schnell. Ele era meu amigo inseparável nos tempos de colégio, meu fidus Achates (não sei porque gasto meu latim com um ignorante como você). Mesmo hoje em dia, embora tenha envelhecido muito mais acentuadamente do que eu, lembro-me de como era nos velhos tempos, quando engolíamos peixinhos dourados, lotávamos cabines telefônicas e removíamos calcinhas com golpes certeiros, sem ligar para os gritos histéricos das nossas colegas. Em suma: desfrutamos de todos os elevados prazeres de uma instituição de ensino superior.

Assim, quando o velho Antiochus Schnell disse que precisava conversar comigo a respeito de um assunto de suma importância, atendi imediatamente ao seu chamado.

— George — disse ele —, é o meu filho.

— Artaxerxes Schnell?

— Ele mesmo. Está na Universidade de Tate, cursando o segundo ano, mas as coisas não estão correndo bem para ele.

Franzi a testa.

— Viciou-se em drogas? Endividou-se? Apaixonou-se pela garçonete do restaurante universitário?

— Pior! Muito pior! — exclamou o velho Antiochus Schnell. — Ele não me contou (acho que não teve coragem), mas fiquei sabendo de tudo através de um colega, que me escreveu em segredo. George, velho amigo, meu pobre filho... vou dizer com toda a franqueza, sem usar de eufemismos... está estudando matemática!

— Estudando mate... — Não consegui pronunciar a abominável palavra por inteiro.

O velho Antiochus fez que sim com a cabeça.

— E ciências políticas, também. Ele está assistindo às aulas e estudando a matéria!

— Minha nossa! — exclamei, chocado.

— Artaxerxes deve ter um motivo para fazer isso, George. Se a mãe souber, não vai resistir. Ela é uma mulher sensível e não goza de boa saúde. Eu lhe peço, em nome da nossa antiga amizade, que vá a Tate e investigue o assunto. Se o rapaz

está sendo vítima de um engodo, faça-o voltar à razão.

Pelo bem da mãe dele e pelo próprio bem de Artaxerxes!

Apertei-lhe a mão com lágrimas nos olhos.

— Nada me impedirá — declarei. — Nenhum prazer terreno me desviará desta missão sagrada. Gastarei a última gota do meu sangue, se necessário... por falar em gastar, vou precisar de um cheque.

— De um cheque? — repetiu o velho Antiochus Schnell, que não era propriamente o que se pode considerar um mão-aberta.

— Para as diárias do hotel — expliquei. — Isso sem falar nas refeições, bebidas, gorjetas, na inflação e nos custos operacionais. Afinal, o que está em jogo é o futuro do seu filho, e não do meu.

O velho Antiochus finalmente concordou em me dar o cheque, e viajei para Tate. Assim que cheguei à cidade, tratei de procurar Artaxerxes. Mal tive tempo de jantar num restaurante de primeira, beber um excelente conhaque, dormir até as dez da manha e tomar café antes de visitá-lo no seu quarto.

Quando entrei no quarto, fiquei chocado. As estantes que escondiam as paredes estavam cheias, não de flâmulas e troféus esportivos, não de garrafas de rótulos coloridos, não de fotografias de jovens atraentemente despidas, mas de livros.

Um livro estava desavergonhadamente aberto sobre a cama, e acredito que ele o estivesse folheando pouco antes da minha chegada. Havia uma marca de tinta suspeita na mão direita, que ele desajeitadamente tentou esconder atrás das costas.

Entretanto, o próprio Artaxerxes foi um choque ainda maior para mim. Ele me reconheceu, é claro, como um velho amigo da família. Eu não o via fazia nove anos, mas nove anos não haviam mudado meu porte nobre nem minha postura franca e aberta. Nove anos antes, porém, Artaxerxes era um menino de dez anos, sem nenhum atrativo especial. Agora era um rapaz de dezenove, sem nenhum atrativo especial. Tinha pouco mais de um metro e setenta de altura, usava óculos grandes e redondos e o rosto era encovado.

— Quanto você pesa? — perguntei, impulsivamente.

— Quarenta e quatro quilos — murmurou.

Olhei para ele, penalizado. Era um fracote de quarenta e quatro quilos. Devia ser

o alvo natural das brincadeiras da turma.

Senti o coração apertado quando pensei: Pobre rapaz! Pobre rapaz! Com um corpo como aquele, como poderia tomar parte nas atividades principais da educação universitária? No futebol? No atletismo? Na luta livre? Nas representações teatrais? Quando os outros rapazes diziam: “Vamos alugar o velho celeiro, arranjar umas peças de roupa de segunda mão e montar uma comédia musical”, o que ele podia fazer? Com pulmões como aqueles, o máximo que conseguiria fazer era uma voz de soprano tuberculoso.

Naturalmente, as circunstâncias o haviam forçado a regredir à infância.

— Artaxerxes, meu rapaz — disse, baixinho, quase carinhosamente —, é verdade que você anda estudando matemática e economia política?

Ele fez que sim com a cabeça.

— E antropologia, também.

Procurei disfarçar minha indignação e prossegui o inter-rogatório.

— É verdade também que você assiste às aulas?

— Sinto muito, mas é verdade.

Havia uma lágrima furtiva no canto de um dos seus olhos, e no meio do horror que estava sentindo extraí alguma esperança do fato de que pelo menos ele era capaz de reconhecer o nível de degradação a que havia caído.

— Meu filho, por que não renuncia, agora mesmo, a essas práticas devassas e retorna à vida simples e pura de um estudante universitário?

— Não posso — soluçou. — Já fui longe demais. Ninguém pode me ajudar.

Eu estava ficando desesperado.

— Não há nenhuma mulher decente nesta universidade que possa ajudá-lo? O amor de uma mulher pode conseguir maravilhas...

Seus olhos se iluminaram. Eu tinha acertado em cheio.

— Philomel Kribb — balbuciou. — Ela é o sol, a lua e as estrelas que iluminam o mar da minha existência.

— Ah! — exclamei, detectando os sentimentos que se escondiam por trás

daquelas palavras contidas. — E ela sabe disso?

— Como posso contar a ela? Tenho certeza de que riria de mim.

— Você não desistiria da matemática por ela? Ele sacudiu a cabeça.

— Sou fraco... muito fraco.

Despedi-me do rapaz, disposto a falar imediatamente com Philomel Kribb.

Não foi difícil localizá-la. Verifiquei na secretaria que estava fazendo o curso de torcida organizada. Encontrei-a no ginásio, ensaiando.

Esperei pacientemente até os pulos e os gritos terminarem e pedi que me mostrassem Philomel. Era uma moça lou-ra, de estatura mediana, brilhando de saúde e transpiração, e dona de um corpo que me fez lamber os lábios. Era evidente que, por trás das perversões acadêmicas de Artaxerxes, ainda havia um rapaz interessado nos verdadeiros valores da vida universitária.

Depois de sair do chuveiro e vestir uma roupa colorida e esportiva, Philomel foi ao meu encontro, fresca e perfumada como um campo coberto de orvalho.

Fui direto ao assunto, dizendo a ela:

— Para Artaxerxes, você é o fenômeno astronômico mais importante da natureza.

Tive a impressão de que ela ficou comovida.

— Pobre Artaxerxes! Ele é um rapaz tão carente!

— Talvez precise da ajuda de uma boa mulher.

— Eu sei. Sei também que sou boa... pelo menos é o que dizem — acrescentou, corando ligeiramente. — Mas, que posso fazer? Não posso ir contra a biologia. Costigan Coice de Mula vive humilhando Artaxerxes. Ele o ridiculariza em público, derruba seus livros tolos no chão, faz dele gato e sapato, tudo diante dos risos cruéis da multidão. Sabe como é a atmosfera efervescente da primavera.

— Sei, sim — concordei, lembrando-me dos dias felizes e das muitas, muitas vezes em que havia segurado os paletós dos brigões. — As lutas da primavera!

Philomel suspirou.

— Gostaria que um dia Artaxerxes enfrentasse Coice de Muia, mesmo que para

isso precisasse de um banquinho. Afinal, Coice de Mula tem dois metros e cinco de altura. Mas, por alguma razão, Artaxerxes jamais reage. Acho que todo esse estudo deve estar fazendo mal a ele.

— É verdade, mas se você o ajudasse a combater o vicio...

— Oh, sei que, no fundo, ele é um rapaz decente, e eu o ajudaria se pudesse, mas o equipamento genético do meu corpo é fundamental e ele me coloca do lado de Coice de Mula. Coice de Mula é simpático, forte e dominador, e essas qualidades tocam o meu coração de membro da torcida organizada.

— E se Artaxerxes humilhasse Coice de Mula?

— Uma moça honesta — disse ela, empertigando-se orgulhosamente, e com isso brindando-me com uma fantástica exibição de proeminências frontais — deve seguir o seu coração, que inevitavelmente foge do humilhado e segue o humilhador.

Palavras simples, saídas, eu sabia, da alma de uma jovem de bem.

Agora estava tudo claro para mim. Se Artaxerxes ignorasse a pequena diferença de trinta e cinco centímetros e cinqüenta quilos e desse uma surra em Coice de Mula, Philomel seria de Artaxerxes e o transformaria em um homem de verdade, desses que passam a vida bebendo cerveja e vendo futebol na televisão.

Era um caso sob medida para Azazel.

Não sei se já lhe falei de Azazel, mas ele é um demônio de dois centímetros de altura, de outro tempo e lugar, que só eu sou capaz de conjurar, usando um método secreto que não posso revelar nem mesmo para você.

Azazel possui poderes muito superiores aos nossos, mas é desprovido de outras qualidades, pois coloca sempre os seus interesses mesquinhos acima das minhas necessidades mais fundamentais.

Desta vez, quando ele apareceu, estava deitado de lado, com os olhinhos fechados e a pequena cauda acariciando languidamente o ar.

— ó Poderoso Ser — disse eu, porque ele insiste em ser chamado desta forma.

Seus olhos se abriram, e ele soltou um grito agudo, muito desagradável.

— Onde está Ashtaroth? — perguntou. — Onde está minha bela e preciosa Ashtaroth, que há um momento se encontrava em meus braços?

Então ele me viu e resmungou, rangendo os dentes;

— Ah, é você! Sabe que me chamou justo no momento em que Ashtaroth... mas isso não é aqui nem lá.

— Nem acolá — disse eu. — Pense, porém, que depois de me ajudar, você pode voltar ao seu mundo meio minuto depois de haver partido. Assim, Ashtaroth terá tempo de ficar preocupada com o seu desaparecimento súbito, mas não de ficar furiosa. Seu reaparecimento a deixará radiante, e poderão voltar ao que estavam fazendo quando o chamei.

Azazel pensou por um momento e depois disse, no que era para ele um tom agradável:

— Você tem um cérebro pequeno, verme primitivo, mas às vezes pode ser tortuoso e portanto útil a pessoas como eu, dotadas de qualidades mentais superiores mas incapazes de um pensamento que se afaste da retidão. De que tipo de ajuda está precisando?

Expliquei o problema de Artaxerxes, e Azazel logo sugeriu:

— Posso aumentar a força dos seus músculos.

Sacudi a cabeça.

— Não é uma questão apenas de músculos. Ele vai precisar também de esperteza e coragem.

— Acha que é fácil mexer nas qualidades espirituais de uma pessoa? — protestou Azazel, indignado.

— Tem alguma outra sugestão?

— Claro que tenho. Afinal, não sou infinitamente superior a você? Se o seu amigo fracote não pode enfrentar diretamente o inimigo, que tal uma ação evasiva?

— Quer dizer sair correndo? — Sacudi a cabeça. — Acho que não ficaria muito bem para ele.

— Não falei em correr; falei em ação evasiva. Só preciso aumentar os seus reflexos, o que não será difícil para uma pessoa com as minhas habilidades. Para evitar que se canse desnecessariamente, posso fazer com que esses reflexos acelerados sejam ativados por uma descarga de adrenalina. Em outras palavras, ele ficará com os reflexos acelerados sempre que sentir medo, raiva ou outra emoção forte. Mostre-me o seu amigo de perto, e resolverei tudo em poucos

minutos. — Está combinado — disse eu. Quinze minutos depois, fui visitar Artaxerxes no seu quarto e permiti que Azazel olhasse para ele do bolso do meu paletó. Azazel aproveitou a oportunidade para modificar o sistema nervoso autônomo do rapaz antes de voltar para sua Ashtaroth. Meu passo seguinte foi escrever uma carta, disfarçando minha letra como se fosse a de um estudante (isto é, escrevendo a lápis e em letras de imprensa), e enfiar a carta debaixo da porta do quarto de Coice de Mula. Não tive de esperar muito tempo. Coice de Mula colocou um recado no quadro de avisos desafiando Artaxerxes a encontrar-se com ele na cantina da universidade. Artaxerxes não podia recusar.

Philomel e eu fomos lá, também, e ficamos do lado de fora de um multidão de alegres estudantes, ansiosos para se divertirem. Artaxerxes, trêmulo de medo, tinha nas mãos um grosso volume intitulado Manual de Química e Física. Mesmo nos momentos de crise, não conseguia livrar-se do vício. Coice de Mula, alto e musculoso, usando uma camisa de meia cuidadosamente rasgada, foi o primeiro a falar; — Schnell, soube que andou espalhando mentiras a meu respeito. Como sou bonzinho, quero dar-lhe a oportunidade de se defender antes que eu o reduza a pedaços. Disse a alguém que uma vez me surpreendeu lendo um livro?

— Uma vez vi você com uma revista de histórias em quadrinhos, mas ela estava de cabeça para baixo, de modo que não acho que estivesse lendo. De qualquer maneira, nunca contei para ninguém o que vi, — Disse a alguém que tenho medo de meninas e sou de muito falar e pouco fazer?

— Já ouvi algumas garotas comentarem isso, Coice de Mula, mas nunca repeti para ninguém.

Coice de Mula fez uma pausa. O pior ainda estava para vir.

— Escute, Schnell, você disse que eu era bicha?

— De jeito nenhum!

— Então você nega todas as acusações?

— Nego!

— E reconhece que é tudo mentira?

— Reconheço!

— Nesse caso — disse Coice de Mula, cerrando os dentes —, não vou matar você. Vou simplesmente quebrar um ossinho ou dois.

— As brigas da primavera! — gritaram os estudantes, rindo, enquanto faziam um círculo em torno dos dois combatentes.

— Vai ser uma luta justa — anunciou Coice de Mula, que, embora fosse um valentão, respeitava o código de honra. — Ninguém me ajuda e ninguém ajuda você. Isto fica entre nós dois.

— Vai ser uma luta justa! — repetiu, em coro, a platéia.

— Tire os óculos, Schnell — ordenou Coice de Mula.

— Não! — protestou valentemente Artaxerxes, pouco antes de um dos espectadores arrancar os óculos do seu rosto.

— Ei! Você está ajudando Coice de Mula! — exclamou Artaxerxes.

— Não, não estou. Estou ajudando você — disse o estudante, que agora estava segurando os óculos.

— Mas eu não posso ver Coice de Mula direito!

— Não se preocupe. Logo você vai me sentir! — disse Coice de Mula.

E sem mais palavras, desferiu um potente direto, apontando para o queixo de Artaxerxes.

O golpe atingiu o vazio, pois Artaxerxes havia recuado no último momento, fazendo com que o punho do adversário passasse a milímetros do seu rosto.

Coice de Mula parecia surpreso. Artaxerxes parecia estupefato.

— Agora chega de brincadeiras — disse Coice de Mula, desferindo dois socos em rápida seqüência.

Artaxerxes inclinou o corpo para a direita e para a esquerda, com uma expressão assustada, e temi que pegasse uma pneumonia com o deslocamento de ar causado pelos golpes de Coice de Mula.

Coice de Mula estava ficando cansado. Respirava com dificuldade.

— Que diabo está fazendo? — perguntou, furioso.

Artaxerxes, porém, já havia compreendido àquela altura que, por alguma razão, o adversário não podia atingi-lo. Assim, aproximou-se do outro e, levantando a mão que não estava segurando o livro, deu uma sonora bofetada em Coice de

Mula.

A platéia deixou escapar um suspiro de assombro, ao mesmo tempo que Coice de Mula perdia totalmente o controle. Tudo que se podia ver era um par de braços musculosos golpeando seguidamente um alvo que não parava de se mexer.

Depois de alguns minutos ali estava Coice de Mula, ofegante, a testa coberta de suor e totalmente exausto. Ao lado dele, Artaxerxes, calmo e sem um arranhão. Ainda conservava o livro nas mãos.

De repente, enfiou o livro no plexo solar de Coice de Mula, e quando este dobrou o corpo, golpeou-o na cabeça com o livro, com mais força ainda. O livro ficou seriamente avariado, mas Coice de Mula perdeu os sentidos.

Artaxerxes olhou em torno e disse:

— Será que o patife que pegou meus óculos pode devolvê-los agora?

— Pois não, Sr. Schnell — disse o estudante que estava com os óculos, com um sorriso servil. — Aqui estão. Tomei a liberdade de limpá-los.

— Ótimo. Agora dê o fora. Isso vale para todos vocês. Fora!

Eles obedeceram, atropelando-se na ansiedade para se afastarem da cena do combate. Apenas Philomel e eu ficamos.

Os olhos de Artaxerxes se fixaram na jovem. Ele levantou as sobrancelhas e fez um gesto com o dedo mindinho. Philomel aproximou-se humildemente, e quando ele deu meia-volta e se afastou, ela o seguiu com a mesma humildade.

Foi um final feliz em toda a linha. Artaxerxes, cheio de autoconfiança, descobriu que não precisava mais dos livros para se sentir importante. Passou a freqüentar o ginásio e se tornou campeão universitário de boxe. Era adorado por todas as estudantes, mas se casou com Philomel.

A sua fama como boxeador o ajudou a conquistar uma boa posição no mundo das finanças. Combinando uma inteligência brilhante com um tino incomum para negócios, conseguiu uma concessão para vender assentos de privada para o Pentágono. O melhor negócio que fez, porém, foi adquirir máquinas de lavar no comércio e revendê-las para órgãos do governo.

Por outro lado, seu antigo vício não deixou de ter alguma utilidade. Artaxerxes usa seus conhecimentos de matemática para calcular os lucros, os conhecimentos de economia política para conseguir que a receita federal aceite

suas deduções no imposto de renda e os conhecimentos de antropologia para Udar com os funcionários do governo.

Olhei para George, incrédulo.

— Está dizendo que neste caso você e Azazel realmente conseguiram ajudar um pobre inocente?

— Claro que sim — disse George.

— Mas isso quer dizer que vocês conhecem um homem extremamente rico e que deve tudo que possui a vocês.

— Você entendeu perfeitamente a situação, amigo velho.

— Então por que não arranca algum dinheiro dele?

Foi nessa altura que o rosto de George assumiu uma expressão sombria.

— Parece muito fácil, não é? Você diria que ainda existe gratidão neste mundo, certo? Você diria que existem indivíduos que, após se lhes explicar que sua capacidade sobre-humana de evasão é o resultado do árduo trabalho de um amigo, não hesitariam em cobrir esse amigo de presentes, não é mesmo?

— Quer dizer que Artaxerxes não fez isso?

— Não fez, não. Quando o procurei uma vez, para lhe pedir que investisse dez mil dólares em um plano meu que certamente renderia cem vezes essa quantia, uns míseros dez mil dólares que ele ganha toda vez que vende uma partida de parafusos e porcas para as Forças Armadas, ele mandou que um dos seus capangas me pusesse no olho da rua.

— Mas por que, George? Você sabe por quê?

— Custei para descobrir, mas agora já sei. Como lhe contei, amigo velho, Artaxerxes tem seus reflexos acelerados sempre que se encontra sob os efeitos de uma emoção violenta, como a raiva ou o medo. Azazel cuidou para que fosse assim.

— Eu sei. E dai?

— Sempre que Philomel pensa nas finanças da família e sente um certo ardor libidinoso, aproxima-se de Artaxerxes, que, percebendo a intenção da esposa, sofre uma descarga de adrenalina. Assim, quando Philomel se lança sobre ele, com entusiasmo juvenil...

— Que acontece?

— Ele se esquiva.

— Ah!

— Na verdade, ela jamais conseguiu aproximar-se do marido. Quanto mais ele se sente frustrado, maior sua emoção ao vê-la e mais rápidos e automáticos os seus reflexos. Ela, naturalmente, é forçada a procurar fora de casa alguém que a console. Ele, porém, não pode fazer a mesma coisa. Esquiva-se automaticamente de qualquer mulher jovem que se aproxime, mesmo que seja simplesmente para tratar de negócios. Artaxerxes se encontra na posição de Tântalo: a coisa está sempre ali, aparentemente disponível, mas fora do seu alcance para sempre. — Neste ponto, a voz de George assumiu um tom indignado. — E por esse pequeno inconveniente, ele me detesta.

— Você poderia pedir a Azazel para remover a maldição, quero dizer, para remover o dom que ele lhe deu.

— Azazel não gosta de operar duas vezes no mesmo indivíduo, não sei bem por quê. Além disso, por que eu faria um novo favor a uma pessoa tão ingrata? Por outro lado, olhe para você! Uma vez ou outra, você, mesmo sendo pão-duro como é, não se recusa a me emprestar uma nota de cinco (eu lhe asseguro que guardo um registro desses empréstimos em pequenos pedaços de papel que devem estar em algum lugar do meu quarto) e no entanto, qual foi o favor que lhe fiz? Se você pode me ajudar, mesmo sem ter recebido nenhum favor, por que ele não pode imitá-lo, depois de tudo que fiz por ele?

Pensei um pouco e depois disse:

— Escute, George. Prefiro que não me faça nenhum favor. Não tenho queixas da vida. Na verdade, só para que você se lembre bem de que eu não quero nenhum favor, que tal uma nota de dez?

— Se você insiste...

Galatéia

Por alguma razão, eu às vezes uso George como confidente. Como ele tem uma reserva ilimitada de simpatia, toda ela voltada para si mesmo, isso é inútil, mas existem ocasiões em que não posso evitar. Foi o que aconteceu naquele dia.

Estávamos esperando nossa torta de morango, depois de um lauto almoço no Peacock Alley, e eu disse:

— Estou farto, George, da falta de compreensão dos críticos. Eles não fazem nenhum esforço para descobrir o que estou tentando fazer. Não estou interessado a mínima no que eles fariam se estivessem em meu lugar. Afinal de contas, não sabem escrever, ou não perderiam tempo trabalhando como críticos. Tenho impressão de que o único prazer que eles têm na vida é fazer pouco das pessoas de talento. Pior ainda...

Mas a torta de morango chegou, e George aproveitou a oportunidade para tomar conta da conversa, algo que provavelmente faria mais ou menos àquela altura, mesmo que a sobremesa não tivesse chegado.

— Amigo velho, precisa aceitar com mais tranqüilidade as vicissitudes da vida. Diga para si mesmo, porque é verdade, que vocês escritores têm tão pouca influência sobre os destinos do mundo que as palavras dos críticos são incapazes de atingi-los. Se pensar assim, certamente se sentirá melhor. Talvez escape de contrair uma úlcera. Mais ainda, pode ser que pare de se lamentar na minha presença, o que faria de qualquer maneira se tivesse sensibilidade suficiente para perceber que meu trabalho é muito mais importante do que o seu e que as críticas que recebo são às vezes muito mais devastadoras.

— Está querendo me dizer que você também escreve? — perguntei, em tom sardônico, comendo um pedaço de torta.

— Não — respondeu George, entre duas garfadas. — Sou um indivíduo muito mais importante, um benfeitor da humanidade... um anônimo e depreciado benfeitor da humanidade.

Eu poderia jurar que seus olhos ficaram úmidos ao dizer isso.

— Acho difícil acreditar que a opinião de alguém a seu respeito pudesse descer tão baixo a ponto de ser considerada depreciativa.

— Vou ignorar esse comentário — disse George — e lhe contar que estava pensando em uma bela mulher chamada El-derberry Muggs.

— Elderberry? — repeti, com um toque de incredulidade na voz.

Elderberry era o seu nome [disse George]. Não sei por que os pais a batizaram assim. Talvez tenha sido para comemorar um evento marcante de suas relações pré-nupciais. De acordo com a própria Elderberry, os pais beberam muito vinho de elderberry antes de iniciarem as atividades que resultaram no seu nascimento. Se não fosse pelo vinho, talvez a moça nem existisse.

Seja como for, o pai dela, que era um velho amigo meu, me convidou para ser o padrinho, e não tive como recusar. Muitos amigos meus, impressionados pelo meu porte nobre e comportamento impecável, só se sentem à vontade na igreja quando estou ao lado deles, de modo que tenho um número relativamente grande de afilhados. Naturalmente, levo essas coisas a sério e compreendo muito bem a responsabilidade que pesa sobre os meus ombros. Procuro não perder o contato com os meus afilhados, ainda mais quando se tornam moças de rara beleza, como foi o caso de Elderberry.

Acontece que o pai morreu quando Elderberry tinha vinte anos, e ela herdou uma soma considerável, o que, naturalmente, só fez aumentar a sua beleza aos olhos do mundo em geral. Eu, pessoalmente, estou acima de coisas materiais como o dinheiro, mas senti que era o meu dever protegê-la contra possíveis caçadores de fortunas. Por isso, passei a procurá-la com freqüência ainda maior, e era rara a semana em que não jantávamos juntos, na casa dela. Afinal, ela gostava muito do tio George, como você bem pode imaginar, e não posso culpá-la por isso.

Acontece também que Elderberry não precisava do dinheiro do pai, porque se tornara uma escultora de renome, produzindo obras cujo valor artístico não podia ser questionado, já que eram vendidas por somas elevadíssimas.

Eu, pessoalmente, não compreendia muito bem os seus trabalhos, pois meu gosto artístico é muito refinado e me considero incapaz de apreciar as coisas que ela criava para o deleite daquela parcela da população capaz de pagar os preços extorsivos que ela pedia.

Lembro-se de uma ocasião em que lhe perguntei o que representava uma certa escultura.

— Como pode ver — disse ela —, o trabalho se chama "O Vôo da Cegonha".

Examinei o objeto, que era uma peça fundida do mais fino bronze, e observei:

— Está bem, eu vi a etiqueta, mas onde está a cegonha?

— Aqui — disse ela, apontando para um cone de metal que saía de uma base informe e terminava em uma ponta afiada.

Olhei para aquilo, pensativo, e depois perguntei:

— Isso é uma cegonha?

— Claro que é, seu velho cabeça-de-vento (ela sempre foi carinhosa comigo). Isso representa a ponta do bico da cegonha.

— E basta isso, Elderberry?

— Claro que sim! Não é a cegonha em si que estou tentando representar, mas a idéia abstrata de cegonhice, que é exatamente o que esta escultura desperta na mente do observador.

— Tem razão — concordei, levemente surpreso. — Agora que você chamou minha atenção para o fato... Ei, de acordo com o nome da peça, a cegonha está voando. Como explica isso?

— Ora, seu pedaço de asno, não está vendo a base amorfa?

— Como poderia deixar de vê-la?

— Vai negar que o ar (como aliás qualquer gás) é uma massa amorfa? Pois esta base de bronze, sem forma definida, representa exatamente a atmosfera. Observe também que em uma das faces existe uma linha reta, perfeitamente horizontal.

— Estou vendo.

— Pois representa a idéia abstrata de um pássaro voando.

— É notável! — exclamei. — Depois que você explicou, tudo faz sentido para mim. Quanto está pedindo por ela?

— Oh — fez ela, levantando a mão num gesto vago, como que a ressaltar a irrelevância da minha pergunta —, dez mil dólares, talvez. É uma coisa tão simples, tão pouco sofisticada, que me sentiria culpada se pedisse mais. É mais um morceau do que qualquer outra coisa. Este aqui é diferente — acrescentou, apontando para um mural na parede, construído com sacos de aniagem e pedaços de papelão. No centro havia um batedor de ovos quebrado, ainda com restos ressecados de ovo nas pás.

Olhei respeitosamente para a obra.

— Deve ter um valor inestimável.

— É o que eu acho — concordou. — O batedor de ovos não é novo, você sabe. Tem a patina da idade. Tive muita sorte de encontrá-lo em um ferro-velho — explicou.

Nesse momento, por alguma razão inexplicável, seu lábio inferior começou a tremer e ela exclamou, em tom choroso:

— Oh, tio George!

Fiquei instantaneamente alarmado. Segurei-lhe a mão esquerda, que era a que usava para esculpir, e apertei-a.

— Que foi, meu anjo?

— Oh, George! Estou cansada de produzir essas abstrações simples só porque agradam ao público. — Levou a mão direita à testa e declarou, em tom dramático: — Como eu gostaria de fazer o que quero", o que meu coração de artista me diz para fazer.

— E o que é, Elderberry?

— Quero fazer experiências. Quero partir em novas direções. Quero tentar o que ninguém nunca tentou, ousar o que nunca ninguém ousou, produzir o que nunca ninguém produziu.

— Então por que não faz isso, querida? Você é suficientemente rica para fazer o que quer.

De repente, seu rosto se iluminou e ela sorriu para mim.

— Muito obrigada, tio George. Muito obrigada por dizer isso. Na verdade, eu faço o que quero... de vez em quando. Tenho um quarto secreto que uso para guardar minhas pequenas experiências, aquelas obras que só podem ser apreciadas por quem possua um gosto artístico apurado.

— Posso vê-las?

— Claro que sim, meu querido tio! Depois de suas palavras de estímulo, como posso me recusar a mostrá-las? — exclamou.

Ela afastou uma grossa cortina, revelando uma porta secreta que era quase invisível de tão bem encaixada na parede. Apertou um botão, e a porta se abriu automaticamente. Entramos e, enquanto a porta se fechava atrás de nós,

lâmpadas fluorescentes acenderam-se para iluminar o quarto sem janelas, tornando-o claro como se fosse dia.

Quase imediatamente, vi diante de mim uma cegonha esculpida em pedra, os olhos vivos, o bico entreaberto, as asas meio estendidas. Parecia que a qualquer momento iria sair voando.

— Que coisa linda, Elderberry! — exclamei. — Nunca na minha vida vi nada parecido!

— O senhor gosta mesmo? Chamo isso de "arte fotográfica". Trata-se de uma técnica totalmente experimental, é claro. Os críticos e o público em geral não compreenderiam o que estou tentando fazer. Eles estão acostumados com abstrações simples, trabalhos superficiais, que qualquer um pode compreender. As obras que reuni nesta sala se destinam a pessoas de gosto refinado, que se dispõem a contemplar uma obra até assimilá-la com todas as suas implicações.

Depois disso, tive o privilégio de entrar no quarto secreto de tempos em tempos, para examinar as obras exóticas que os dedos fortes e o cinzel inspirado de minha afilhada haviam criado, Fiquei muito impressionado com uma cabeça de mulher que apresentava uma semelhança extraordinária com a própria Elderberry.

— Eu a chamo de "O Espelho" — explicou ela, com um sorriso tímido. — Retrata minha própria alma, não acha?

Concordei entusiasticamente.

Foi isso, penso eu, que finalmente a induziu a confiar-me seu segredo mais bem guardado. Eu havia perguntado a ela:

— Elderberry, por que você não tem... — fiz uma pausa e depois, desistindo de usar eufemismos, completei a frase com: — nenhum namorado?

— Namorados... — disse, com desprezo na voz. — Bah! Estão por toda parte, esses possíveis namorados de que está falando, mas porque me interessaria por eles? Sou uma artista. Tenho no meu coração, na minha mente e na minha alma uma imagem da verdadeira beleza masculina que a carne seria incapaz de imitar. Só alguém assim poderia conquistar meu coração. Foi alguém assim que conquistou meu coração.

— Conquistou, você disse? Então você tem um namorado, afinal de contas!

— Não é bem assim... mas venha, tio George, vou lhe mostrar. Com o senhor posso compartilhar meu grande segredo,

Voltamos ao quarto da arte fotográfica, e minha afilhada puxou outra cortina, revelando um alvo que eu não havia percebido antes. No interior da alvo havia a estátua de um homem de um metro e oitenta e cinco de altura, completa-mente nu e, até onde eu podia ver, anatomicamente perfeito nos mínimos detalhes.

Elderberry apertou um botão e a estátua começou a girar lentamente no pedestal. Parecia perfeita vista de qualquer ângulo.

— É minha obra-prima — murmurou a moça.

Não sou um grande admirador da beleza masculina, mas, no rosto adorável de Elderberry, detectei uma expressão que só podia ser caracterizada como amor.

— Você está apaixonada por esta estátua! — exclamei, chocado.

— Estou, sim — sussurrou a moça. — Morreria por ele. Enquanto existir, acharei os outros homens feios e desinteressantes. Não teria coragem de permitir que outro homem me tocasse. É ele que desejo. Apenas ele.

— Minha pobre criança... ele é uma estátua, e não uma pessoa real.

— Eu sei, eu sei — soluçou Elderberry. — Meu pobre coração está partido. Que posso fazer?

— É um caso muito triste! Faz-me lembrar a lenda de Pigmalião.

— Quem? — perguntou Elderberry, que, como todos os artistas, era uma alma simples, com uma educação um pouco deficiente.

— Pigmalião. A história se passa na Grécia antiga, Pigmalião era um escultor como você, a não ser, naturalmente, pelo fato de ser homem. E esculpiu uma estátua, como você, só que, naturalmente, foi a estátua de uma mulher. Ele a chamou de Galatéia. A estátua era tão bonita que Pigmalião se apaixonou por ela. Como pode ver, foi um caso muito parecido com o seu, a não ser pelo fato de que, no seu caso, é Galatéia que está viva e a estátua é de...

— Não! — protestou Elderberry, com veemência. — Não espere que eu o chame de Pigmahão! É um nome grosseiro, pesado. Gosto de nomes poéticos. Eu o chamo de Hank — afirmou, enquanto nos seus olhos se acendia de novo o fogo da paixão. — Hank. É um nome simples, suave, musical. Mas o que aconteceu a Pigmalião e Galatéia?

— Perdidamente apaixonado, Pigmalião rezou a Afrodite...

— Quem?

— Afrodite, a deusa grega do amor. Afrodite teve pena do rapaz e atendeu a suas preces, dando vida à estátua. Galatéia se tornou uma mulher de verdade, casou-se cora Pigmalião e viveram felizes para sempre.

— Hummm... — fez Elderberry. — Acho que Afrodite não passa de um mito, não é mesmo?

— Infelizmente, sim. Por outro lado... — Não me atrevi a prosseguir. Não sabia qual seria a reação da moça se ouvisse falar de Azazel, meu demônio de dois centímetros,

— É uma pena — disse Elderberry —, porque se alguém pudesse trazer à vida o meu Hank, se houvesse alguém capaz de transformar a fria rigidez do mármore na tépida maciez da carne, eu lhe daria... Oh, tio George, imagine poder abraçar Hank, sentir o calor do seu corpo, acariciá-lo dos pés à cabeça...

— Na verdade, meu anjo, eu jamais imaginaria uma coisa dessas, mas entendo o que quer dizer. Mas você afirmou que se houvesse alguém capaz de transformar a fria rigidez do mármore na tépida maciez da carne, daria alguma coisa a essa pessoa. Estava pensando em alguma coisa específica?

— Estava, sim! Eu daria um milhão de dólares a essa pessoa.

Fiz uma pausa, como qualquer pessoa faria, em sinal de respeito por aquela soma fantástica, e depois perguntei:

— Você tem um milhão de dólares, meu anjo?

— Eu tenho dois milhões de dólares, tio George — respondeu, com seu jeito simples e direto. — E não me importaria de abrir mão da metade. Valeria a pena, só para ficar com Hank. Além disso, não levaria muito tempo para recuperar o dinheiro vendendo obras abstratas para o público.

— Entendo — murmurei. — Pois não desanime, Elder-berry, que seu tio vai ver o que pode fazer por você.

Era um caso sob medida para Azazel, de modo que não hesitei em chamar meu pequeno amigo, que se parece com um pequeno demônio, tanto na cor como nos pequenos chifres e na cauda pontuda.

Como sempre, ele estava de mau humor e me fez perder tempo escutando as razões pelas quais estava de mau humor. Parece que havia produzido um trabalho artístico (artístico pelos padrões do seu mundo, que considero totalmente ridículos) e que o trabalho tinha sido arrasado pelos críticos. Os críticos são do

mesmo jeito em todo o universo, suponho: uma raça inútil e perversa.

Na verdade, acho que devemos nos sentir agradecidos pelo fato de os críticos terrestres ainda respeitarem algumas das normas de decência. A julgar pelo que Azazel me contou, o que os críticos disseram a respeito de sua obra excedeu tudo que já foi dito a respeito da sua, amigo velho. Foi a semelhança entre a sua situação e a dele que me fez lembrar deste caso em particular.

Foi com grande dificuldade que consegui interromper a enxurrada de lamúrias para pedir-lhe que desse vida à está-tua. Ele deu um grito agudo que quase me estourou os tímpanos.

— Dar vida a um objeto feito de silicato? Por que não me pede para construir um planeta a partir de excrementos? Como posso transformar pedra em carne?

— Certamente vossa magnificência encontrará um meio, ó Poderoso Ser. Depois de realizar esta obra momentosa, vosso prestígio crescerá a níveis nunca vistos. Os críticos do vosso mundo se sentirão como um bando de asnos.

— Eles são muito piores que um bando de asnos — protestou Azazel. — Se eles se sentissem como um bando de asnos, se sentiriam muito bem. Quero que se sintam como um bando de farfelanimores.

— Pois é exatamente como vão se sentir. Tudo que vossa magnificência tem a fazer é transformar o frio em quente, a pedra em carne, o duro em mole. Especialmente o duro em mole. Uma jovem amiga minha, a quem prezo muito, quer poder abraçar a estátua e sentir uma carne macia na ponta dos dedos. Não deve ser muito difícil para vossa magnificência. A estátua é uma representação perfeita de um ser humano. Basta enchê-la de músculos, vasos sangüíneos, órgãos e nervos, cobri-la de pele, e pronto.

— Só isso, não é? Muito fácil, não é?

— Lembre-se de que os críticos vão se sentir como um bando de farfelanimores.

— Hummm... isso é verdade. Você sabe como é o cheiro de um farfelanimore?

— Não, mas não precisa me explicar. E pode me usar como modelo.

— Com um modelo assim, vou estar bem arranjado. Sabe como um cérebro humano é complexo?

— No caso do cérebro, não precisa caprichar muito. Elderberry é uma moça simples e o que pretende fazer com a estátua não envolve diretamente o cérebro,

penso eu.

— Vai ter de me mostrar a estátua e me dar um tempo para pensar.

— Está bem, mas não se esqueça: a estátua terá de criar vida enquanto nós a estivermos observando, e deverá estar perdidamente apaixonada por Elderberry.

— Esta última parte é fácil. É só uma questão de ajustar os níveis hormonais.

No dia seguinte, dei um jeito de Elderberry me convidar (De novo para ver a estátua. Azazel estava no bolso do meu paletó. Quando entramos no quarto, ele pôs a cabecinha para fora e emitiu uma série de gritinhos. Felizmente, Elderberry tinha olhos apenas para a estátua e não teria reparado nem se vinte demônios dos grandes estivessem ali conosco.

— E então? — disse, mais tarde, para Azazel.

— Vou tentar. Como não sei direito como devem ser os órgãos internos, usarei cópias dos seus. Você é um representante normal dessa espécie rudimentar?

— Mais do que normal —- declarei, com orgulho. — Tenho um físico de primeira.

— Muito bem. Sua amiga vai ter uma estátua feita de carne viva, macia e palpitante. Só que terá de esperar até o meio-dia de amanhã. Essa coisa vai levar algum tempo.

— Está bem. Eu e ela estaremos esperando. Na manhã seguinte, telefonei para Elderberry.

— Elderberry, meu anjo, conversei com Afrodite.

— Quer dizer que ela existe, afinal, tio George? — ex-clamou a moça, agradavelmente surpresa.

— De certa forma, existe, minha criança. Seu homem ideal criará vida hoje ao meio-dia, diante dos nossos olhos.

— Oh, meu Deus! O senhor não está brincando, está, tio?

— De jeito nenhum — assegurei-lhe. Devo admitir que estava nervoso, porque dependia inteiramente de Azazel. Por outro lado, ele nunca havia me desapontado.

Ao meio-dia estávamos mais uma vez na alcova, olhando para a estátua, cujos

olhos de pedra fitavam o espaço. Disse para minha afilhada:

— Seu relógio está certo, meu anjo?

— Está, sim. Acertei pelo rádio. Falta ainda um minuto.

— Talvez a mudança ocorra com um minuto ou dois de atraso. É difícil calcular essas coisas com precisão.

— É claro que a deusa vai chegar na hora — disse Elderberry; — Afinal, ela é ou não uma deusa?

É isso que chamo de fé, e nesse caso uma fé justificada, porque, exatamente ao meio-dia, a estátua começou a tremer. Pouco a pouco, sua cor foi mudando do branco do mármore para um tom rosado de carne. Os braços assumiram uma posição mais natural, os olhos ganharam ura belo tom azul, os cabelos ficaram castanho-claros na cabeça e em outras partes estratégicas do corpo. Ele virou ligeiramente a cabeça e olhou para Elderberry, que não cabia em si de contentamento.

Depois, desceu do pedestal e caminhou lentamente em direção à moça, com os braços estendidos.

— Mim Hank, você Elderberry — disse.

— Oh, Hank! —exclamou Elderberry, abandonando-se nos seus braços.

Ficaram abraçados por um longo tempo. Depois, ela olhou para mim por sobre o ombro e disse, com os olhos brilhando:

— Hanke eu vamos ficar aqui por alguns dias, em uma espécie de lua-de-mel, e depois eu quero conversar com o senhor, tio George. — Fez um gesto com os dedos, com se estivesse contando dinheiro.

Quando vi aquele gesto, meus olhos também começaram 3 brilhar. Retirei-me pé ante pé. Para dizer a verdade, achava aquela cena um tanto incongruente: uma jovem totalmente vestida, abraçada a um homem nu. Estava convencido, porém, que, no momento em que deixasse o recinto, Elderberry se encarregaria de corrigir a incongruência.

Esperei em vão durante dez dias pelo telefonema de Elderberry. A princípio, não fiquei inteiramente surpreso, porque imaginei que estivesse ocupada com coisas mais importantes. Entretanto, comecei a pensar que um dia teria de parar para tomar fôlego, e, além disso, era justo que eu fosse recompensado pelos meus

esforços.

Dirigi-me ao seu apartamento, onde havia deixado o feliz casal, e toquei a campainha. Levou algum tempo para que alguém atendesse, e eu já estava começando a imaginar que eles poderiam ter-se amado até morrer quando a porta se abriu ligeiramente.

Era Elderberry, com um ar perfeitamente normal, se você considera um olhar furioso como perfeitamente normal.

— Oh, é você! — exclamou.

— Eu mesmo. Já estava começando a achar que vocês tinham resolvido continuar a lua-de-mel em outra cidade. — Não disse que temia que eles tivessem continuado a lua-de-mel até morrer, porque me pareceu de mau gosto.

— O que você quer? — perguntou a moça, em um tom nada amistoso. Eu podia compreender que ela não estivesse ansiosa para interromper suas atividades, mas depois de dez dias, uma pequena interrupção não pode ser considerada como o fim do mundo.

— Vim falar sobre o milhão de dólares que me prometeu, meu anjo — disse, empurrando a porta para entrar.

Ela olhou para mim de cara feia e resmungou:

— Pode perder as esperanças.

— Por quê? — perguntei, entre surpreso e ofendido. — Por quê? O que houve?

— O que houve? Vou lhe dizer o que houve. Quando eu disse que queria que Hank fosse macio, não queria dizer no corpo inteiro, permanentemente — retrucou.

Com sua força de escultora, empurrou-me para fora e bateu a porta. Enquanto estava lá, estupefato, abriu a porta de novo.

— E se aparecer de novo por aqui, vou pedir a Hank para fazê-lo em pedaços. Apesar de tudo, ele é forte como um touro.

De modo que fui embora. Que mais podia fazer? E que acha disso como uma crítica aos meus esforços artísticos? De modo que não me venha com suas lamúrias mesquinhas.

Quando terminou a história, George balançou a cabeça e fez um ar tão triste que me deixou comovido. Eu disse a ele:

— George, sei que você ficou aborrecido com Azazel, mas desta vez ele não teve culpa. Você mesmo disse a ele para transformar o duro em mole...

— Estava apenas repetindo as palavras dela! — protestou George, com indignação.

— É verdade, mas também disse a Azazel para usá-lo como modelo para projetar a estátua viva, de modo que não é de admirar que...

George me interrompeu com um gesto.

— Esse seu comentário me deixa ainda mais sentido do que deixar de ganhar todo aquele dinheiro. Fique sabendo que, apesar de já não estar mais na flor da idade...

— Está bem, está bem, George. Me desculpe. Sabe de uma coisa? Acabei de me lembrar que lhe devo dez dólares.

Bem, dez dólares são dez dólares. Para meu alívio, George pegou a nota e sorriu.

Vôo de Imaginação

Quando janto com George, prefiro não pagar a conta com um cartão de crédito. Uso dinheiro, para que meu amigo tenha oportunidade de se apoderar do troco, o que constitui um dos seus hábitos favoritos. Naturalmente, tenho o cuidado de não pagar com uma nota grande demais, para que o troco não seja excessivo, e deixo uma gorjeta separada para o garçom.

Naquela ocasião, tínhamos almoçado no Boathouse e estávamos passeando no parque. Era um lindo dia, e fazia um pouquinho de calor, de modo que nos sentamos em um banco, na sombra, para descansar.

George olhou para um passarinho pousado em um galho e depois o seguiu com os olhos quando voou.

Disse para mim:

— Quando eu era pequeno, ficava furioso porque esses bichinhos podiam voar e eu não.

— Acho que todas as crianças têm inveja dos pássaros — observei. — Os adultos, também. Acontece que os seres humanos podem voar, e até mais depressa e por mais tempo que os pássaros. Outro dia mesmo, um avião circunavegou a Terra em nove dias, sem parar nem se reabastecer. Nenhum passarinho seria capaz de fazer isso.

— Nem estaria interessado — protestou George, com ar de desdém. — Não estou falando em ficar sentado em uma máquina que voa, ou mesmo sair por aí pendurado em uma asa-delta. Esses são artifícios tecnológicos. Estou falando em controlar o vôo, em bater os braços enquanto você se desloca na direção desejada, flutuando suavemente no ar.

Suspirei.

— Ser imune à gravidade, em outras palavras. Uma vez tive um sonho assim, George. Sonhei que podia dar um pulo e permanecer no ar o tempo que quisesse, bastando para isso mover os braços bem devagar. Claro que eu sabia que era impossível, de modo que cheguei à conclusão de que estava sonhando. Mas logo depois (no meu sonho) acordei e descobri que estava na cama. Levantei-me da cama e descobri que ainda podia flutuar. Nesse momento, já que eu pensava que havia acordado, acreditei que realmente podia voar. Quando acordei de verdade e descobri que continuava prisioneiro da gravidade, como sempre, tive uma

grande decepção. Levei vários dias para me recuperar.

— Conheço um caso muito pior — declarou George.

— É mesmo? Você teve um sonho parecido? Só que maior e melhor?

— Sonho! Não lido com sonhos. Deixo isso para escribas amadores, como você. Estou falando da vida real.

— Quer dizer que você realmente voou. Espera que eu acredite que esteve a bordo de uma espaçonave em órbita?

— Não, não foi em uma espaçonave. Mas aqui mesmo na Terra. E não fui eu, e sim meu amigo Baldur Anderson... mas acho que é melhor eu contar a história do começo...

Quase todos os meus amigos [disse George] são intelectuais e profissionais liberais, mas Baldur era uma exceção. Trabalhava como motorista de táxi. Mesmo assim, tinha um profundo respeito pela ciência. Quantas noites passamos no nosso pub favorito, bebendo cerveja e conversando sobre o big bang, as leis da termodinâmica, engenharia genética, coisas desse tipo. Ele sempre se mostrava muito agradecido pela paciência que eu tinha para lhe explicar questões tão obscuras e, apesar dos meus protestos, como você pode bem imaginar, não me deixava pagar a conta.

Só havia um aspecto desagradável na sua personalidade: ele era um cético. Não estou me referindo ao cético do tipo filosófico, que se recusa a acreditar em poderes sobrenaturais, que se associa a alguma organização humanista secular e se expressa, elegantemente, em uma língua que ninguém conhece, através de artigos publicados em revistas que ninguém lê. Que mal há nisso?

Não, Baldur era o que antigamente teria sido chamado de o ateu da cidade. Freqüentemente, no pub, se envolvia em disputas com pessoas tão ignorantes quanto ele, discussões em altos brados, recheadas de palavras de baixo calão. Não era um espetáculo agradável de se ver. Um diálogo típico seria assim:

— Já que você se considera tão esperto, cabeça-de-minhoca — dizia Baldur —, diga onde foi que Caim arranjou uma mulher!

— Não é da sua conta — dizia o oponente.

— Porque, segundo a Bíblia, Eva era a única mulher que existia.

— Como é que você sabe?

— É o que diz na Bíblia.

— Conversa fiada. Mostre para mim onde está escrito: "Naquela época, Eva era a única mulher que existia em toda a Terra."

— Isso está implícito.

— Implícito, uma ova.

— Ah, é?

— É!

Às vezes eu tentava argumentar com Baldur.

— Baldur, não adianta discutir a respeito de questões de fé. Não resolve nada, e só serve para criar antagonismos.

— Tenho o direito constitucional de não aceitar essas besteiras e proclamar isso em alto e bom som!

— É claro que tem. Um dia, porém, um dos rapazes que vêm beber aqui pode perder a paciência e pôr você a nocaute antes de se lembrar dos seus direitos constitucionais.

— Esses rapazes têm obrigação de oferecer a outra face — argumentou Baldur. — É o que diz na Bíblia.

— Na hora, podem se esquecer.

— Não se preocupe. Sou perfeitamente capaz de me defender.

E devia ser verdade, porque ele era um homem grande e musculoso, com um nariz que parecia haver detido muitos socos e punhos que pareciam haver castigado de forma exemplar os autores de tais atos.

— Sei que é — disse eu —, mas nas discussões sobre religião geralmente há várias pessoas de um lado e você sozinho do outro. Se for atacado ao mesmo tempo por uma dúzia de pessoas, poderão literalmente reduzi-lo a pedaços. Além do mais — acrescentei —, suponha que você ganhe a discussão a respeito de algum ponto religioso. Nesse caso, você poderia fazer algum dos cavalheiros aqui presentes perder a fé. Gostaria de se sentir responsável por isso?

Baldur pareceu preocupado, porque no fundo era um homem de bom coração. Ele disse:

— Nunca discuto os pomos realmente delicados da religião. Falo de Caim; afirmo que Jonas não poderia sobreviver três dias na barriga de uma baleia, e que é impossível alguém andar sobre a água, mas não digo nada capaz de realmente abalar a fé de alguém. Já me ouviu falar mal de Papai Noel? Olhe, uma vez ouvi um cara anunciar em voz alta que Papai Noel tinha apenas oito renas e que Rudolph, a rena de nariz vermelho, jamais havia puxado aquele trenó. Eu disse para ele: "Que está querendo fazer, deixar as crianças infelizes?" E dei-lhe um soco no nariz, para ele aprender.

Fiquei comovido com tanta sensibilidade. Perguntei a ele:

— Como chegou a esse ponto, Baldur? O que o tornou uma pessoa tão cética?

— Foram os anjos — explicou, com uma careta.

— Os anjos?

— Isso mesmo. Quando eu era criança, vi retratos de anjos. Você já viu retratos de anjos?

— É claro.

— Eles têm asas. Eles têm braços e pernas, mas também grandes asas nas costas. Quando eu era criança, gostava de ler livros sobre ciência, e os livros diziam que todos os animais dotados de coluna vertebral tinham quatro membros. Podiam ser quatro nadadeiras, quatro pernas, duas pernas e dois braços ou duas pernas e duas asas. Às vezes, podiam perder as duas pernas traseiras, como aconteceu com as baleias, as duas patas dianteiras, como os quivis, ou todas as quatro patas, como as cobras. Mas nenhum podia ter mais que quatro membros. Acontece que, de acordo com os retratos, os anjos tinham seis membros: duas pernas, dois braços e duas asas. Eles têm coluna vertebral, certo? Não são insetos ou coisa parecida. Pedi a minha mãe para me explicar como isso era possível e ela me disse para calar a boca. Foi aí que comecei a duvidar.

— Na verdade, Baldur — observei —, você não pode tomar ao pé da letra essas representações dos anjos. As asas são simbólicas. Estão ali apenas para sugerir a rapidez com que os anjos podem se deslocar de um lugar para outro.

— Ah, é? Pois pergunte a algum daqueles sujeitos se os anjos têm asas. Eles acreditam que os anjos têm asas. São estúpidos demais para entender a questão dos seis membros. A coisa toda não faz sentido. Os anjos também me incomodam de outra forma. Se eles podem voar, por que eu não posso? Isso não é justo — retrucou.

Ele fez beicinho e parecia estar a ponto de chorar. Meu coração mole começou a derreter e procurei alguma forma de consolá-lo.

— Baldur, quando você morrer e for para o céu, vai ganhar um par de asas, uma auréola, e poderá voar à vontade!

— Você acredita mesmo nessa bobagem, George?

— Não exatamente, meu amigo, mas seria ura grande conforto para mim se acreditasse. Por que você não tenta?

— Não posso, porque não é científico. Durante toda a minha vida, tive vontade de voar, por mira mesmo, apenas eu e meus braços. Acho que deve haver algum meio científico de voar, aqui mesmo na Terra.

Eu ainda estava tentando consolá-lo, de modo que declarei, de forma imprudente (acho que tinha bebido um pouquinho demais):

— Tenho certeza de que existe um meio.

Ele me olhou com uma expressão de censura nos olhos levemente injetados.

— Está mexendo comigo? Tem coragem de fazer troça de um desejo honesto de infância?

— Não, não — disse eu, e de repente me ocorreu que ele tinha bebido uns doze drinques a mais e que seu punho direito parecia meio irrequieto. — Como poderia fazer troça de um desejo honesto de infância? Ou mesmo de uma obsessão de adulto? Acontece que eu conheço um... um cientista que talvez possa ajudá-lo.

Ele ainda parecia beligerante.

— Pergunte a ele — disse, de cara amarrada —, e depois me conte o resultado. Não gosto quando as pessoas mexem comigo. Não está certo. Eu não mexo com você, mexo?

Fico dizendo gracinhas só porque você nunca paga uma conta?

Estávamos entrando em terreno perigoso. Apressei-me a dizer:

— Vou consultar meu amigo. Não se preocupe. Eu cuido de tudo.

E estava falando sério. Não queria ficar sem os meus drinques de graça e queria ainda menos incorrer na fúria de Baldur. Ele não acreditava nas recomendações

da Bíblia para amar os inimigos e oferecer a outra face. Baldur era mais da teoria de socar os inimigos.

De modo que chamei Azazel, meu amigo extraterrestre. Já contei a você que eu tenho... contei? Pois decidi chamá-lo.

Azazel, como sempre, estava de péssimo humor quando chegou. Sua cauda estava levantada em um ângulo estranho. Quando lhe perguntei o que havia acontecido, começou a fazer comentários desairosos a respeito dos meus antepassados... que, diga-se de passagem, eram totalmente falsos.

Deduzi que alguém pisara na sua cauda. Azazel é uma criatura muito pequena; não deve ter mais que dois centímetros de altura, sem contar com a cauda. Mesmo no seu mundo, suspeito que sua estatura está abaixo da média, o que, sem dúvida, devia ter contribuído para aquele incidente tão humilhante.

Disse para ele, tentando aplacá-lo:

— Se tivésseis a capacidade de voar, ó Poderoso Ser a Quem todo o Universo Presta Homenagem, não estaríeis sujeito às botas pesadas de idiotas que não olham por onde andam.

Isso pareceu animá-lo um pouco. Repetiu a segunda parte da frase para si mesmo, como se estivesse tentando memorizá-la para uso futuro. Depois, disse:

— Eu lenho a capacidade de voar, sua Massa Repugnante de Carne Inútil, e teria voado, se me desse o trabalho de notar a presença daquele indivíduo das classes inferiores que, em sua incompetência, acabou por cruzar o meu caminho da forma mais dolorosa. Mas afinal, o que você quer? — Ele disse essas últimas palavras no que pretendia que fosse um tom ríspido, mas que, em sua vozinha aguda, soou mais como um zumbido.

— Acontece, ó Ser Sublime, que existem pessoas no meu mundo que não são capazes de voar.

— No seu mundo, nenhuma pessoa pode voar. Vocês são tão pesados, tão volumosos, tão desajeitados quanto os sha-lidraconicônios. Se você soubesse alguma coisa de aerodinâmica, seu Inseto Infeliz, saberia que...

— Curvo-me ao vosso intelecto superior. Sábio dos Sábios, mas passou-me pela cabeça que talvez, com a ajuda de um pouquinho de antigravidade...

— Antigravidade? Sabe como é difícil...

— Permita-me lembrar, ó Mente Colossal, que já houve um precedente*...

— Aquele, se bem me lembro, foi apenas um tratamento parcial — disse Azazel. — O suficiente apenas para uma pessoa se mover acima da água sólida que existe neste seu mundo horroroso. O que está me pedindo agora é algo muito mais drástico.

— Sim, tenho um amigo que gostaria de voar.

— Você tem amigos estranhos — retrucou.

Ele se sentou na cauda, como costumava fazer quando precisava pensar, e, naturalmente, levantou-se de um salto, com um gritinho de dor. Soprei-lhe a cauda, o que pareceu fazer algum efeito e deixá-lo mais disposto a colaborar. Ele disse:

— Vamos precisar de um aparelho antigravitacional, que, é claro, terei de construir para você. Vamos precisar também da cooperação total do sistema nervoso autônomo do seu amigo, se é que ele tem um.

— Acho que ele tem, sim. Mas como vamos fazer com que ele coopere?

Azazel hesitou.

— Acho que basta que ele acredite que pode voar.

Visitei Baldur dois dias depois, no seu modesto apartamento. Tirei o aparelho do bolso e mostrei-o para ele.

“Vide “Deslizando na Neve”.

— Tome — disse para o meu amigo.

Não era nada de chamar a atenção. Tinha o tamanho e a forma de uma noz. Quando colocado perto do ouvido, podia-se ouvir um leve zumbido. Eu não sabia que fonte de alimentação usava, mas Azazel assegurara-me que jamais se esgotaria.

Ele também me dissera que o aparelho tinha de estar em contato com a pele do usuário, de modo que eu o havia prendido em uma corrente, transformando-o em um medalhão.

— Tome — disse, de novo, enquanto Baldur se encolhia, desconfiado. — Ponha a corrente no pescoço e use-a debaixo da camisa. Debaixo da camiseta, também, se estiver de camiseta.

— Que é isso, George?

— É um aparelho antigravitacional, Baldur. A última novidade na praça. Muito científico e também muito secreto. Não deve contar a ninguém a respeito dele.

Ele estendeu a mão para pegá-lo.

— Tem certeza? Foi seu amigo que lhe deu? Fiz que sim com a cabeça.

— Pendure no pescoço.

Com muita hesitação, Baldur enfiou a corrente na cabeça. Encorajado por mim, desabotoou a camisa, deixou o aparelho cair por trás da camiseta e tornou a abotoar-se.

— E agora?

— Agora é só bater os braços e você vai voar.

Ele bateu os braços e nada aconteceu. As sobrancelhas se contraíram sobre os olhos miúdos.

— Está querendo me gozar?

— Não. Você tem de acreditar que vai voar, Não viu o Peter Pan no cinema? Diga para você mesmo: "Posso voar, posso voar, posso voar."

— Mas eles tinham um espécie de pó.

— Aquele pó não era nada científico. O aparelho que você está usando é científico. Diga para você mesmo que é capaz de voar.

Baldur olhou para mim fixamente, e devo confessar que, embora seja corajoso como um leão, fiquei um pouquinho preocupado. Disse para ele:

— Pode levar um certo tempo, Baldur. Você precisa antes dominar a técnica.

Ele ainda estava olhando para mim de cara feia. mas agitou vigorosamente os braços e disse:

— Posso voar. Posso voar. Posso voar!

Nada aconteceu.

— Pule! Talvez esteja só precisando de um impulso — exclamei.

Comecei a imaginar se daquela vez Azazel realmente sabia o que estava fazendo. Baldur deu um pulo, ainda mexendo com os braços. Subiu uns cinqüenta centímetros no ar, ficou ali parado enquanto eu contava até três e depois desceu lentamente.

— Ei! — exclamou, muito animado.

— Ei! — repeti, com uma certa surpresa.

— Acho que eu estava flutuando.

— E com muita elegância.

— É. Eu posso voar. Vamos tentar de novo — falou.

Foi o que fez, deixando uma marca de gordura no teto no lugar onde sua cabeça bateu. Ele desceu esfregando a cabeça.

— Você não pode subir mais que um metro e meio — observei.

— Aqui dentro, não. Vamos lá para fora.

— Está maluco? As pessoas não podem saber que você pode voar. Vão tomar-lhe o aparelho antigravitacional para que os cientistas possam examiná-lo, e você nunca mais o terá de volta. Meu amigo é o único que conhece o aparelho.

— Que devo fazer, então?

— Contente-se em voar dentro de casa.

— Isso é muito pouco.

— Pouco? Há cinco minutos, você não conseguia nem sair do chão!

Minha lógica brilhante, como sempre, prevaleceu.

Devo admitir que enquanto o observava adejar graciosamente no ar não muito perfumado dos limitados confins de sua sala de estar, senti um impulso quase irresistível de experimentar pessoalmente o aparelho. Entretanto, não sabia se o meu amigo estaria disposto a emprestá-lo e, além do mais, tinha uma forte suspeita de que não funcionaria comigo.

Azazel sempre se recusou a fazer alguma coisa diretamente em meu benefício, alegando razões éticas. Seus dons, afirma, são para ajudar os outros, sem receber nada em troca. Gostaria que não pensasse assim, ou pelo menos que os outros

não pensassem assim. Jamais consegui obter uma recompensa justa pelos serviços de Azazel.

Finalmente, Baldur pousou em uma das cadeiras da sala e comentou, muito animado:

— Quer dizer que eu só posso voar porque acredito que posso?

— Isso mesmo — concordei. — É um vôo de imaginação.

A frase me agradou muito, mas Baldur não tem nenhuma sensibilidade para essas coisas. Ele disse:

— Está vendo, George, é muito melhor acreditar na ciência do que no céu e em todas essas bobagens a respeito de anjos.

— Concordo plenamente. Vamos sair para jantar e depois tomar uns drinques?

— Boa idéia — disse Baldur. E tivemos uma noite excelente.

Daquele diante em diante, porém, percebi que nem tudo estava bem. Baldur parecia triste, melancólico. Abandonou os lugares que costumava freqüentar e encontrou novos bares.

Eu não me importei. Os novos estabelecimentos eram de melhor nível que os antigos, e um deles tinha um excelente martíni seco. Mesmo assim, fiquei curioso e perguntei a ele o que estava acontecendo.

— Não agüento mais discutir com aqueles idiotas — disse Baldur, com uma careta. — A toda hora, sinto vontade de dizer a eles: "Posso voar como um anjo; será que só por causa disso vocês vão me considerar um santo?" Acha que acreditariam em mim? Acreditam em todas aquelas bobagens a respeito de cobras que falam e mulheres que são transformadas em sal... contos de fadas, nada mais que contos de fadas. Mas em mim, eles não iriam acreditar. Não, senhor. Por isso, preferi me afastar deles. É como diz a Bíblia: "Não procures a companhia de vagabundos, nem te sentes à mesa com desocupados."

De vez em quando, ele explodia:

— Não agüento mais ficar voando apenas no meu apartamento. Sinto falta de espaço. Não dá para sentir. Tenho de fazer a coisa ao ar livre. Quero subir para o céu e sair planando por aí.

— Vão ver você.

— Posso voar à noite.

— Você vai bater numa montanha e quebrar o pescoço.

— Não, se subir para valer.

— O que você vai ver lá de cima, à noite? É melhor continuar voando dentro de casa.

— Posso encontrar um lugar onde não haja pessoas.

— Hoje em dia não existe nenhum lugar assim.

Minha lógica brilhante sempre o convencia, mas ele foi ficando cada vez mais infeliz até que, de repente, passou vá-rios dias sem aparecer. Não estava em casa. A companhia de táxis onde trabalhava disse que tinha tirado duas semanas de férias, sem avisar para onde ia. Não que eu sentisse muita falta da sua hospitalidade (pelo menos, esse não era o motivo principal), mas estava com medo de que o meu amigo se metesse em alguma confusão com a sua mania de voar.

Um dia, ele me ligou do seu apartamento. Quase não re-conheci sua voz chorosa e, naturalmente, fui logo vê-lo quando explicou que precisava muito falar comigo.

Estava sentado na sala, com um ar muito triste e desanimado.

— George — disse —, cometi um grande erro.

— Que foi que você fez, Baldur?

— Lembra-se de que eu lhe disse que precisava de um lugar onde não houvesse pessoas?

— Lembro.

— Pois eu tive uma idéia. Quando o serviço de meteorologia disse que haveria uma semana de sol, tirei umas férias e aluguei um avião. Fui para um desses aeroportos onde você pode pagar para dar uma volta de avião... como se fosse um táxi.

— Eu sei, eu sei.

— Disse ao cara para sair da cidade e ficar sobrevoando os arredores. Expliquei que queria apreciar a vista. O que eu queria fazer na verdade era procurar um

lugar bem deserto; quando encontrasse o que queria, descobriria onde era e nos fins de semana iria até lá para voar como sempre desejei voar durante toda a minha vida.

— Baldur — protestei —, de lá de cima é impossível saber. Um lugar pode parecer vazio e na verdade estar cheio de pessoas.

— Não adianta me dizer isso agora — observou, em tom amargo. Fez uma pausa, balançou a cabeça e prosseguiu. — Era um desses aviões bem antigos. Uma carlinga aberta na frente e um assento aberto para o passageiro atrás. Eu me inclinei para fora a fim de poder olhar bem e ter certeza de que não havia estradas, nem automóveis, nem casas de fazenda. Tinha tirado o cinto de segurança para ficar más à vontade. Você entende, depois que aprendi a voar, perdi o medo das alturas. Só que estava inclinado para fora, o piloto não sabia e fez uma curva brusca, o avião se inclinou na direção para onde eu estava olhando, e antes que eu pudesse fazer alguma coisa, estava no ar.

— Nossa Senhora! — exclamei.

Baldur tinha aberto uma lata de cerveja e fez uma pausa para tomar um gole. Enxugou os lábios com as costas da mão e disse:

— George, você já caiu de um avião sem pára-quedas?

— Não... por mais que pense, não me lembro deter passado por isso alguma vez na vida.

— Pois deve experimentar. É uma sensação engraçada.

Fui pego totalmente de surpresa. Por alguns momentos, não sabia nem mesmo o que havia acontecido. Estava cercado de ar por todos os lados e o chão começou a girar, enquanto ao mesmo tempo subia ao meu encontro. Perguntei para mira mesmo: “Que diabo está acontecendo?” Depois de algum tempo, comecei a sentir um vento muito forte, só que não dava para saber de onde estava vindo. Foi ai que me ocorreu que eu estava caindo. Disse para mim mesmo: “Ei, estou caindo!”

E no momento em que disse isso, percebi que era verdade, que eu estava caindo cada vez mais depressa na direção daquele chão duro e que tapar os olhos com as mãos não ia adiantar nada.

“Você acredita, George, que nesse tempo todo nem me lembrei de que era capaz de voar? Tal havia sido minha surpresa. Eu podia ter morrido. Mas quando eu estava quase lá embaixo, lembrei-me e disse para mim mesmo: “Posso voar!

Posso voar!” Foi como derrapar no ar. Foi como se o ar se transformasse em uma grande tira de borracha presa às minhas costas e me puxasse para cima, de modo que a velocidade com que eu estava caindo começou a diminuir. Quando estava quase chegando à altura da copa das árvores. Já estava indo bem devagar e pensei: “Bem que eu podia arriscar um voozinho.” Mas eu estava um pouco cansado, de modo que endireitei o corpo, reduzi ainda mais a velocidade e toquei o solo com toda a suavidade.

“E você tem toda razão, George. Quando eu estava lá em cima, tudo parecia deserto, mas quando cheguei ao chão uma multidão me cercou e vi que havia uma igreja ali perto. Acho que eu não havia visto a igreja por causa das árvores — falou.

Baldur fechou os olhos e, por alguns instantes, se contentou em respirar fundo.

— Que aconteceu, Baldur? — perguntei, afinal.

— Você nunca vai adivinhar.

— Não pretendo adivinhar. Simplesmente me conte. Ele abriu os olhos e disse:

— Todos tinham acabado de sair da igreja. Eram gente muito religiosa. Um deles se ajoelhou, levantou as mãos para o céu e exclamou: “Milagre! Milagre!” Os outros começaram a imitá-lo. Foi uma algazarra dos diabos. Um sujeito gordo e baixinho chegou perto de mim e disse; “Eu sou médico.

Conte-me o que aconteceu.” Eu não sabia o que dizer. Como é que eu ia explicar meu súbito aparecimento? Poderiam achar que eu era um anjo. De modo que resolvi contar a verdade:

“Caí de um avião.” Foi o que bastou para todo mundo começar a gritar “Milagre!” de novo.

“O médico perguntou: “Você estava de pára-quedas?” Eu não podia dizer que sim porque não tinha nenhum pára-quedas para mostrar, de modo que respondi: “Não.” Ele disse: “Viram você pousar suavemente.” Foi então que outro sujeito, o padre da igreja, comentou, muito sério: “Foi a mão de Deus que o sustentou.”

“Sabe que não agüento ouvir essas bobagens, de modo que protestei: “Não foi nada disso. Estava usando um aparelho antigravitacional.” O médico perguntou para mim:

“Estava usando o quê?” Eu repeti: “Um aparelho antigravitacional.” Ele começou a rir e disse: “Se eu fosse você, preferia a mão de Deus”, como se eu

estivesse contando uma piada. “Àquela altura, o piloto tinha pousado o avião e apareceu, branco como uma folha de papel, dizendo: *A culpa não foi minha. O idiota desafivelou o cinto de segurança.” Foi então que me viu, ali parado, e quase desmaiou. “Como conseguiu se salvar?”, perguntou. “Você não estava usando pára-quedas.” E todo mundo começou a cantar algum tipo de hino religioso. O padre puxou o piloto de lado e disse-lhe que tinha sido a mão de Deus, que eu havia sido salvo para realizar grandes obras neste mundo e que todos em sua paróquia que estavam presentes naquele dia estavam mais certos do que nunca de que Deus estava no seu trono, trabalhando o tempo todo pela humanidade, e coisas assim.

“Até eu comecei a ficar impressionado. Quero dizer, a achar que tinha sido salvo para fazer alguma coisa importante. Depois chegaram os repórteres e mais alguns médicos (não sei quem os chamou). Os repórteres me fizeram tantas perguntas que me deixaram quase louco, mas afinal os médicos disseram que chegava e me levaram ao hospital para ser examinado.

Eu estava estupefato.

— Quer dizer que eles levaram mesmo você para um hospital?

— E não me deixaram sozinho um só momento. A notícia apareceu na primeira página do jornal local, e um cientista veio de Rutgers ou coisa parecida para me interrogar. Eu expliquei que tinha usado um aparelho antigravitacional, e ele começou a rir. Disse para ele: “Que acha que aconteceu, então? Um milagre? Logo você? Um cientista?” Ele disse: “Existem muitos cientistas que acreditam em Deus, mas nenhum cientista acredita na antigravidade.” E acrescentou: “Mas se me mostrar o aparelho, Sr. Anderson, pode ser que eu mude de idéia.” Acontece que o aparelho não funcionou, nem naquela ocasião nem nunca mais.

Para minha surpresa, Baldur cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

— Procure controlar-se, Baldur. Você sabe que o aparelho funciona.

Ele sacudiu a cabeça e disse, com voz embargada:

— Não, não funciona mais. Para que funcione, é preciso que eu acredite nele, o que não ocorre mais. Todo mundo diz que foi um milagre. Ninguém acredita na antigravidade.

Os cientistas dizem que o objeto que eu tinha pendurado no pescoço era apenas um pedaço de metal, sem nenhuma fonte de energia, sem nenhum controle, e que de acordo com Einstein, aquele sujeito da relatividade, a antigravidade era impossível. George, eu devia ter seguido os seus conselhos. Agora, nunca mais

vou voar de novo, porque perdi a fé. Talvez a antigravidade não exista e tenha sido tudo obra de Deus, que por alguma razão estava agindo por seu intermédio. Estou começando a acreditar em Deus, sabe?

Pobre sujeito. Nunca mais tornou a voar. Ele me deu o aparelho de volta, e eu o entreguei a Azazel.

Algum tempo depois, Baldur largou o emprego e foi trabalhar como diácono na igreja perto da qual havia caído. Todos o tratam muito bem, porque acreditam que Deus o protege.

Olhei para George, mas seu rosto, como sempre acontece quando fala de Azazel, permaneceu impassível.

— George, isso aconteceu há pouco tempo? — perguntei-lhe.

— Ano passado.

— Com toda essa história de milagre, jornalistas e manchetes?

— Isso mesmo.

— Como é que você explica, então, o fato de que não vi nenhuma notícia a respeito nos jornais?

George meteu a mão no bolso e tirou os cinco dólares e oitenta e dois centavos que representavam o troco que havia recolhido depois que eu pagara o almoço com uma nota de vinte e uma de dez. Separou a nota e disse:

— Aposto cinco dólares que posso explicar isso.

— Aposto cinco dólares que não pode — disse eu, sem hesitação.

— O único jornal que você lê é o New York Times, certo?

— Certo.

— E o New York Times, como prova de respeito para o que há de melhor em Ficção Científica, com o que considera o seu público intelectualizado, coloca todas as notícias sobre milagres na página 31, em algum lugar obscuro, perto dos anúncios de biquínis, certo?

— Pode ser, mas o que o faz pensar que eu não leria a notícia, mesmo que fosse publicada com pouco destaque?

— Porque — concluiu George, com ar triunfante — todo mundo sabe que, com exceção das manchetes, você não lê nada no jornal. Você folheia o New York Times apenas para ver se o seu nome é mencionado em algum lugar.

Pensei um pouco e depois o deixei ficar com os outros cinco dólares. O que ele disse não é verdade, mas sei que muita gente pensa a mesma coisa, de modo que achei que não adiantava discutir com ele.

* **

* * *